

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**

**LUÍS HENRIQUE DE CASTRO DOS SANTOS**

**TOPO-PAISAGEM EM DIÁRIO DE BITITA: PALIMPSESTO LITERÁRIO**

**CAMPINAS**

**2025**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**  
**ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LINGUAGENS,**  
**MÍDIA E ARTE**  
**LUÍS HENRIQUE DE CASTRO DOS SANTOS**

**TOPO-PAISAGEM EM DIÁRIO DE BITITA: PALIMPSESTO LITERÁRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguagens, Mídia e Arte da Escola de Linguagem e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do título de Mestre em Linguagens, Mídia e Arte.

Orientadora: Prof. Dra. Luisa Angélica Paraguai Donati

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001

CAMPINAS  
2025

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS**  
**ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUAGENS,**  
**MÍDIA E ARTE**  
**LUÍS HENRIQUE DE CASTRO DOS SANTOS**

**TOPO-PAISAGEM EM DIÁRIO DE BITITA: PALIMPSESTO LITERÁRIO**

Dissertação defendida e aprovada em 26  
de fevereiro de 2025 pela comissão  
examinadora:

---

Prof(a). Dr(a). Luísa Angélica Paraguai  
Donati  
Orientadora e presidente da comissão  
examinadora.  
Pontifícia Universidade Católica de  
Campinas

---

Prof(a). Dr(a). Jane Victal Ferreira  
Pontifícia Universidade Católica de  
Campinas

---

  
Prof(a). Dr(a). Máira Kahl Ferraz  
Instituto Federal de São Paulo

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI  
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

|       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|-------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| S237t | <p>Santos, Luís Henrique de Castro dos</p> <p>Topo-paisagem em Diário de Bitita : Palimpsesto literário / Luís Henrique de Castro dos Santos. - Campinas: PUC-Campinas, 2025.</p> <p>117 f.</p> <p>Orientador: Luisa Angélica Paraguai Donati.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte) - Programa de Pós-graduação em Linguagens, Mídia e Arte, Escola de Linguagem e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2025.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Carolina Maria de Jesus. 2. Cartografia Literária. 3. Etnobiografia. I. Donati, Luisa Angélica Paraguai. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Linguagem e Comunicação. Programa de Pós-graduação em Linguagens, Mídia e Arte. III. Título.</p> |
|-------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Dedico à minha família e a todas as Bititas

## **AGRADECIMENTOS**

Em especial agradeço,

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior, pela concessão da bolsa, para a realização e o desenvolvimento dos estudos desta dissertação de mestrado.

À professora, pesquisadora, artista e orientadora, Dra. Luisa Angélica Paraguai Donati, pela sua dedicação em todos os momentos de estudos, reflexão, leituras, os materiais fornecidos e a parceria. Desde nossa primeira conversa em fevereiro de 2023, houve várias trocas de conhecimentos e indagações entorno do nosso interesse mútuo em compreender o espaço geográfico e suas interfaces. Mais que uma orientadora, uma mestra a ser admirada.

À comissão examinadora, as professora Dra. Jane Victal Ferreira e Dra. Maíra Kahl Ferraz, pela participação na banca, as indagações e sugestões.

Ao corpo docente deste programa de pós-graduação de mestrado interdisciplinar: Carlos Alberto Zanotti; Eliane Fernandes Azzari; Eliane Righi de Andrade; João Paulo Lopes de Meira Hergesel; Juliana Doretto; Luisa Angélica Paraguai Donati; e, Paula Cristina Somenzari Almozara.

À minha professora de graduação e amiga, Dra. Vera Lúcia dos Santos Plácido, pelos ensinamentos proporcionados à época da Extensão Universitária em Geografia, e que influenciou diretamente a proposta inicial desta pesquisa. Uma referência de professora e geógrafa.

À equipe do Arquivo Público Municipal de Sacramento (MG) e em especial a pesquisadora da biografia e obras da escritora Carolina Maria de Jesus, a historiadora Eliana Garcia Vilas Boas, pela prestação de dúvidas, participação em trabalho de campo e análise de material histórico-geográfico.

Aos colegas feitos neste programa de pós-graduação: Ana Paula Pedroso, Andrés Colmenero, Eliane Couto, Fernanda Machado, Helen Cordeiro, Livia Bigelli, Luan Ximenes, Luiza Budahazi, Marcelo Morikawa, Matheus Bueno e William Silva; por nossas discussões e troca de experiências em um programa de pós-graduação interdisciplinar.

Especial menção à minha avó, Maria Ferreira de Castro, que assim como foi Carolina é uma migrante na cidade de São Paulo, uma talentosa costureira e que pelo devaneio do destino, constituiu uma família de cinco filhos, dez netos e dois

bisnetos. Venceu vários obstáculos na periferia de Teotônio Vilela no distrito de Sapopemba, com muito amor, risadas, gratidão e uma inabalável fé.

Especial menção à minha mãe, Michele Ferreira de Castro, que ao longo destes anos desafiadores, nunca deixou de lado sua graça maternal. É também uma migrante no interior de São Paulo, empregada doméstica que criou parcialmente dois filhos sozinha. Sem sua figura central, pouco seria possível na construção do meu intelecto.

Ao meu marido, companheiro e amigo Jonas Fumache Rossi, que me proporcionou um novo conceito de família. Por vezes foi meu alicerce e a minha motivação.

Ao meu irmão, Gabriel de Castro dos Santos, que por vezes amparou nossa mãe perante minha ausência, na busca pela minha formação acadêmica desde 2017.

À artista visual Silene Aparecida Franchi, por ensinar as técnicas artísticas que integram parte do material desencadeado nesta dissertação, aprendidos em seu ateliê durante dezesseis anos.

Aos meus amigos, colegas e a todos que direta ou indiretamente influenciaram no decorrer desta dissertação.

E finalmente a ela, de peso primordial, que escreveu para existir e resistir. A escritora, compositora e artista Carolina Maria de Jesus: a Bitita!

“Salve ela aô, salve ela! Salve ela, a vedete da favela!”

Um muito obrigado!

“(...) de modo que a cada segundo a cidade infeliz contém uma cidade feliz que nem mesmo sabe que existe.”

- Ítalo Calvino  
(1923 – 1985)

## **RESUMO**

A presente pesquisa tem como preocupação desdobrar as percepções de paisagem presentes nas narrativas da obra póstuma “Diário de Bitita” (2014), da escritora Carolina Maria de Jesus (1914 - 1977). Tal empreitada se constitui da ideia de topo-paisagem como uma categoria que explora e possibilita perceber o ambiente social e as paisagens vividas de uma obra memorialística e autobiográfica da infância da escritora, sobre seu grupo familiar e as cidades que percorreu no interior do país, no início do século XX. Suas narrativas possibilitam perceber diferentes paisagens e cotidianos entrelaçados em diferentes camadas entre espaços simbólicos e ambientes físicos, possibilitando-nos contextualizar a metáfora do palimpsesto via usos metodológicos da etnobiografia. Sendo assim, objetiva-se nesta pesquisa contextualizar a partir das narrativas literárias da autora sua paisagem vivida, retratada no uso de desenhos, mapas e fotografias dos espaços descritos na obra, a fim de (re)descobrir estas camadas de escrita da autora. Portanto, este estudo contribui pelo enriquecimento epistêmico da análise do uso do espaço geográfico através de textos literários, promovendo um maior encontro entre a Geografia e a Literatura.

### **Palavras-chave**

Carolina Maria de Jesus; paisagem-palimpsesto; cartografia literária; etnobiografia;

## **ABSTRACT**

This research aims to unfold the perceptions of landscape present in the narratives of the posthumous work “Diário de Bitita” (2014), by the writer Carolina Maria de Jesus (1914 - 1977). This endeavour is constituted by the idea of topo-landscape as a category that explores and allows us to perceive the social environment and the lived landscapes of a memorialistic and autobiographical work of the writer's childhood, about her family group and the cities she travelled through in the interior of the country, in the early 20th century. Her narratives allow us to perceive different landscapes and daily lives intertwined in different layers between symbolic spaces and physical environments, allowing us to contextualise the palimpsest metaphor through methodological uses of ethnobiography. Therefore, this research aims to contextualise, based on the author's literary narratives, her lived landscape, portrayed in the use of drawings, maps and photographs of the spaces described in the work, to discover these layers of the author's writing. Therefore, this study contributes to the epistemic enrichment of the analysis of the use of geographic space through literary texts, promoting a more significant encounter between Geography and Literature.

## **Keywords**

Carolina Maria de Jesus; landscape-palimpsest; literary cartography; ethnobiography

## SUMÁRIO

|                                                                                               |     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Memorial: Uma carta para Bitita .....                                                         | 12  |
| INTRODUÇÃO.....                                                                               | 18  |
| 1. AO ENCONTRO DE BITITA.....                                                                 | 23  |
| 1.1. O entorno histórico-social de Bitita .....                                               | 28  |
| 1.2. Sacramento: A cidade de Bitita .....                                                     | 37  |
| 1.3. Trajetórias de Bitita: Espaços entre narrativas .....                                    | 45  |
| 2. IMAGEM-PALIMPSESTO: ENTRE PAISAGENS E NARRATIVAS.....                                      | 54  |
| 2.1. Da paisagem: narrativas em palimpsesto .....                                             | 64  |
| 2.2. Caminhos possíveis da topo-paisagem de Bitita .....                                      | 71  |
| 3. TOPO-PAISAGEM LITERÁRIA NO DIÁRIO DE BITITA: DA AUTOBIOGRAFIA À<br>PAISAGEM LITERÁRIA..... | 83  |
| 3.1. As origens da escrita de Bitita .....                                                    | 86  |
| 3.2. Autobiografia e escrevivência: De Bitita à Carolina.....                                 | 92  |
| 3.3. Reflexões geográficas a partir do “Diário de Bitita” .....                               | 101 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                                                     | 110 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....                                                               | 113 |

## **Memorial: Uma carta para Bitita**

Campinas, 26 de janeiro de 2025.

Bitita,

Antes me fosse possível deixar esta carta em suas mãos quando terminasse de ler a obra “A Escrava Isaura”, de Bernardo Guimarães. Escrevo esta carta de um tempo à frente do seu, cerca de cento e onze anos do seu nascimento. Te escrevo, pois, desejo relatar algumas das minhas conquistas através dos seus textos, que inspiraram não apenas a mim, mas várias pessoas no Brasil e no mundo. Seus livros são um sucesso e vendidos em vários países como os Estados Unidos, França, Alemanha, Argentina, Uruguai, Rússia, Arábia Saudita e Japão, atraindo vários leitores e pesquisadores.

No meu tempo, o mundo se alterou drasticamente em comparação ao seu. A paisagem é marcada pelas grandes cidades e pelo rápido movimento dos automóveis. Pelo trem de alta velocidade, que percorre longas distâncias com pessoas e mercadorias. Por aviões, máquinas tripuláveis e inteligentes que carregam internamente em sua fuselagem mais de cem pessoas, para voar entre regiões e países em questão de horas. Por dispositivos de alta tecnologia, que chamamos de celular ou smartphone, que permite aproximar pessoas, mesmo estando elas em diferentes lugares ou até mesmo continentes. As cartas são escritas em computadores e enviadas instantaneamente, facilitando nossa comunicação e o compartilhamento de informações. Fotografias são coloridas conforme o mundo físico, e qualquer um como aquele dispositivo chamado de celular, pode capturar fotos de quem quiser e onde estiver. As casas, em sua maioria nas grandes cidades, são construídas umas sobre as outras em edifícios com muitas lâmpadas, embelezando os centros urbanos a noite.

Os alimentos são de quase fácil acesso. Frutas e legumes que alguns só podiam ser experimentados numa estação específica, são adquiridos com facilidade em qualquer época do ano. Luzes, lâmpadas, objetos voadores com hélices, voam sobre nossas casas o tempo todo, e, quase no limite da atmosfera com o espaço sideral, posicionamos máquinas com asas de ferros chamados de satélites, eles nos enviam informações e textos em nossos celulares, computadores, automóveis, e

permitem locomover, ler e se comunicar com várias pessoas de todo o mundo. Muitas doenças foram quase que erradicadas, os medicamentos são em sua maioria eficientes, permitindo que as pessoas tenham mais tempo de vida, alguns chegam atingir oitenta ou noventa anos com certa facilidade. Escolas e universidades são numerosas e a grande maioria da população é letrada e alfabetizada. Antes mesmo de eu nascer, em 1998, o ser humano já tinha andado sobre a Lua em 1969. Enviamos anualmente pessoas para o espaço, além o azul do céu. Máquinas com sensores e câmeras fotográficas, permitem capturar fotos de planetas, estrelas e até buracos negros tão antigos quanto o próprio universo.

Muitas coisas evoluíram desde sua época, contudo, a fome, a sede e a pobreza no mundo e no Brasil, em suas diferentes regiões, ainda acontecem e são sentidas por muitas pessoas. As guerras e os conflitos entre grupos e países, por diferentes motivos, ecoam pelos jornais e noticiários diariamente, o ser humano ainda não aprendeu o que é a paz. O dinheiro, apesar de ter alterado de formato, ainda permanece no controle de todos e, a natureza é desrespeitada diariamente em nome do crescimento econômico dos mais ricos. As matas são ocupadas cada vez mais por plantações, casas, prédios, galpões, estradas, indústrias e cidades, sufocando a flora e a fauna pré-existente. Algumas espécies de plantas e animais não mais existem, e outras logo deixarão de existir. O ar puro em algumas regiões do mundo não circula mais, exigindo que moradores das metrópoles, usem máscaras de proteção o tempo todo. Em nosso período é crescente a preocupação das nossas atitudes em relação ao planeta Terra. A temperatura média cresce devido as ações do ser humano, desregulando a ordem da natureza, dos mares, das tempestades, das secas e das enchentes. São cada vez mais intensos, matando muitas pessoas, principalmente aos mais pobres e desfavorecidos.

Destaco que os maus-tratos aos negros que você própria experiencia diariamente, que reconhecemos como racismo, sendo o ódio e aversão as pessoas negras e afrodescendentes, muito ainda ocorre. Infelizmente nas cidades brasileiras em sua maioria, os mendigos, os andarilhos e os sem-teto, ou os favelados em meio a morros e encostas de riachos, sem acesso à alimentação ou auxílio médico, são em sua maioria negros e mestiços. Os trabalhadores mau pagos tanto no campo e na cidade, são em sua maioria também negros e mestiços. Eles são descendentes dos escravizados africanos, assim como você em relação ao seu avô, que passou pela labuta do tronco e sentiu na pele enriquecer o colonizador. Sinto lhe informar,

mas a escravidão ainda permanece na memória do nosso país até os meus dias, e sua lógica de funcionamento continua operante.

Assim como seus primos, primas, tios, tias, conhecidos e conhecidas, todos os negros que você observa sendo perseguidos pela polícia como “cão e gato”, no meu tempo e a mais de cem anos do seu, ainda são perseguidos sistematicamente pelas mesmas forças policiais e autoridades. Eles os seguem, os assustam, os sequestram, os agredem e os assassinam. Viram notícia semanalmente, e mesmo com as denúncias, o poder judiciário arquiva os casos sem justificativas plausíveis. É a legalização dos assassinatos dos negros e mestiços.

No meu tempo há poucos políticos negros. Em 2018, uma deputada negra foi assassinada na cidade do Rio de Janeiro, e ainda o caso permanece em investigação. A situação não é diferente em outros países, como nos Estados Unidos em 2020, quando um homem negro foi sufocado enquanto era esmagado por um policial branco, e gritava “I can't breathe”, traduzindo: “não consigo respirar”. Na minha família, meu primo, um homem negro, o primeiro neto da minha avó materna, que já havia sido agredido em uma abordagem policial no meio da rua com socos e chutes no estômago na adolescência, foi sequestrado e assassinado por policiais em 2024. Ele tinha dois filhos, e um ainda é um bebê. Você e eu, mesmo estando em tempos diferentes, observamos o mesmo racismo.

Semanas atrás estava em um ônibus na minha cidade, em Campinas no interior de São Paulo, voltando do meu trabalho ao meio-dia. Um mendigo ocupava um dos assentos do ônibus próximo a mim, e pouco a pouco alguns passageiros se erguiam e sentavam-se o mais distante o possível dele. Um cobrador se ergueu e gritou com ele, exigindo sua saída dizendo que seu cheiro desagradava a todos, e que suas roupas sujas encostadas ao assento iriam sujar os próximos passageiros. Bitita, o cobrador era um branco, e o mendigo era um negro. Assim como você enfrentou doutor Brand, algumas mulheres o defenderam. Apontaram que era o seu direito permanecer naquele assento e transitar pela cidade, independentemente da sua condição. Novamente Bitita, quem diria, as defensoras eram maioria mulheres, negras e mestiças, e os passageiros opositores em sua maioria eram brancos. Contraditório, não? Com tantos avanços na tecnologia, na indústria, agricultura e na ciência, ainda temos de defender o direito ao acesso a algo que nos é básico como água, alimentos, moradia, escolas, conhecimento, livre trânsito, mas, sobretudo, a liberdade de simplesmente existir?

Bitita, escrevo esta carta para lhe dizer que apesar de tão jovem você está à frente do seu e do meu tempo. Você transcende as fronteiras do espaço-tempo. Ao se rebelar ao doutor Brand, o juiz mais importante da sua cidade, e provavelmente o cidadão mais respeitado entre todos, você nos mostra a possibilidade de se rebelar contra os opressores. Te garanto que muitos dos seus conhecidos aí, nesta pequena cidade que é Sacramento, que não fazem questão de responder suas perguntas, mal sabem que suas palavras ecoaram o mundo. Haverá exposições artísticas e biográficas em seu nome, desde São Paulo ao Rio de Janeiro, de Nova Iorque à Washington, em museus e universidades. Alguns pesquisadores investigarão cada passo seu feito em vida. Seu nome de batismo estará presente em postos públicos: na “Rua Carolina Maria de Jesus”; a “Escola Estadual Carolina Maria de Jesus”; o “Instituto Carolina Maria de Jesus”; o “Colégio de Ensino Infantil Carolina Maria de Jesus”; a “Biblioteca Municipal Carolina Maria de Jesus”; e, até estátuas em meio a praças públicas com seu busto, como no distrito de Parelheiros na cidade de São Paulo. E placas em sua homenagem, como seus conterrâneos a fizeram no bairro do chafariz onde nasceu, em comemoração dos seus cem anos de idade.

Bitita, espero que esta carta lhe traga o conforto que tanto anseia. Que te tranquilize em relação ao futuro. Mas me permita lhe dizer que, sempre resista e que acredite nos seus ideais e não se conforme com a realidade. Pois estes foram os motores que te fez, através da leitura e da escrita, inspirar tantos ao longo do tempo. Você desafiou e ainda desafia muitos dos poderosos, que ainda lhe enxergam tão pequena. Mas os movimentos populares, em defesa dos direitos humanos, da igualdade e do acesso a tudo e a todos, levam seu nome e sabem o quão é grande. Você é uma das personalidades que os inspira. Tenha certeza Bitita, que haverá muitos meninos e meninas, pretos e pretas assim como você, morando no sertão, nas cidades, nas favelas, nas ruas e nos cortiços, que lerão seus livros e vão internalizar suas narrativas, como sendo as deles próprios.

Eu mesmo me considero um deles. Usei uma de suas obras para desenvolver um projeto de ensino aos meus alunos, em uma das antigas escolas públicas que lecionei em 2022. Sim Bitita, eu sou um professor, conquanto, um professor de geografia, e um apaixonado pelas divergentes paisagens que o mundo nos proporciona. Em uma das minhas aulas, em um debate sobre os nossos sentimentos em relação ao espaço, fui questionado: “Professor, como se pode investigar o amor a um espaço?”. Não soube responder aquela pergunta claramente,

e aquilo me instigou por dias. Parti para uma investigação ao tema, e percebi que as artes podem indiciar o afeto ao espaço, foi quando encontrei pesquisas sobre a relação entre a Literatura e a Geografia, e as possibilidades que uma narrativa literária poderia indicar sobre a espacialidade.

Aprendi que a Geografia deveria ser levada a muito a sério, portanto precisei debruçar-me ao tema. Assim como você, aprendi a ler e escrever “na marra”. Não gostava de escola, de ler e escrever. Caligrafia era o meu maior desafio. As minhas antigas professoras gritavam comigo constantemente nas salas de aula pelas baixas notas em provas de matemática. Meu pai se enfurecia, e minha mãe se envergonhava. Aos poucos também fui ganhando apreço pela leitura e o conhecimento, a medida que ia ficando mais velho, fui também conquistando melhores resultados na escola. Assim como você, também compreendi que o conhecimento enrique o espírito.

Meu primeiro contato com uma de suas obras, intitulada por outros sem sua autorização após sua morte, como “Diário de Bitita”, foi em um momento de reflexão individual e de conexão espiritual na minha religião, o candomblé, em um ritual que chamamos de Ebó. Durante as noites, recolhido em silêncio, terminava a leitura deste livro que me tocou com suas narrativas e suas experiências na infância, que você irá escrever em uma idade mais avançada e madura. Ali, no meio das suas narrativas, compreendi ainda mais o seu tempo, e deu voz não apenas às personalidades famosas que você tanto debate, como o Rui Barbosa, mas as pessoas que não são lembradas, e o cotidiano que não mais existe. Você Bitita, me explicou os conceitos de lugar e paisagem.

Ao ler sua obra, percebi que o tema não era tão aventurado pela maioria dos pesquisadores nas universidades e nos institutos de pesquisa, sobretudo os da Geografia. Percebi que deveria encontrar um programa de pós-graduação que permitisse unir todas estas diferentes peças: Geografia, Literatura e as suas narrativas. Por recomendação e incentivo de um amigo querido, nos inscrevemos no programa interdisciplinar de pós-graduação, em nível de mestrado em Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, que foi inclusive onde me formei professor de Geografia em 2020.

Durante o curso, fomos desafiados pelos professores de diferentes áreas do conhecimento para articular discursos e metodologias de maneira interdisciplinar, e neste contexto a repensar e retomar nossos temas de pesquisa. Nossas leituras se

concentravam em autores brasileiros e estrangeiros reconhecidos, com pesquisas atuais e críticas. Muitas percepções foram postas em xeque. Eu e meus colegas tivemos nossas impressões e deduções reconstituídas. Tudo foi muito gratificante. Em conversa com a minha saudosa orientadora, a professora Luisa Paraguai, ela me incentivou em ver a minha pesquisa de maneira que mesclasse diferentes ferramentas imagéticas, possibilitando a visualização da cartografia das suas narrativas. Assim, nossa investigação pautou em interpretar a cartografia literária da sua obra, conjunto com fotografias, mapas e desenhos feitos por mim, uma vez que também sou desenhista.

Todavia Bitita, sua grandeza não nos permitiu os planos iniciais. A medida em que nos aprofundamos em investigar suas narrativas, a viajar até Sacramento para analisar os espaço por você descrito, ler pesquisas e livros sobre sua biografia, participar de eventos e exposições sobre sua pessoa e assistir os filmes sobre sua vida; percebemos que não bastaria apenas compor uma cartografia, mas compreender e desenvolver várias camadas de cartografia(s) literárias, de maneira sobreposta.

Suas palavras foram o mapa das articulações entre tempos-espacos, geografia-literatura, cartografia-realidade. Por tudo isso Bitita, enriqueceu a minha dissertação de mestrado, ao poder me encontrar com pessoas invisibilizadas e seus lugares entre nossos tempos. Trazer você, uma jovem menina, que seguirá e se tornará a grande escritora que pode dizer o indizível ao dizível, foi para mim, assim para como muitos, enriquecedor conhecê-la. Me despeço nesta carta te dizendo que sempre carregarei suas palavras e impressões do mundo, e que com elas compreendo ainda mais a Geografia que tanto aprecio.

Abraços,  
Luís Castro.

## INTRODUÇÃO

Assumindo como contexto desta as articulações interdisciplinares, epistêmicas e metodológicas entre diferentes campos do conhecimento: Geografia, Literatura e Antropologia, parte-se das narrativas memorialísticas de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), registrados em seu livro póstumo "Diário de Bitita" (2014), para primeiramente tomar as descrições literárias enquanto representação paisagística do espaço geográfico, e neles, por conseguinte, tratar de uma reflexão etnográfica entorno da sua (auto)biografia.

Todavia, buscando compreender a geografia literária, importam “os lugares, as paisagens e os sujeitos, com a intenção de apreender as geografias presentes nestas “pequenas memórias” (Portugal, 2020, p. 33). Antes de iniciar qualquer discussão, tomamos em nota as mudanças epistemológicas desencadeadas nas ciências humanas e sociais, que incluí especialmente a Geografia e a Antropologia após a década de 1950, a qual, tomamos por consideração algumas de suas linhas de pensamento.

Vale ressaltar que a Geografia e a Literatura têm expressiva aproximação desde o final do século XX. Segundo Barcellos (2009, p. 42), “a Geografia, que hoje procura novas alternativas para formas de apreensão do espaço, muito tem a ganhar através da incorporação crítica de discursos como o Literatura”. Na medida em que evocam reflexões sobre os rearranjos tempo-espaciais em obras literárias.

Porém, não é possível afirmar que não houve antes aproximações entre as áreas. No passado, a história da formação e distribuição dos povos, a topografia e os acidentes geográficos estavam intimamente associados com narrativas literárias. Na antiguidade, a condicionante físico-geográfica e a posição de uma comunidade eram relacionadas muitas vezes aos mitos e às crenças, que favoreciam narrativas simbólicas, influenciando ao longo do tempo à memória, a cultura e a identidade.

Isto não é para dizer que há um grande fosso que separa Geografia e Literatura. Na verdade, houve um período em que havia poucos elementos que permitiam a separação entre Geografia, História e Literatura. Da antiguidade até o Renascimento, a história de um povo estava intimamente

ligada à geografia de seu território, frequentemente expostas numa prosa literária. (Oliveira; Marandola Jr., 2013, p. 122)

Ressalta-se que este debate de aproximação entre estas áreas já tinha sido abordado em *Kosmos*, obra de meados do século XIX de Alexander Von Humboldt; além da afirmação de Brousseau, que no início do século XX, destacou a Literatura não “somente como fonte, mas a discussão de sua importância como manancial das reflexões geográficas” (Brousseau, 1996; apud Suzuki, 2018, p. 01).

O caminho interdisciplinar entre a Geografia e a Literatura ganham atenção devido o crescente movimento dos discursos críticos-humanistas. Focados pela renovação do pensamento geográfico, em contraposição do tradicionalismo-teorético, a escola de pensamento humanista geográfica, foi caracterizada como uma “nova tendência de nossa disciplina” (Santos, 1986, p. 67).

Além da Geografia, outros campos de conhecimento começaram a intensificar diálogos com a Literatura, em específico, quanto à produção de biografias. Em meados do final do século XX, na intenção de construir etnobiografias e mostrando-se um caminho potente de interpretações na Antropologia, as obras literárias, ou grafias literárias, passam a compor as ferramentas de reflexão para alguns antropólogos, a fim de constituir outras metodologias que dialoguem além da dicotomia indivíduo/sociedade.

Portanto, a questão central nessa pesquisa é: como articular geograficamente uma narrativa literária, de outro espaço-tempo, e outras paisagens, apoiada nos pressupostos da etnobiografia? É nesta perspectiva que nos debruçamos sobre o relato (auto)biográfico de Carolina Maria de Jesus, sobre sua infância e juventude em Sacramento no interior de Minas Gerais e nas cidades do entorno (mineiras e paulistas), retratados na sua obra póstuma “Diário de Bitita” (2014), publicada pela primeira vez em 1982 na França, com o título *Journal de Bitita*, e no Brasil em 1986.

Apesar dos escritos terem sido produzidos no final do século XX, a dura realidade de Carolina na sua fase adulta, vivendo nas margens do rio Tietê na favela do Canindé, não sobrepuseram as memórias de seu passado no interior. No livro “Diário de Bitita” (2014) estão contidas as primeiras impressões sobre o mundo da jovem “Bitita” - apelido de Carolina, dado por sua família – além de narrar o cotidiano de Sacramento, as principais figuras políticas e da sociedade, a hostilidade e condição da população negra.

São estes cenários descritos que possibilitam a compreensão de lugares e paisagens entorno de Carolina Maria de Jesus, considerando sua obra "Diário de Bitita" (2014). Assim, aventuramos numa leitura que aborda a juventude da autora, ao contrário do grande número de escritos sobre seu livro mais emblemático, o "Quarto de Despejo: Diário de uma favelada", publicado em 1960, após encontro com o jornalista Audálio Dantas.

É importante enfatizar, para a composição desta pesquisa, há vinte produções autorais. Dentre elas, cinco mapas contextualizando a localização de Sacramento (MG), as cidades nas quais a autora exerceu diferentes trabalhos, os movimentos migratórios entre Minas Gerais e São Paulo e, dentre eles, dois modelos tridimensionais de carta topográfica da região do triângulo mineiro. Os mapas foram produzidos com o software QGIS 3.32.2 (Lima), a partir dos dados coletados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e do INPE - Instituto Nacional de Pesquisa Espacial, a fim de tratar a forma do relevo e a localização das cidades percorridas pela autora como andarilha.

Das fotografias, destaca-se os edifícios frequentados pela autora na infância narrados em alguns capítulos da obra "Diário de Bitita", visitados em trabalho de campo em janeiro de 2024, em Sacramento (MG): parte do terreno da antiga área do Patrimônio, indicada pela equipe do Arquivo Público Municipal, onde Bitita cresceu e residiu com o seu grupo familiar; o interior da Basílica do Santíssimo Sacramento apresentado pelo Patrocínio de Maria, no centro da cidade, onde a autora foi batizada no início do século XX; as escadarias do antigo colégio Allan Kardec, que permitia o acesso às antigas salas de aula onde autora foi alfabetizada; e, o interior da antiga cadeia pública no centro da cidade, o prédio do atual Arquivo Público Municipal, onde Carolina e sua mãe foram presas e torturadas por policiais.

Quanto aos desenhos, partem das reflexões ao longo da pesquisa. São feitos de carvão vegetal, giz pastel seco e lápis grafite em folhas translúcidas ou de alta gramatura (200 g/m<sup>2</sup>). Os desenhos são divididos em produções realistas ou esboçadas e esfumaçadas, mas em ambos os tipos de produções buscou-se destacar nos sombreados as formas e tons de luz contornos polidos com moderado detalhamento.

Os desenhos realistas, feitos em folhas de alta gramatura, que dividem cada capítulo: o busto da Carolina (Capítulo 1), fantasia de Carolina (Capítulo 2) e o andar de Carolina (Capítulo 3) fazem referências às fotografias da autora, antes da sua

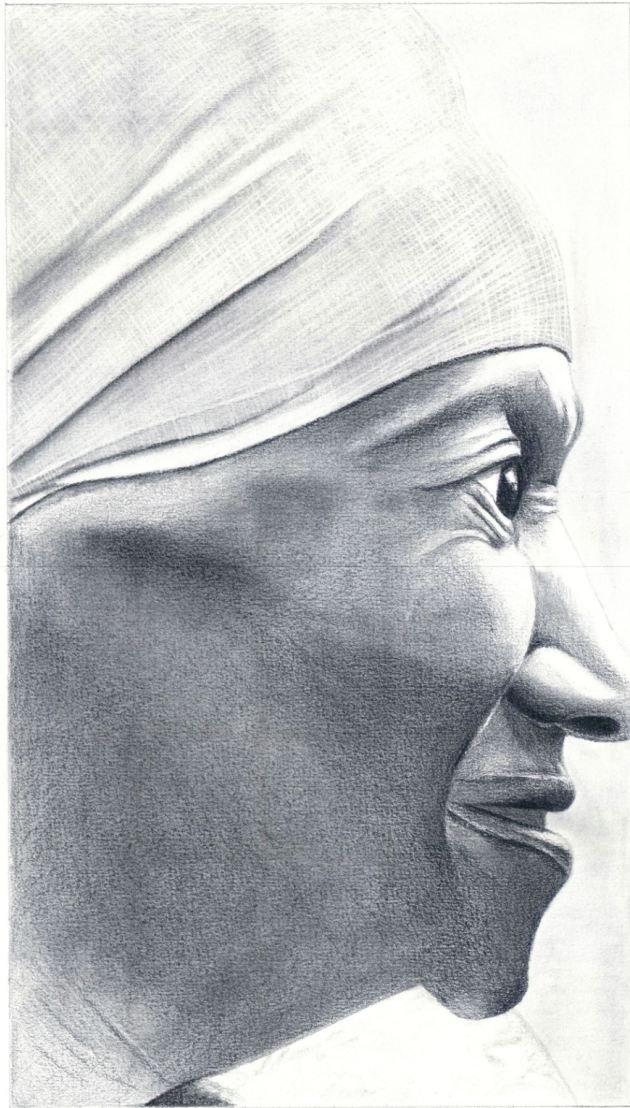
morte na década de 1970, presentes no acervo virtual do Instituto Moreira Salles. Quanto aos desenhos em folhas translúcidas, foram desenvolvidos como parte da operação do conceito de palimpsesto, tratado a partir do capítulo 2, buscando relacionar os ambientes físicos fotografados e as narrativas da autora.

Assim, o primeiro capítulo, “Ao encontro de Bitita”, apresenta uma breve contextualização da biografia da autora conjunto algumas narrativas selecionadas, que visam compreender o cotidiano e a espacialidade da infância da menina Bitita, vividos na cidade de Sacramento (MG) e em algumas outras cidades mineiras e paulistas, no início do século XX.

Além da própria obra de Carolina, destacamos Pereira (2015), Silva (2016) e Farias (2018), na recapitulação biográfica da autora. Muito do material sobre sua vida e as obras literárias foram desenvolvidas na busca de fugir da própria realidade como catadora de entulhos, com residência na Favela do Canindé, enquanto escrevia sobre si, sua rotina, suas impressões e memórias em folhas coletadas das ruas.

No segundo capítulo, “Imagem-palimpsesto: Entre paisagens e narrativas”, pretendemos realizar reflexões imagéticas entorno das paisagens enunciadas nas narrativas da obra literária “Diário de Bitita” (2014). Ao narrar sobre estas paisagens através de fotografias, mapas e desenhos, tornam-se ferramentas que aguçam o sentido das narrativas espacialmente, tornando estas paisagens ao contrário de obras ficcionais, palpáveis. Além da composição destes materiais, associa-se o conceito de palimpsesto como metáfora da (re)constituição imagética através narrativas literárias, permitindo assim como o movimento palimpsesto, desvelar camadas não tão evidentes.

No terceiro capítulo, “Topo-paisagem literária no Diário de Bitita: Da autobiografia à paisagem literária”, apresentamos as abordagens tratadas por Barcellos (2009); Marandola Jr. e Oliveira (2009 e 2013) para compreensão dos espaços vividos em narrativas literárias; e Kofes (2001), Souza (2015) Dadalto e Pavesi (2018) para a constituição de etnobiografias, e assim, articular com a escrita da poetisa em “Diário de Bitita” (2014) e os materiais imagéticos desenvolvidos aos trechos específicos no segundo capítulo, escolhidos pela clareza e potência em desvelar modos de pensar, valores sociais e comportamentos, no específico período histórico no triângulo mineiro e noroeste paulista.



*Figura II*

*Mr. C. G. G.*

## 1. AO ENCONTRO DE BITITA

Este capítulo inicial contextualiza a relação das narrativas da autora Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977) presentes em seu livro póstumo “Diário de Bitita” (2014), com a sua biografia. Nos apoiando em Farias (2018), Pereira (2015) e Silva (2016), sobre sua biografia, recapitulamos a obra que trata dos períodos da infância e juventude, antes de migrar para a cidade de São Paulo. Estas narrativas são parte das reflexões das escritas de si, feitas em folhas de papel coletadas das ruas quando a escritora residiu na Favela do Canindé. Se utilizando das narrativas literárias, este capítulo se desdobra em apresentar Bitita enquanto persona antes de tornar-se a escritora de “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada” (1960), e outras obras.

Nos debruçamos sobre Carolina pois a escritora era um mulher preta, pobre, moradora das favelas de uma metrópole, que assim como muitos ainda hoje, são pessoas em sua maioria retiradas e movidas da participação efetiva do cotidiano das cidades. Seus corpos e mentes historicamente ocupam um espaço invisibilizado, aos quais são desqualificados de qualquer categoria que os eleve ao pleno exercício da sua cidadania. Sobretudo, nos referimos aos andarilhos, aos coletores de entulhos, os mendigos, aos favelados e as diversas Carolina(s) que ainda hoje são invisibilizadas.

Para fugir da realidade e mergulhar-se em pensamentos, organizando suas impressões e experiências, a fim de relatar sobre si e os outros, Carolina escrevia e se auto posicionava como voz na cidade que lhe condenava a invisibilidade e a exclusão social. Era na escrita que Carolina existia para si e ao mundo, nas “suas escrevivências a cidade era rasurada” (Pereira, 2015, p. 20).

Este capítulo está dividido em três subcapítulos: O primeiro, nomeado de “No entorno histórico-social de Bitita”, para tratar sobre a origem e as perspectivas pessoais, mencionadas na obra pela autora sobre si mesma. O segundo, “Sacramento: A cidade de Bitita”, trata-se do município de Sacramento para contextualizar sua terra natal e suas vivências enquanto menina Bitita. E, o terceiro por último, “Trajetórias de Bitita: Espaços entre narrativas”, trata as impressões dos lugares enunciados na obra e a paisagem, quando Carolina parte da cidade de Sacramento para São Paulo.

Nascida no município de Sacramento, no Estado de Minas Gerais, Carolina Maria de Jesus (1914 - 1977)<sup>1</sup> é uma reconhecida escritora do final do século XX, prestigiada pelos relatos das suas vivências na favela, escritos em diários e manuscritos em folhas de papel coletados das ruas e publicados a partir da década de 1960. Além de escritora também era compositora, cantora, poetisa e integra a lista das primeiras escritoras negras do Brasil, ao lado de Maria Firmina dos Reis (1822 – 1917)<sup>2</sup> e Ruth Guimarães Botelho (1920 – 2014)<sup>3</sup> Suas obras e narrativas discorrem sobre a desigualdade socioeconômica e a pobreza nas grandes e médias cidades brasileiras, sobretudo, em sua obra mais reconhecida: “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada” (1960).

A escritora é também lembrada como expoente da literatura marginal brasileira<sup>4</sup> e se destaca pelas obras “Casa de Alvenaria: Diário de uma ex-favelada” (1961), “Pedaços de Fome” (1963), e “Provérbios” (1965); desenvolvidas ainda em vida<sup>5</sup>. Se inclui as póstumas como “Meu estranho Diário” (1996), “Antologia Pessoal” (1996), e “Diário de Bitita” (1982 na França; 1986 no Brasil), sendo essa objeto de estudo dessa pesquisa, “Meu estranho Diário” (1996), “Antologia Pessoal” (1996), “Onde estaes Felicidade?” (2014) e, o mais recente, “O Escravo” (2023).

Parte destas obras citadas provêm das reflexões e narrativas memorizadas das vivências em sua fase adulta, quando catadora na cidade de São Paulo. Ao contrário de alguns escritores de destaque do século XX, Carolina Maria de Jesus era uma mulher preta retinta de origem pobre, descendente de pretos escravizados,

---

<sup>1</sup> De acordo a Certidão de Batismo emitida em 11 de junho de 2014, pela Paróquia do Santíssimo Sacramento, da Arquidiocese de Uberaba, disponibilizada pelo Arquivo Público Municipal de Sacramento, é indicado que Carolina Maria de Jesus tenha nascido no dia 6 de outubro de 1915 e seu batismo ocorrido no dia 23 de abril de 1916. Tal documento contrasta com a data de nascimento da autora comumente conhecida, aos 14 de março de 1914, e com batismo, que segundo as narrativas da autora em seu livro “Diário de Bitita” (2014), aconteceria no entorno de seus sete anos de idade em 1921, aos quais, conservou memórias.

<sup>2</sup> Maria Firmina dos Reis é considerada a primeira romancista negra do Brasil. Publicou em 1859 o livro “Úrsula”, considerado o primeiro romance abolicionista do país.

<sup>3</sup> Ruth Guimarães Botelho foi uma poetisa, cronista, romancista, contista e tradutora brasileira. Foi a primeira escritora negra no Brasil que conseguiu projetar-se nacionalmente desde o lançamento do primeiro livro, o romance “Água Funda”, em 1946.

<sup>4</sup> Literatura Marginal é reconhecida como uma “produção literária feita por aqueles que historicamente não tiveram voz, os marginalizados da periferia, das prisões (...) criando um novo espaço de produção cultural, mas capaz de tecer redes, que proliferam nos diversos saraus e encontros literários” (Silva, 2019, p. 27).

<sup>5</sup> Carolina Maria de Jesus faleceu em seu quarto no dia 13 de fevereiro de 1977, por volta dos 62 anos de idade, vítima de uma insuficiência respiratória devido a asma. Residiu no final de sua vida em uma chácara comprada por ela mesma, no distrito de Parelheiros, zona sul da cidade de São Paulo.

migrante, mãe solo e favelada. Não possuía nenhum bem herdado ou condições socioeconômicas que possibilitassem sua carreira de escritora.

Para sustentar a si, os seus três filhos e seu barraco feito de tábuas na favela, Carolina exerceu diversas atividades ao longo da sua vida, que, em sua grande maioria, eram mal remuneradas. Foi lavadeira, empregada doméstica de famílias brancas abastadas, babá, trabalhadora rural em colonatos, operária em fábricas, faxineira em comércio de estrangeiros, cozinheira de hospital, recitou prosas em apresentações circenses, e, principalmente, de catadora de papéis e entulhos.

A escritora pertenceu a um ínfimo grupo de crianças, sobretudo pretas, a obter acesso à educação no início do século XX, tão pouco tempo após a assinatura da Lei Áurea de 1888. Letrada e curiosa sobre o mundo, cresceu em uma cidade que condicionava à marginalidade aos pretos, os não-brancos e descendentes dos escravizados, a pobreza em casas de taipa ou em colonatos em fazendas. Na juventude trabalhou nas lavouras e exerceu funções braçais além da sua capacidade física nas cidades do noroeste paulista e do triângulo mineiro, até se mudar à cidade de São Paulo em 1937, aos vinte e três anos de idade.

Ao chegar à São Paulo passou a escrever sobre a miséria, a fome e a marginalidade vivenciada na Favela do Canindé<sup>6</sup>. Seus manuscritos em diários descreviam o cotidiano nas ruas de São Paulo, e, por vezes, suas memórias do período da juventude. Escreveu contos e romances, quando declamava sua inconformidade sobre os governantes da época.

O amor pelos livros e pela escrita adquiriu-os ainda em Sacramento, logo que foi alfabetizada. Ainda menina compôs versos. Mas quando chegou a São Paulo a ânsia de se tornar uma escritora apossou-se de vez de sua personalidade. Começou dedicando versos aos políticos. Getúlio Vargas (1882-1954) foi um deles. Seus diários datam de 1955, e sua publicação em livro é digna de nota (Alves, 2014, p. 11)

No final da década de 1950, encontrou-se com o jovem jornalista alagoano Audálio Dantas<sup>7</sup>, que estava na Favela do Canindé para desenvolver uma

---

<sup>6</sup> A Favela do Canindé passou em 1961 pelo processo de execução do Plano de Desfavelamento da prefeitura de São Paulo, para permitir a construção da marginal Tietê. Hoje é o atual bairro do Canindé, próximo ao distrito do Pari e Brás.

<sup>7</sup> Audálio Dantas foi um jornalista, escritor e poeta, conhecido por revelar Carolina Maria de Jesus na década de 1960 e o primeiro editor de “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada”.

reportagem para o jornal Folha da Noite. Carolina neste dia discutia com alguns homens que depredavam um parque feito para crianças, ameaçando-os que iria citá-los em seu livro. Audálio observando a situação “se interessa por essa história a partir daí, e vai com ela conhecer os seus cadernos e escritos” (Silva, 2019, p. 25).

No dia 9 de maio 1958, Audálio publicou trechos destes manuscritos em sua reportagem na revista Cruzeiro em 20 de junho de 1959, como editor-chefe. Apesar da revelação, a filha de Carolina, Vera Eunice de Jesus Lima<sup>8</sup>, afirma que quem descobriu Audálio foi sua mãe, que utilizando seus diários chamou a atenção do jornalista.

A favela do Canindé, em São Paulo, é o pequeno (e miserável) mundo de Maria Carolina de Jesus. Uma favela igual a tôdas as outras: suja, triste, turbulenta. E com a desvantagem de ter nascida na beira de um rio (o Tietê), que freqüentemente invade tudo com as suas águas carregadas das sujeiras da cidade. Carolina vive mal, como vivem todos na favela. Profissão, não tem. Apanha papéis nas latas de lixo da cidade. Nem sempre há o que comer (para ela e três filhos menores) em seu barraco. Mas ela aprendeu a “ver” além da lama da “rua” e dos barracos escuros: tem o seu mundinho interior, no qual, às vezes, há o sol e nuvens coloridas. Escreve versos ingênuos, enche cadernos de sonhos. Mas não se limita a sonhar. Não esquece o mundo sórdido que a cerca, a miséria de seus irmãos favelados – a sua própria miséria. (Dantas, 1959, p. 92)

A publicação de parte destes manuscritos resultou na obra o “Quarto de Despejo”, que na primeira semana de lançamento vendeu cerca de 10 mil cópias, e posteriormente traduzida para mais de treze idiomas e publicada em vários países. Carolina Maria de Jesus passa de catadora de papéis, a ser reconhecida em escala global por um curto momento, como a escritora da favela brasileira.

Sobre seu primeiro livro, importa mencionar, que a autora descreve a favela como um espaço de acolhimento aos mais frágeis e aos excluídos das centralidades da cidade; e, noutras como espaço da violência, da miséria e da fome.

(...) ora com um lugar mais receptivo, no qual residem 'famílias descentes', que constituem um 'lar modelo' e onde em vários

---

<sup>8</sup> Filha mais nova da escritora Carolina Maria de Jesus. É professora, e atualmente uma ávida protetora e incentivadora da memória de sua mãe.

momentos os moradores são solícitos uns com outros. Ela mesma, apesar de “condenar” de certa forma a existência da favela, quando ameaçada, ou na iminência de sofrer algum tipo de violência em outra parte da cidade, esbravejava que era “moradora da favela do Canindé”, que era uma “favelada”, assustando e afastando assim o suposto inimigo ao incorporar o estigma de seu território: era ela a própria violência, o próprio perigo encarnado (Pereira, 2015, p. 21)

Apesar de comumente mencionado que Audálio Dantas revelou Carolina Maria de Jesus, a autora inicia sua carreira enquanto escritora antes mesmo deste encontro na Favela do Canindé. O primeiro registro conhecido de uma publicação está presente no jornal “Folha da Manhã”, na edição do dia 25 de fevereiro de 1940, intitulado “Carolina Maria, poetiza preta”, uma reportagem de Willy Aureli<sup>9</sup>. Neste ocorrido, apresenta o poema “O colono e o fazendeiro”, citado em “Diário de Bitita” no capítulo “Retorno à cidade”, desenvolvido quando trabalhou em uma lavoura de café no estado de São Paulo, com péssimas condições de trabalho. Carolina solicita uma conversa com os jornalistas para expor seu trabalho, como indica em trecho narrado no jornal.

- Sou poetiza...
- Sente-se por favor...
- Faço versos ... Ninguém porém me leva a sério!
- Como assim?
- Ando pelas redacções, e quando sabem que sou preta, mandam dizer que não estão... Eis-me às voltas com meu “caso exótico” e trato de me sahir as mil maravilhas, ainda mais que o horário aperta e tenho encontro marcado.
- São tão ingratos...
- O sr. Quer ver alguma poesia de minha lavra?
- Conceda-nos essa honra...

Exhibe uns papeis, um caderno. Lê e declama. Com naturalidade e graça, optima dicção, tudo de mistura com o sorriso que é um raio de luz em tamanhas trevas... Chama-se Carolina Maria, tem 26 anos de idade, nasceu em Sacramento, Minas Gerais. (Aureli, 1940, p. 3)

---

<sup>9</sup> Pseudônimo do Jornalista William Aureli (1898 – 1968), trabalhou para o “Jornal da Noite”, “Gazeta do Povo”, “Folha de São Paulo” e outros.

Nesta reportagem Carolina declama um poema que refletia a relação entre a escravidão e o colonato. Em escritos como este é possível perceber a influência campesina em Carolina, vivida no triângulo mineiro e noroeste paulista em seus poemas e livros. A autora aparenta apego quando viveu no campo junto a mãe e o padrasto nos arredores de Uberaba, como descritos a alimentação e o aprendizado com o cultivo e manejo da terra no capítulo “A Fazenda” do “Diário de Bitita”, como aponta a descrição abaixo:

O fazendeiro nos deu tres alquires de terra para plantarmos. Plantamos arroz, feijão milho, cana e vassouras. Ainda sobrou terra. Como é bom ter terras para plantar! Eu já estava compreendendo o valor da terra que sabe recompensar o esforço do homem. E o ventre da terra é fecundo. A terra é feminina, é a mãe da humanidade. Eu estava habituando-me naquele mundo verde (Jesus, 2014, p. 133)

### **1.1. O entorno histórico-social de Bitita**

Há dificuldade de encontrar e adquirir suas obras atualmente. Nas livrarias se encontram poucos exemplares, e há com maior facilidade e menor custo o livro “Quarto de Despejo”, obra que alavancou seu reconhecimento; e, em menor medida “Casa de Alvenaria”; ambas as obras na primeira edição publicadas através da mediação do jornalista que a levou ao mercado editorial. Quanto ao livro “Pedacos da Fome”, publicado a partir do investimento direto da própria autora, não se encontra com facilidade. No caso do livro “Diário de Bitita”, também não se diferencia muito: poucos exemplares com elevados preços.

O livro “Diário de Bitita”, objeto de estudo dessa pesquisa, é uma publicação póstuma a partir de “manuscritos entregues por Carolina para a pesquisadora brasileira Clelia Piza e a francesa Maryvonne Lapouge, que foram entrevistá-la em 1975” (Pereira, 2015, p. 44), em sua residência no distrito de Parelheiros, dois anos antes de sua morte. As pesquisadoras tinham interesse em conhecer sua história de vida e levar consigo alguns de seus trabalhos, além de entrevistas gravadas, para compor o livro “Brasileiras: voix, écrits du Brésil”, obra que sintetizava vozes e

escritos femininos de escritoras e artistas brasileiras para a Europa, lançado em 1977 pela editora Édition des femmes<sup>10</sup>, na França.

Após o encontro das pesquisadoras os manuscritos foram traduzidos para o francês, e “editada pela jornalista francesa Anne Marie Métailié em 1980” (Souza, 2004, p. 3), resultando no livro “Journal de Bitita” da coleção Témoignages (Testemunhos), lançado em 1982. A primeira publicação no Brasil do livro “Diário de Bitita” foi em 1986, nove anos após a morte da autora e lançado pela editora Nova Fronteira, contudo “os títulos sugeridos pela autora eram “Minha Vida” ou “Um Brasil para os brasileiros” (Castro; Machado, 2007, p. 120 apud Miranda, 2013, p. 136).

Os locais e a ordem de publicação do livro implicam um incomum movimento de tradução entre as línguas francesa e portuguesa, uma vez que “Diário de Bitita” é, primeiro, uma tradução da versão francesa<sup>11</sup>. Todavia, para esta pesquisa, tratamos de uma edição mais recente, lançada para os estudantes de escolas públicas do município de São Paulo, pela editora SESI-SP em 2014, no centenário da autora.

Ao contrário do seu livro mais reconhecido, o “Diário de Bitita” é uma obra memorialística, ou seja, trata do passado de quem escreve. Remonta-se no seu período de infância e juventude vivenciados em parte no município de Sacramento, em Minas Gerais, e em algumas cidades do noroeste do Estado de São Paulo, período que antecede sua chegada à capital paulista, em 1947. Portanto, trata-se a obra:

Em primeiro lugar, um foco narrativo formulado desde a perspectiva do não-lugar dos negros diante de um contexto rural em que as estruturas coloniais opressivas estavam em pleno funcionamento; e, junto a isso, elabora, em segundo lugar, a construção das memórias da menina Carolina Maria de Jesus, articulando o conteúdo de experiências centradas nessas estruturas opressivas à sua organização discursiva, construindo assim um eu narrativo, fabulizado (Miranda, 2013, p. 142)

---

<sup>10</sup> A arte da capa original do livro “Brasileiras” são fotografias dos escritos de Carolina Maria de Jesus.

<sup>11</sup> A ordem dos capítulos e algumas das referências utilizadas pela autora, foram modificadas para compor a obra “Diário de Bitita” (1982). A versão publicada apresenta diferenças entre essas edições e o texto original. Mesmo após a sua morte, houve a repetição de um processo editorial que modificou a escrita original de Carolina Maria de Jesus.

Esta obra desvela o Brasil do pós-abolição, tratando, conjunto as narrativas e o cotidiano de outras pessoas negras neste mesmo período e o contexto social e político dos libertos e seus descendentes, um tipo de produção literária pouco realizada no início do século XX. O livro organiza dois manuscritos autobiográficos: um projeto de romance da própria Carolina, intitulado “Um Brasil para os Brasileiros: Contos e Poesias”<sup>12</sup> (Meihy; Levine, 1994, p.45 apud Silva, 2016, p. 103) com 194 páginas e o “Meu Brasil”, com 392 páginas. Muito das informações sobre sua vida e trajetória antes de chegar à cidade de São Paulo, estão presentes nesta obra póstuma autobiográfica, tratada como “diário”, que aqui nos aprofundaremos sobre esta característica no Capítulo 2.

A classificação como 'diário' tem mais a ver com estratégia editorial e de mercado que com o gênero do texto. Diário de Bitita, apesar do título, apresenta-se sob os pressupostos formais da autobiografia. Há diferenças entre autobiografia e o diário: a primeira constitui uma narrativa com começo meio e fim, pois o tempo é retrospectivo e a escrita se dedica a construir um passado, a identidade do autobiografado não costuma estar em causa e a instância do leitor é de suma importância ao projeto. Já o diário apresenta-se como uma linha descontínua, uma página aberta, dedicada ao pormenor cotidiano; a narração é irregular, constituída por fragmentos autônomos que emolduram o sentimento de uma identidade pulverizada, por descobrir e inventariar; em vez do tempo retrospectivo da autobiografia, o tempo do diário é o devir, e a instância do leitor nem sempre é desejada (Ibidem, p.137)

O livro narra as próprias memórias de Carolina linearmente no tempo, retomando por volta dos seus quatro anos de idade até a juventude. A cada um dos vinte e dois capítulos<sup>13</sup> da obra, se dá através de um tema central da época e do crescimento da autora. O texto também trata de episódios marcados por

---

<sup>12</sup> O original de “Um Brasil para os brasileiros”, escrito a mão pela autora, se encontra em posse do IMS - Instituto Moreira Salles e disponibilizado digitalmente na web: Disponível em <<https://carolinamariadejesus.ims.com.br/wp-content/uploads/2024/02/Um-Brasil-para-os-brasileiros-v2.pdf>> . Acesso em: Setembro de 2024.

<sup>13</sup> Os capítulos: 1 – Infância; 2 – As madrinhas; 3 – A festa; 4 – Ser pobre; 5- Um pouco de história; 6 – Os negros; 7 – A família; 8 – A cidade; 9 – Meu genro; 10 – A morte do avô; 11 – A escola; 12 – A fazenda; 13 – Retorno à cidade; 14 – Doméstica; 15 – A doença; 16 – A revolução; 17 – As leis da hospitalidade; 18 – A cultura; 19 – O cofre; 20 – Médio; 21 – A patroa; 22 – Ser cozinheira.

protagonistas negros, perspectiva quase que inédita à década de 1910, sua vulnerabilidade em relação às opressões das estruturas sociais de poder, pautadas por preconceitos raciais e, sobretudo, “não deixava de reiterar suas críticas no que concerne à forma bruta de repressão dos brancos” (Lira, 2023, p. 22)

Quando havia um conflito, quem ia preso era o negro. E muitas vezes o negro estava apenas olhando. Os soldados não podiam prender os brancos, então prendiam os pretos. Ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto (Jesus, 2014, p. 55).

Este contar é reflexivo, apresentando uma narradora madura que contextualiza sua própria memória de forma crítica. Porém, desvela uma criança ainda ingênua, ora espantada e ora encantada com as paisagens do mundo, mesmo que para acessá-las e entendê-las, deveria enfrentar o racismo, a pobreza e a marginalidade.

Eu estava fazendo a minha avat-première no mundo. E conhecia o pai do meu irmão e não conhecia o meu. Será que cada criança tem que ter um pai? O pai de minha mãe foi Benedito José da Silva. Sobrenome do Sinhô. Era um preto alto e calmo. Resignado com a sua condição de soldo da escravidão. Não sabia ler, mas era agradável no falar. Foi o preto mais bonito que já vi até hoje (Ibidem, p. 13).

Vale mencionar neste interim, que ao considerarmos a literatura brasileira, não se abandona, em seu caráter próprio, “esteticamente, perspectivas críticas sobre a organização, as relações e as práticas da sociedade brasileira” (Silva, 2023, p. 141). Há uma quantidade significativa de obras que refletem os aspectos socioculturais pautados na exclusão, na violência e na desigualdade. Autores literários, homens do início do século XX, como Machado de Assis e Aluísio de Azevedo, naturalistas do século XIX, Lima Barreto e Euclides da Cunha, romancistas da década de 1930, Graciliano Ramos e até mesmo Guimarães Rosa, utilizaram de seus escritos para indicar as formas de representações da sociedade.

A escritora Carolina Maria de Jesus se insere nesta premissa, porém, ao contrário dos autores mencionados e respectivas obras, ela vivencia e recapitula sua própria experiência de vida em suas obras, caracterizando a narrativa a partir de uma ótica pessoal e não ficcional. Era na escrita que Carolina revidava a hostilidade

social, e essa escolha a distância, e de certa maneira a priviligia, em relação aos outros nomes da literatura brasileira.

O livro “Diário de Bititia” retoma à menina Bitita, apelido dado à Carolina, nascida numa cidade pequena do interior agrário do país, no contexto da República Velha, onde é realçado “a raça como categoria central que articulava a pertença ou não do sujeito à nação” (Miranda, 2019, p. 29). Até frequentar suas primeiras aulas no colégio espírita Allan Kardec<sup>14</sup>, em Sacramento, sua cidade natal, se reconhecia como “Bitita” pela sua família e comunidade. E foi na escola que seu nome de batismo foi apresentado.

Quando entrei na escola, eu ainda mamava. Quando senti vontade de mamar, comecei a chorar.

- Eu quero ir-me embora. Eu quero mamar.

A minha saudosa professora, dona Lonita Solvina, perguntou-me:

- Então a senhora ainda mama?

- Eu gosto de mamar.

Os alunos davam gargalhadas.

- Então a senhora não tem vergonha de mamar?

- Não tenho!

- A senhora esta ficando mocinha, tem que aprender a ler e preparar as lições. Eu gosto de ser obedecida. Está ouvindo-me, dona Carolina Maria de Jesus!

Fiquei furiosa e respondi com insolência:

- O meu nome é Bitita.

- O teu nome é Carolina Maria de Jesus.

Era a primeira vez que eu ouvia pronunciar o meu nome (Jesus, 2014, p. 127).

O termo Bitita segundo o Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa<sup>15</sup>, origina-se dos termos “mbita”, da língua xichangana falada em Moçambique, e de “bita”, que

---

<sup>14</sup> Colégio Allan Kardec, primeiro colégio espírita do Brasil, foi fundado em 1907 por Eurípedes Barsanulfo (1880-1918), um político, filantropo e médium de Sacramento. Atualmente o colégio encontra-se desativado, abriga um museu e um centro espírita homônimo. No trabalho de campo em janeiro de 2024, numa visita ao antigo colégio, foi mostrado pelos responsáveis algumas informações controversas sobre seu ano de nascimento, que recaí sobre seu período escolar em paralelo. As informações a partir das narrativas literárias indicam que Carolina tenha cursado o primeiro grau por volta dos seus dez anos de idade. Entretanto, em um antigo arquivo de lista de chamada de novembro de 1933, sob a linha de nº 48, está inscrito o nome “Carolina M<sup>a</sup> de Jesus”, levantando questionamentos.

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Bitita>>. Acesso em: 11 nov. 2024.

significa “ferramenta usada para desguarnecer as travessas e atacar o balastro de uma via-férrea” e “panela de barro”. A família da autora era numerosa em Sacramento e, em sua maioria, habitavam a área do Patrimônio. Segundo Farias (2018, p. 23), “poderia até ser denominado de o Quilombo do Patrimônio, origem de todos eles, especialmente dos entes mais velhos”. O avô de Bitita, a figura central da família da autora, o senhor Benedicto José da Silva, tinha como preocupação deixar como herança para os filhos e descendentes o acesso à terra privada, como mencionado no trecho abaixo.

Antes de falecer comprou do seu antigo senhor uma extensão de terreno, próxima ao Patrimônio, hoje o atual bairro do Chafariz. Os filhos do senhor Benedicto construíram no terreno residências modestas, inclusive a mãe de Carolina, a dona Maria Carolina de Jesus, a “Cota”. As casas eram simples como enfatiza a autora, com telhado feito de capim, chão de terra dura. Simplicidade que escancara a modéstia e pobreza do núcleo familiar.

Os pobres moravam num terreno da Câmara: 'o Patrimônio'. Não tinha água. Mesmo furando o poço eles tinham que andar para carregar água. Nós morávamos num terreno que o vovô comprou do mestre, um professor que tinha uma escola particular. O preço do terreno foi cinquenta mil-réis. O vovô dizia que não queria morrer e deixar seus filhos ao relento (Ibidem, p.13).

Alguns membros familiares, citados em trechos por Carolina, apresentavam por vezes certa impaciência e hostilidade com a curiosidade de Bitita, recomendando à própria mãe que espancasse para cessar suas perguntas. Seus questionamentos por vezes eram simples, abordando o cotidiano e os fenômenos naturais. Em outros momentos a menina partia para perguntas que beiravam o existencialismo na complexidade histórico-social que vivia, como por exemplo no trecho abaixo, a menina Bitita buscou clarear sua identidade, utilizando como referência os termos “bicho” e “gente”. De certa forma, o silêncio da mãe diante da comparação da filha desvela o imaginário diante de sua condição submissa.

As minhas ideias variam de minuto a minuto iguais às nuvens no espaço que formam belíssimos cenários, porque se o céu fosse sempre azul não seria gracioso.

Um dia perguntei a minha mãe:

- Mamãe, eu sou gente ou bicho?
- Você é gente, minha filha!
- O que é ser gente?

A minha mãe não respondeu. (Ibidem, p. 15)

Dentre esses questionamentos apontam-se os papéis sociais de gênero e raça exercidos, que reforçavam as vantagens do homem na sociedade, sobretudo o homem branco. Observação esta que a fazia compreender, porém não se conformava sobre sua posição social de menina e futura mulher negra na escala social. Na infância houve o desejo em tornar-se homem.

No mato eu vi um homem cortar uma árvore. Fiquei com inveja e decidi ser homem para ter forças. Fui procurar a minha mãe e supliquei-lhe:

- Mamãe... eu quero virar homem. Não gosto de ser mulher! Vamos, mamãe! Faça eu virar homem!

Quando eu queria algo, era capaz de chorar horas e horas.

- Vai deitar-se. Amanhã, quando despertar, você já virou homem.

- Que bom! Que bom! – exclamei sorrindo.

Quando eu virar homem vou comprar um machado para derrubar uma árvore. Sorrindo e transbordando de alegria, pensei que precisava comprar uma navalha para fazer a barba, uma correria parra amarrar as calças. Comprar um cavalo, arreios, chapéu de abas largas e um chicote. Pretendia ser um homem correto. Não ia beber pinga. Não ia roupar, porque não gosto de ladrão. (...)

- Quero ter força que tem o homem. O homem pode cortar uma árvore com um machado. Quero ter a coragem que tem o homem. Ele anda nas matas e não tem medo de cobras. O homem que trabalha ganha mais dinheiro do que uma mulher e fica rico e pode comprar uma casa bonita para morar (Ibidem, p. 16-17)

Ainda sobre sua atitude crítica, destaca-se um trecho abaixo que descreve a voracidade de Bitita com um juiz, após um desentendimento com seu filho. Foi neste episódio que os moradores locais perceberam a capacidade de memorização, retórica, argumentação e a coragem da pequena menina negra, que morava no bairro pobre da cidade.

Foram avisar minha mãe que estava brigando com o doutor Brand. Foram avisar os soldados. O povo corria para ver a briga. Quando o doutor Brand caminhou na minha direção, não corri e ele não me bateu. Minha mãe puxou-me:

- Cala boca, cadela!

Gritei:

- Deixa, isto aqui é uma briga de homem com homem.

Falei:

- Olha doutor Brand, o seu filho me roubou uma lima. Todos têm medo dele, eu não tenho! Ele não recebe convite para ir às festas dos ricos porque os ricos não querem misturar-se com ele.

- Cala boca, negrinha atrevida.

- Atrevido é o seu filho, porque é filho de juiz, não respeita ninguém.

Quando ele ia me bater, eu disse-lhe:

- O Rui Barbosa falou que os brancos não devem roubar, não devem matar. Não devem prevalecer porque é o branco quem predomina. A chave do mundo está nas mãos dos brancos, o branco tem que ser superior para dar o exemplo. O branco tem que andar na linha.

O doutor Brand disse:

- Vamos parar, eu vou deixar sua cidade.

Minha mãe pegou a minha mão e levou-me para casa. O povo pedia.

- Não bate nela.

Nem os soldados mexeram comigo. Minha mãe não deixará sair de casa. Três dias depois, o doutor Brand deixou a cidade. Disse que ia para o Rio de Janeiro (Ibidem, p. 32-34).

Bitita descreve sobre Humbertinho e seu pai, o juiz Doutor Brand, que deixou a cidade de Sacramento na década de 1920<sup>16</sup>. Este simbólico episódio retrata uma menina negra que, apesar de sua vulnerabilidade social, e utilizando seus argumentos retruca com uma autoridade local.

Retomando sobre sua família, as narrativas da autora desvelam o protagonismo maternal. Carolina no início da obra afirma que não conhecia o próprio pai, mas que sabia ser originário do município vizinho de Araxá e seu nome era João Candido

---

<sup>16</sup> Em trabalho de campo no mês de janeiro de 2024, foi realizada uma visita ao fórum da cidade de Sacramento, onde os funcionários públicos tinham poucas informações sobre a personalidade, mas era de conhecimento sua mudança à cidade do Rio de Janeiro.

Veloso, filho de dona Joana Veloso. Outra pessoa importante foi seu avô, um ex-escravizado, que por vezes ocupou a figura paternal da pequena Bitita, através de aconselhamentos, histórias e proteção das surras diárias dadas pela mãe.

Minha mãe me espancava todos os dias. Quando eu não apanhava sentia falta. Então compreendi que o vovô era o meu defensor. O meu irmão era o predileto. Quando a mamãe me batia eu ia para a casa do meu avô. Era uma choça quatro águas coberta com capim. Semelhante às ocas dos índios que eu via nos livros. A casa do vovô era tão pobre! (Jesus, 2014, p. 29)

Sua família e outras tantas famílias negras do Brasil tem por vínculo a origem escravocrata de distintos povos, retirados forçosamente da África no período de colonização do Brasil por Portugal. Nesse contexto político-econômico, exercitou-se uma massificação da população descendente africana pelo apagamento das relações construídas secularmente entre os povos, lhes retirando sua identidade, sua cultura e memória.

Afinal, nós, negros, não constituímos um bloco monolítico, de características rígidas e imutáveis. Os diferentes valores culturais trazidos pelos povos africanos que para cá vieram – iorubás ou nagôs, daomeanos, malês ou muçulmanos, angolanos, congoleses, ganeses, moçambicanos etc. – apesar da redução à igualdade, imposta pela escravidão, já nos levam a pensar em diversidade (Gonzalez e Hasenbalg, 2022, p. 25).

Carolina descende deste processo histórico e espacial que impôs aos diversos corpos a submissão nestes mais de trezentos anos. Fato tratado nas observações da autora em “Diário de Bitita”, na descrição das atividades de trabalho de seu avô, como um soldo da escravatura:

Benedicto carregava ainda o pesado sobrenome 'Silva' do seu antigo senhor, que lhe deu uma carta de alforria, após ter a vida salva de um ataque de cobra pelo subserviente escravo. Era de origem africana, filho de pais africanos, talvez da última geração de negros vindos para o Brasil nos famigerados navios negreiros, ou, ainda, igualmente conhecidos como tumbeiros, analogia à tumba,

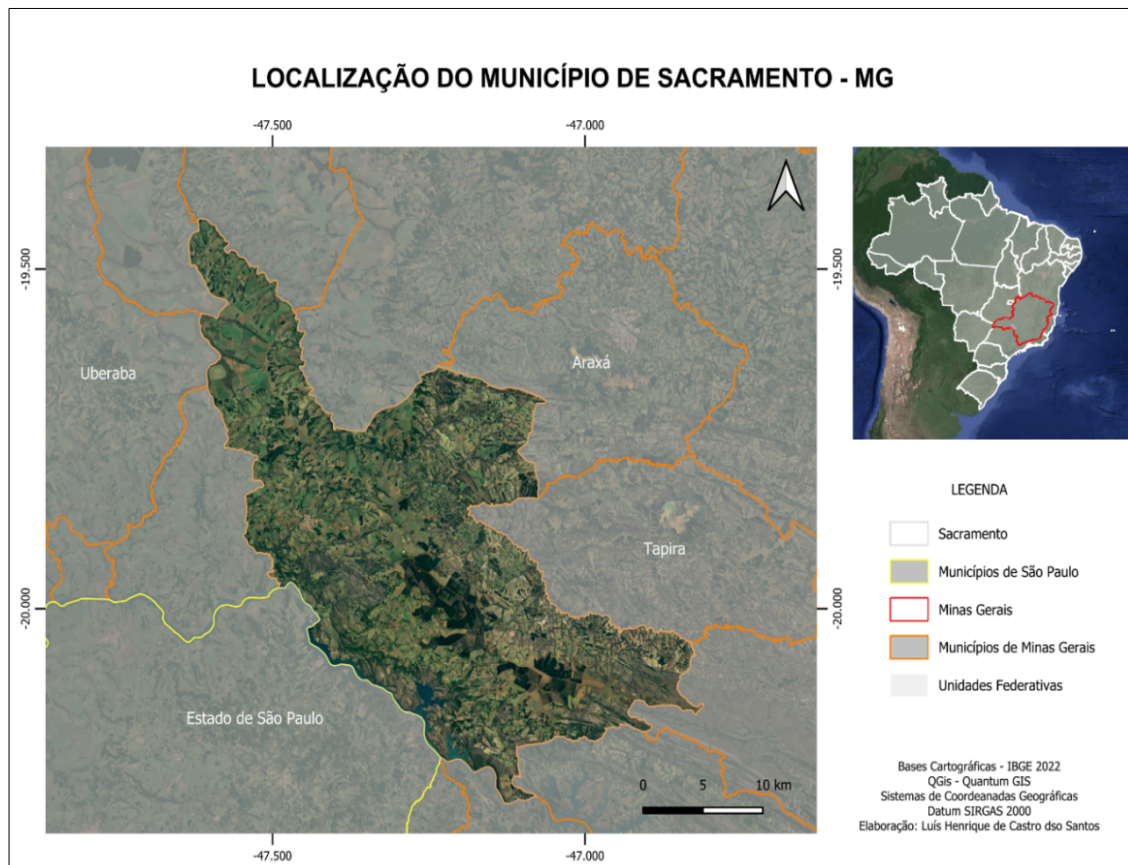
certamente pelo grande número de mortes que provocava, durante sua travessia pelo oceano Atlântico. O avô era da leva originária da província de Cabinda, em Angola. A população de Cabinda pertence na sua quase totalidade aos povos bantus, a um grupo antigamente chamado Fiote, cuja língua, localmente também conhecida por ibinda, é condecorada um dialeto de kikongo (Farias, 2018, p. 24).

Ao regressar na origem de Carolina, parte-se dos movimentos históricos que a circunda. E por estar na marginalidade, e desde jovem compreender as raízes da sua origem étnica, Carolina questiona o mundo na ótica da marginalidade, vividas em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, e posteriormente vivenciando na metrópole paulista. Daí revela-se a resistência da autora que através da escrita tratou sobre sua realidade e as dos seus semelhantes.

## **1.2. Sacramento: A cidade de Bitita**

Ao estudar as narrativas memorialística presentes na obra “Diário de Bitita” (2014) de Carolina Maria de Jesus, entende-se como necessário para este percurso de pesquisa, contextualizar parte do seu espaço narrado: a cidade de Sacramento (MG). O município de nascimento da autora, palco que influenciou sua percepção de mundo, localiza-se no Triângulo Mineiro, faz divisa com o Estado de São Paulo, e é banhado pelo rio Grande ao sul e está a cerca de 450 quilômetros de distância da capital mineira. Faz parte da microrregião do Alto Paranaíba, “historicamente conhecido como a região do sertão da “farinha podre” e “passa perto” (Silva e Santos, 2009, p. 1).

A ocupação de grande parte da região do Triângulo Mineiro (figura 1), surgiu a partir dos assentamentos de pequenas vilas e povoados associados, inicialmente, organizados pelas expedições bandeirantes e jesuítas dos séculos XVI até XVIII, na busca de diamantes, recursos mineralógicos e na “catequização dos numerosos indígenas que ali existiam – maior parte, das tribos Caiapós e Araxás” (Martins, 1998, p. 165).



**Figura 1:** Mapa da localização e limites do município de Sacramento, Minas Gerais. Fonte: Do autor, 2023.

Segundo o historiador e geógrafo Caio Prado Júnior (2011), em suma os séculos XVIII até XIX, com destaque a Minas Gerais e a região do triângulo, está relacionado à intensificação das atividades da mineração e a criação de gado. Sendo a mineração responsável por impelir o “homem num arranco brusco, do litoral para o coração do continente; não há contiguidade na expansão: os núcleos mineradores vão surgir muito longe dos pontos de partida das correntes migratórias” (Prado Júnior, 2011, p. 55).

Neste período, a maior parte dos povoados estava concentrada desde o rio Grande até as nascentes da região do Jequitinhonha, surgida a partir da busca de ouro, rochas e minerais preciosos, originando os principais assentamentos como a Vila de Lavras, Arraial do Tejuco (Diamantina), Vila Rica (Ouro Preto) e Mariana, na centralidade da capitania.

Outras regiões como o nordeste, o noroeste e sul mineiros, também se constituíram a partir da mineração, porém esvaziando-se rapidamente. No caso da região do triângulo, na segunda metade do século XVIII, observou-se forçada a desenvolver atividades para o suporte de outras regiões mineradoras, como serviços

agrícola-pastoril, a depender de um relevo menos acidentado. Mineradores e tropeiros, ainda motivados na busca de novas terras para exploração de ouro e pedras preciosas, se dirigiam para as regiões mais centrais da colônia, como Mato Grosso e Goiás, cruzando a região e seus povoados. Assim, o Triângulo Mineiro era parte do caminho das rotas para o interior da colônia, “este fato estimulou o nascimento da atividade comercial na região do triângulo a partir do fluxo populacional gerado neste período. O comércio incipiente forneceu suporte para uma pequena agricultura e para uma pecuária extensiva” (Martins, 1998, p. 166).

Estudando o contexto econômico da região no período, Farias (2018, p. 15) observa que “com a mudança da economia mineradora, como a do garimpo do ouro, para a agricultura, houve uma grande saída de fazendeiros e seus escravos para o oeste de Desemboque<sup>17</sup>, com a fundação de vilas e cidades, como Sacramento”. O autor ainda ressalta que a cidade de Sacramento, especificamente, é resultado de um fluxo migratório de outras regiões, tornando-a um ponto de atração para alguns residentes ao longo dos séculos. E é da região do Desemboque que se origina o avô e a mãe de Carolina Maria de Jesus.

Apesar disso, a cidade neste movimento migratório para oeste e a demanda de produtos para outras regiões de Minas Gerais, desenvolveu atividades econômicas voltadas às culturas agrícola-pastoris, favorecendo e alavancando o enriquecimento de uma elite local. Esse contexto migratório foi acompanhado pela comercialização de escravizados africanos, e Sacramento, assim como muitos outros municípios do Brasil, foi palco do sistema escravocrata<sup>18</sup> – controlado e direcionado pelas famílias abastadas de origem europeia.

O processo de libertação da escravidão após 1888, de modo geral, tornou-se espectro da marginalidade e da exclusão da população preta. Após a Lei Áurea, não houve políticas de inserção à sociedade ou reparação da dignidade deste povo, de modo que possibilitasse de forma efetiva uma equidade social, política e econômica.

---

<sup>17</sup> A região do Desemboque é um distrito do município de Sacramento (MG).

<sup>18</sup> Vale mencionar, que segundo os dados do censo de 1872, o primeiro realizado no Brasil, neste período, a população escravizada do Brasil parcialmente referida totalizava: Entorno de 1.510.806 escravizados em todo o território; sendo do total destes, 24% da província de Minas Gerais, 19,37% da província do Rio de Janeiro e 10,36% da província de São Paulo.

Vale ressaltar, que a menina Bitita nasce, por volta de vinte e seis anos após a assinatura da Lei Áurea<sup>19</sup>, documento que aboliu o sistema escravocrata e finalizou o lento processo e gradual, iniciado pelo movimento abolicionista com a implementação da Lei Eusébio de Queirós<sup>20</sup>, que proibia a entrada de africanos escravizados em terras brasileiras; seguido pela Lei do Ventre Livre<sup>21</sup>, que tornava toda criança nascida de mães escravas libertas; e por último, antes da Lei Áurea de 1888, a Lei dos Sexagenários<sup>22</sup>, que tornava livres todos os escravizados com idade igual ou acima de sessenta anos.

É importante destacar que o fim do sistema escravocrata não foi aceito popularmente na época, pois as narrativas de Carolina em “Diário de Bitita” descrevem a população negra e mestiça em Sacramento com contratos de trabalhos abusivos, que reforçam as tardias políticas progressistas.

Não tínhamos permissão para plantar. O fazendeiro nos dava uma ordem de cento e cinquenta mil-réis para fazermos compras num armazém lá em Restinga. Tínhamos que andar quatro horas para ir fazer as compras, o dinheiro não dava. Comprávamos feijão, gordura, farinha e sal. Não tomávamos café por não ter açúcar. Não tinha sabão para lavar a roupa de cama. Que fraqueza! (Jesus, 2014, p. 140).

Em outros momentos do livro, as falas racistas dos brancos aos negros são destaque, inclusive para com a própria menina Bitita. As reflexões de Carolina em suas obras, em particular o “Diário de Bitita”, tratam sobre o racismo e a posição social do povo preto de maneira contundente. Estes apontamentos são os traços da literatura carolineana que auxiliam a reconhecer a marginalidade socioeconômica do povo negro, como indica o trecho sobre o conflito entre Bitita e uma vizinha.

Passado uns dias, resolvi entrar no quintal da vizinha. Quando fui pegar uma manga, a cobra foi pondo a boca. Assustei, perdi o

---

<sup>19</sup> Trata-se da Lei Nº 3.353, de 13 de maio de 1888; assinada pela então princesa imperial regente, Isabel de Bragança e Bourbon, filha mais velha de Dom Pedro II, o último imperador do Brasil, um ano antes da Proclamação da República em 1889.

<sup>20</sup> Lei Nº 581, de 4 de setembro de 1850.

<sup>21</sup> Lei Nº 2.040, de 28 de setembro de 1871.

<sup>22</sup> Lei Nº 3.270, de 28 setembro de 1885.

equilíbrio e a noção. Fui desprendendo-me de cima para baixo, batendo nos troncos e caí no solo semi-inconsciente. Esqueci que estava furtando as mangas. Comecei a gemer, os cães, ouvindo-me a gemer, ladraram e as galinhas cacarejaram. A dona Faustina foi averiguar o que havia. Encontrou-me com o seio recheado com mangas. Dirigiu-me um olhar que amedrontou-me. Percebi que ela era avarenta. Repreendeu-me!

- Então é você quem rouba as minhas frutas. Negrinha vagabunda. Negro não presta.

Respondi:

- Os brancos também são ladrões porque roubaram os negros da África.

Ela olhou-me com nojo

-Imagina só se eu ia até a África para trazer vocês...Eu não gosto de macacos.

Eu pensava que a África era a mãe dos pretos. Coitadinha da África que, chegando em casa, não encontrou seus filhos. Deve ter chorado muito” (Ibidem, p. 57).

Podemos encontrar em muitos outros trechos mencionados por Carolina, o controle da pequena cidade de Sacramento pelas elites agrícolas do entorno. Ali estava os espaços onde fazendeiros locais procuravam mão de obra para suas lavouras, além dos materiais e insumos para suas fazendas; e incentivavam a ida de negros e/ou imigrantes para seus colonatos a fim de produzir nas suas terras. Apesar da insistência dos fazendeiros, os negros já haviam entendido que a volta às fazendas não significaria a ordem social regulamentada pela lei em 1888.

O negro foi desinteressando-se da vida de colono, fugia das fazendas levando apenas uma trouxa de roupas. Os seus pertences ficavam na fazenda. Voltava à cidade. Ia trabalhar em qualquer coisa e morava nos porões italianos, ou nos barracões. Eu ouvia apenas rumores que os portugueses haviam lutado desesperadamente para ser os donos dessas terras. Mas eu não via portugueses na lavoura. Deram valor ao Brasil só enquanto o braço africano trabalhava gratuitamente para enriquecê-los. Quando eles foram a pagar os serviços prestados pelos negros desinteressaram-se do Brasil. Eles não iam para a lavoura. E eles xingavam os negros

- Negros preguiçosos, se ainda existisse a escravidão com os braços a trabalhar gratuitamente, o Brasil ainda seria colônia lusa (Ibidem, p. 53-54).

Carolina, nas suas menções sobre Sacramento, não indica apego à cidade. Bitita desde cedo aprendeu a partir de suas observações e experiências a perceber e analisar a hostilidade racista que a cercava. E além, não concordava com o estilo de vida dos negros e mestiços e sua relação com o álcool. O cotidiano não lhe agradava, demonstrou poucas vezes interesse nos bailes locais, sobretudo após retornar à cidade com sua mãe no capítulo “Retorno à cidade”, que a medida do tempo aumenta o desgosto.

Na cidade era horrível a convivência com aquelas pessoas que não se respeitavam. E havia brigas todos os dias, com interferência dos policiais que espancavam os rixentos. Aquele povo não mudava os seus hábitos, que era trabalhar, beber e dançar. Que saudades da vida ridente do campo! Recordava quando mamãe torrava farinha. A água acionando o manjoo. Quando fazíamos pão com vinte ovos para ficar macio. Tudo era preparado com leite. Tinha saudades da minha enxada. Sentia saudades dos calos nas minhas mãos. Do cavalo, o Maçarico. O amanhã não me preocupava. Não era nervosa, porque vivia com fartura em casa. (Ibidem, 2014, p. 139)

Segundo as narrativas, a cidade de Sacramento tinha uma população de maioria católica. Por volta do final do século XIX e início do século XX, a igreja e suas missas faziam parte do cotidiano da cidade, regravava as cerimônias entre ricos e pobres, brancos e pretos, além das festas e datas comemorativas festejadas pela população, como mencionado no capítulo “A cidade”. Carolina refere pouco sobre a influência da doutrina espírita da população, que contribuiu na instalação do colégio Allan Kardec, presente na sua educação.

Aos domingos, os habitantes da cidade eram obrigados a assistir aos ofícios religiosos. As religiões predominantes eram a católica e a espírita. Os capítulos eram maioria. Os espíritas minoria. Havia discriminações: os pobres e os pretos assistiam à missa das seis. As madames ricas e casadas assistiam à missa das oito. E as mocinhas assistiam à missa das dez, iam com os namorados. Os pobres

ficavam perto da igreja para ver as mulheres ricas passar, usando vestidos caríssimos que eram confeccionados em São Paulo na Casa Alemão ou na madame Antonieta. Se no lavar as roupas as lavadeiras perdiam a etiqueta da peça que lavavam, pronto, eram despedidas. Uma roupa que fora confeccionada em São Paulo tinha um valor. Era o comprovante que os donos eram ricos e importantes. (Ibid, 2014, p. 103)

No capítulo “As madrinhas”, é destacado a lotação da Basílica do Santíssimo Sacramento, além do movimento das ruas com a presença do bispo para a crisma das crianças da cidade, aguçando seu cotidiano. A autora destaca o evento com grandeza ao utilizar seu vestido novo para frequentar o espaço religioso.

Fui com a minha madrinha para a igreja. Ela alugou um carro de praça. O cocheiro do carro era o primo mulato de minha mãe, José Marcelino. Ele cobrou quinhentos réis por pessoa. A minha madrinha deu-lhe dez mil-réis. Eu pensei: “Puxa, ela tem muito dinheiro! Já sou importante, tenho uma madrinha rica”. As pessoas adultas circulavam pelas ruas acompanhadas das crianças, segurando-as pelas mãos. A igreja estava superlotada. Os altares enfeitados com flores cor-de-rosa (Ibid, p. 19)

A autora trata as festividades locais quando mais jovem nos primeiros capítulos, pois havia na pequena Bitita a curiosidade sobre estes eventos, mas quando alcança a juventude os enxergava com desdém as festas e as brigas resultantes. A autora ressalta o movimento pendular da ida dos trabalhadores do campo à cidade aos fins de semana para participar destes momentos sociais.

Eram nestas ocasiões que os casais se uniam, além do aumento dos serviços das prostitutas locais. Foi num destes episódios que os pais de Carolina Maria de Jesus se conheceram. Seu pai é apresentado como um boêmio, um músico festeiro, já sua mãe uma jovem doméstica à época.

Os homens que trabalhavam na cidade tinham inveja dos camponeses que recebiam todos os sábados cinquenta e quatro mil-réis. E eles recebiam para gastar com a família e com as meretrizes. E os homens ficavam contentes porque podiam ter duas mulheres. Na segunda feira, eles deixavam a cidade de madrugada

para chegar a roça às seis da manhã. Os homens deveriam levantar-se antes do sol aparecer no espaço. Se levantassem depois, eram criticados pelos amigos:

- Ele é almofadinha, não gosta de levantar cedo. Cada um pegava sua enxada. Trabalhavam comentando:

- Eu dormi com uma mulher branca.

O outro dizia:

- Eu dormi com uma pretinha, e dei cinco mil-réis para ela.

- Eu dei dez para a branca.

- Que tal é a mulher branca?

- Que tal é a mulher negra?

E cada um dava a sua opinião

- Eu sempre falei que não haveria de morrer sem conhecer uma mulher branca.

Você vê como é que o mundo já está melhorando, nós os negros já podemos dormir com as mulheres brancas. É a igualdade que já está chegando (Ibidem, p. 49).

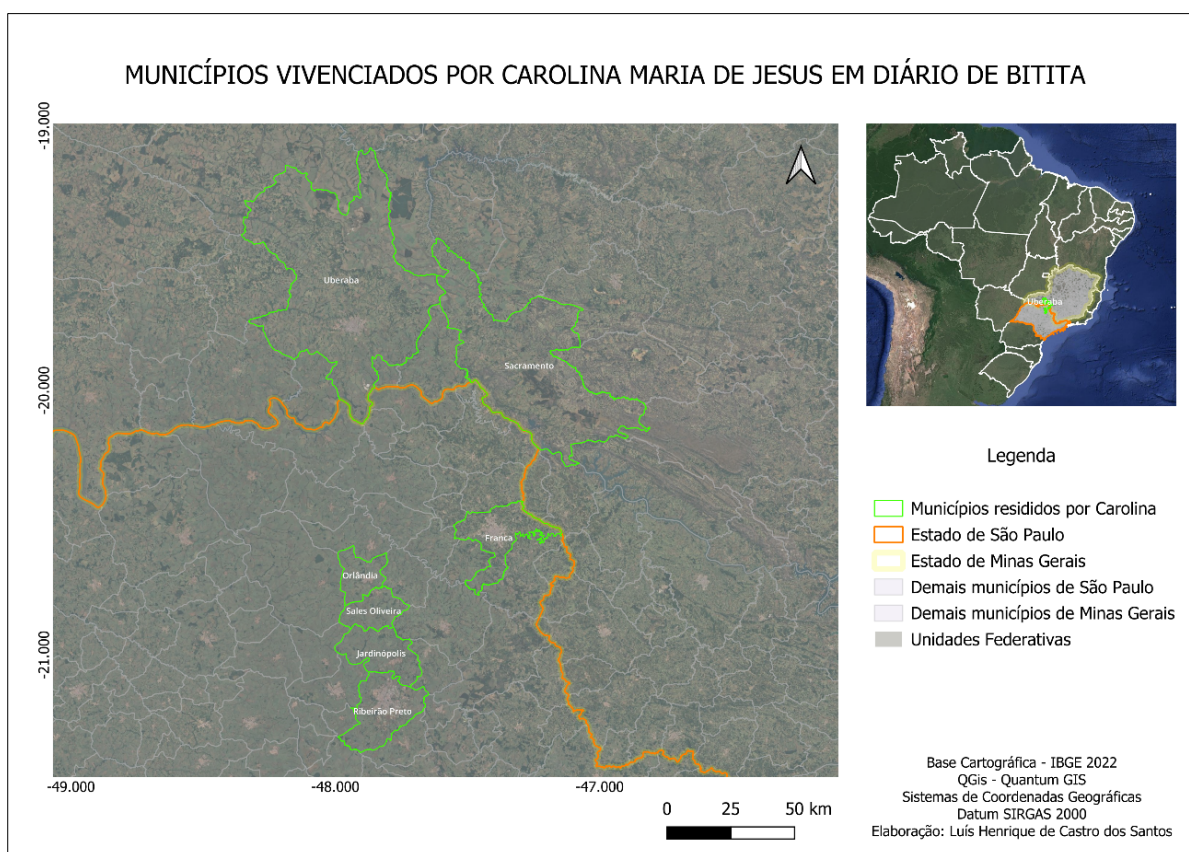
A cidade de Sacramento no século XXI não apresentou significativas mudanças em sua paisagem urbana aos longos dos quase cem próximos anos das vivências de sua contrterrânea. Os casarões da cidade, descritos pela autora, muitos ainda estão de pé, sendo alguns residenciais, outros comerciais com letreiros e vitrines, e, em menor número, abandonados.

O trabalho de campo realizado em janeiro de 2024 na cidade, a fim de coletar materiais e informações sobre a biografia de Carolina Maria de Jesus, permitiu perceber uma paisagem urbana com pouco avanço técnico. Ao contrário dos grandes centros brasileiros, Sacramento manteve uma arquitetura com ruas estreitas e muitos casarões antigos de estilo colonial e neocolonial; praças recheadas de arbustos e flores, ao lado de antigas igrejas e catedrais; e avenidas paralelas, apesar do movimento dos veículos e do asfalto moderno.

Suas calçadas na região central, próximo a Basílica do Santíssimo Sacramento, são feitas de rochas em conjunto com o paralelepípedo presente em algumas ruas. O relevo, pouco acidentado, permite fácil observação para enxergar os limites urbanos da cidade, o campo e as atividades agrícolas ali ainda presentes.

### 1.3. Trajetórias de Bitita: Espaços entre narrativas

Assumindo a relevância da cidade de Sacramento nas narrativas de Bitita, entendemos que estas representam vivências e memórias, pois concebem espaços construídos pelas “linguagens verbais e não verbais ou sincréticas, como por exemplo, relatos de viagem, romances, contos, poesias, pinturas, mapas” (Massagli, 2015, p. 79). Assim, nesta sessão iremos organizar as menções da autora quanto aos seus movimentos e trajetos por diferentes cidades no entorno de Sacramento (figura 2). Segundo Pereira (2015, p. 21), contabilizam-se “vinte e três movimentos de mudança de cidades vivenciados pela escritora entre 1914 e o final da década de 1930”, entre cidades paulistas e mineiras.



**Figura 2:** Mapa dos municípios percorridos por Carolina Maria de Jesus e narrados em "Diário de Bitita". Fonte: Do autor, 2023.

Se dividíssemos a obra “Diário de Bitita” em dois momentos, considerando a linearidade temporal presente nas narrativas, os capítulos a “A escola” e “A fazenda”, seriam marcantes nesta caracterização. Anterior a estes capítulos trata-se da infância de Bitita antes da chegada à escola, focando em momentos anteriores da

infância e a sua alfabetização. Ao ser retirada da escola, antes de concluir o quarto grau, Bitita inicia sua fase de trabalho na lavoura, e assume a partir daí uma posição adulta e financeira da casa.

Foi a partir do convite de um homem até então desconhecido, e mais tarde viria a ser seu padraсто, que sua mãe se juntou a ele na fazenda Lajeado, nos entornos de Uberaba. Nesse período Bitita conheceu a vida campesina, trabalhando no cultivo de plantas e na criação de animais como porcos e galinhas. Aparentemente, é nesta fase que a jovem Bitita tem acesso a uma variedade alimentar e certa resignação à vida.

Um dia apareceu um homem na cidade. Disse que estava procurando uma mulher para viver com ele numa fazenda. Que não era possível para um homem viver numa roça sozinho. Perguntou se minha mãe queria viver com ele. Ela aceitou. Ele disse que o lugar apropriado para os pobres é a roça. Que a vida no campo, além de ser mais saudável, é mais simples. A vida na cidade era difícil porque tínhamos que comprar de tudo. Ele foi procurar um fazendeiro que o aceitasse como colono. Íamos residir na fazenda Lajeado, nas imediações de Uberaba (Jesus, 2014, p. 131).

Não por muito tempo morou em Lajeado, pois a família de Carolina é expulsa pelo dono das terras, o fazendeiro e escritor Olympio Rodrigues de Araújo<sup>23</sup>, e retornam à Sacramento. A volta à cidade foi frustrante para encontrar emprego, enfrentar a insuficiência alimentar e assistir o cotidiano conflitante da população preta, trazendo certos desgostos. Carolina, ao longo de todas as suas produções escritas pouco menciona sua cidade natal, em comparação à cidade de São Paulo. A pequena cidade de Sacramento não representou a estabilidade financeira ou qualidade de vida desejada pela escritora, pelo contrário, ali, tanto para ela quanto aos seus semelhantes tudo era distante e inacessível.

Nos capítulos subsequentes de “A fazenda”, Bitita transita por motivos de trabalho ou de saúde para outras cidades além de Sacramento. O primeiro movimento, após a expulsão na fazenda Lajeado, foi para algumas fazendas próximas na divisa de São Paulo e Minas Gerais. Passam nestes lugares por abusos

---

<sup>23</sup> Olympio Rodrigues de Araújo (1860-1923) é um dos fundadores da Academia Mineira de Letras, estando na cadeira de nº 37, segundo o site da entidade. Fonte: <<https://academiamineiradeletras.org.br/cadeiras/>>. Acesso em: outubro de 2024.

físicos e pela pressão de gananciosos fazendeiros. Carolina foge até Franca, porém sem sucesso para emprego e residência, retorna novamente à Sacramento.

As idas e vindas à Sacramento perpetuam entre tentativas de trabalhos malsucedidos, tanto à Carolina quanto sua mãe. E apesar da união de ambas na trama, sua mãe esboçava certo desprezo pela filha na adolescência, em trechos a mãe admite que a filha lhe pouco era usual

Alugamos um quarto na casa de dona Narcisa. O preço do quarto era cinquenta mil-réis por mês. Que luta para arranjar estes cinquenta mil-réis para pagar o primeiro mês adiantado. Não tínhamos sossego, pensando: “Será que vamos arranjar dinheiro para pagar o segundo mês? Se ninguém tinha emprego fixo.” Minha mãe me olhava e dizia:

— Eu não posso confiar em você. Já percebi que você nunca vai poder auxiliar-me.

Nós dormíamos no solo. Forrávamos o chão com jornais.

Minha mãe dizia:

— Nós viramos ciganos. É horrível estar hoje aqui, amanhã ali. Estamos imitando os artistas de circo. (Ibidem, p. 190)

Hostilidade essa que motivou a jovem Bitita, já adolescente em transitar por estradas de terra em meio a fazendas distantes de Sacramento até Uberaba, a fim de receber tratamento em hospitais locais para as feridas que progrediam nas pernas desde quando trabalhou na fazenda Lajeado.

Vale ressaltar que neste percurso andarilho de Bitita, presente no capítulo “A doença”, foi percorrido entorno de 50 km de distância entre Sacramento e Uberaba, por estradas de terras, ao lado de matagais, sem água e alimentos. Nesta cidade mineira tenta consultas médicas no asilo de São Vicente de Paula e hospedagem na residência de conhecidos, mas sem sucesso. Novamente retorna à Sacramento.

Em um próximo percurso, no capítulo “As leis da hospitalidade”, na busca de tratamento médico especializado para suas feridas, Bitita viaja de trem até Ribeirão Preto, no noroeste de São Paulo, com dinheiro dado pela própria mãe. Sem sucesso e boa recepção de parentes. Bitita mendiga dinheiro para hospedagem e alimentação e recebe falas racistas e hostis, que apontavam sua idade e condição

como indecentes. Após as humilhações, novamente, tenta voltar andando à Sacramento pelas estradas de terra.

Procurei a estrada de rodagem pretendendo voltar para a minha terra a pé. Fui andando resignada. Era o início de minha vida, e o destino estava apresentando-me às pessoas desumanas que transitam por este mundo. Os tipos que pensam que são imortais, destituídos das belas qualidades, e com péssimas formações morais. Quantos meses levaria para chegar a Sacramento? Andei o dia todo pensando: quando encontrar um lago ou um rio, vou tomar banho, cinco dias sem tomar banho! Eu tenho que ser firme nas minhas resoluções. Nunca mais hei de falar com os filhos da tia Ana. Não mais hei de considerá-los meus parentes. Se receber ofensas, hei de devolver as ofensas como troco (Ibidem, p. 169).

No caminho até Sacramento, Bitita passa por outras cidades paulistas. Sua impressão pelas cidades são, ao contrário das mineiras, mais desenvolvidas com a presença de hospitais Santa Casa, como afirma quando chega a cidade de Jardinópolis, que “os paulistas são caprichosos. Dá impressão que o estado mais rico do país é o estado de São Paulo” (Ibidem, p. 170). Foi em sua passagem por Jardinópolis que Bitita anseia pela primeira vez a ideia de mudar-se para São Paulo, após recusar o pedido das freiras da Santa Casa em permanecer no hospital, que não a ajudam de imediato com as feridas.

Família ... coisa que não tenho. Quando uma doente recebia alta, eu chorava. E os dias foram passando. As minhas pernas continuavam na mesma. As chagas não cicatrizavam. Resolvi deixar a Santa Casa. As irmãs imploravam:

-Fiquei! Nós temos tanta comida, e não temos quem coma! Nós não temos doentes. Os que adoecem aqui preferem ir para Ribeirão Preto, ou São Paulo.

Pensei: “Se me fosse possível ir até São Paulo para consultar!... Mas não tenho recursos. É melhor eu voltar para Sacramento, e seja o que Deus quiser”. Agradei às irmãs e segui (Ibidem, p. 172).

Os relatos dos percursos por diferentes cidades acontecem no capítulo “A revolução”, que descreve a mudança histórica deste período – a transição da

República Velha e a ascensão de Getúlio Vargas, um governo marcado com as primeiras leis do trabalho presentes na Constituição de 1934. O Brasil consolidaria contratos de trabalhos mais estáveis, propiciando o fortalecimento econômico pela industrialização das cidades, sobretudo São Paulo, que vinha se tornando o desejo da futura escritora.

Após passar por Ribeirão Preto e Jardinópolis, Bitita vai andando até Sales Oliveira onde trabalhou por quinze dias como doméstica para uma patroa, que após este período, paga uma viagem de carro até Orlândia, onde tinha arranjado para Bitita um novo emprego em outra residência, que também não permanece muito tempo e retorna ao caminho de Sacramento.

O retorno à Sacramento não foi motivo de comemorações, pois sua própria família aconselhava Bitita retirar-se para longe da cidade. A mãe queixava-se da hostilidade dos sacramentanos com a filha, aconselhando também sua saída. No início do capítulo “A cultura”, a autora retoma o anseio de partir para a cidade de São Paulo, quando aponta que muitos achavam a capital paulista uma boa cidade para os pobres, que lá trabalhavam e enriqueciam.

Por eu ter tomado muitos remédios, minhas pernas estavam cicatrizando. Comecei a fazer projetos. “Vou ficar boa. Hei de conhecer a cidade de São Paulo.” O povo dizia que era a cidade favo de mel. Em São Paulo tem um bairro que se chama Paraíso. E a cidade de São Paulo é um paraíso para os pobres. É o estado do Brasil que tem mais estradas de ferro (Ibidem, p. 179).

O último retorno à Sacramento, Bitita deveria ter entorno de 20 anos de idade e é provável ter ocorrido após o ano de 1934, pois menciona as leis trabalhistas do governo Vargas no capítulo “As leis da hospitalidade”, que datam deste período. Para curar-se das feridas, que finalmente cicatrizavam, repousava na companhia vários livros do seu interesse e os lia na porta da casa de sapé, espantando os moradores, que ao se depararem com a cena de uma jovem preta retinta lendo livros, comentavam sobre a feiticeira e o livro de São Cipriano.

Os comentários sobre a feitiçaria, aprendida por Bitita através dos livros, não passam de instigações racistas diante de uma menina preta, descendente de escravizados, realizar o impossível na época: a leitura. O número de analfabetos entre os pretos e mestiços era elevado, e por isso uma jovem demonstrar este

domínio, como os brancos abastados da elite, gerou estranhamento entre os moradores.

Vale ressaltar, que Carolina Maria de Jesus se encontra nas primeiras gerações de acesso à educação primária após a queda do Império do Brasil, como aponta a comparação dos censos de 1872, 1890 e 1920. Segundo Ferraro e Kreidlow (2004, p. 185) “uma redução de 11 pontos percentuais na taxa de analfabetismo para o Brasil como um todo (de 82,3% em 1872 e 82,6% em 1890 para 71,2% em 1920). É, pois, no período de 1890 a 1920 que tem início a tendência secular de queda do analfabetismo no Brasil”.

Imersos no analfabetismo, no semi-analfabetismo e no conservadorismo político e religioso, a população de Sacramento à época de Bitita, não sabia lidar com as potencialidades intelectuais, sobretudo dos pretos, que comumente ocupavam a sarjeta ou empregos subalternizados e estritamente manuais. Carolina neste período reforça seu descontentamento à cidade natal, como no capítulo “A revolução”.

Eu pensava: 'Por que será que nas cidades pequenas não se sente o efeito de uma política? Se eles fazem tantos progressos nas capitais, poderiam fazer no interior, e o homem não necessitaria locomover-se de um estado para o outro'. Mas a minha cidade continuava no mesmo estilo. Eu olhava a cidade e pensava: 'Pobre Sacramento, é semelhante a um bolo em que não puseram fermento, não cresce' (Ibidem, p. 159).

No capítulo “A cultura”, ocorre um dos episódios mais cruéis de toda obra memorialística. Após os comentários entre vizinhos alcançarem o sargento local com uma fofoca mal contada envolvendo Bitita e o próprio, é emitida voz de prisão sem causa justa ou delito da jovem. Os policiais arrastam Bitita e sua mãe de dentro de sua residência, e passam quatro dias sem alimentação atrás das grades antes do primeiro interrogatório com o sargento. No mesmo dia, um policial espanca Bitita e quebra o braço de sua mãe, dentro de uma das selas<sup>24</sup>. Após cinco dias, ambas foram libertas diante do pagamento de fiança feita por um primo chamado Paulo. As

---

<sup>24</sup> A antiga cadeia de Sacramento atualmente é o prédio do atual Arquivo Público Municipal e foi visitada em janeiro de 2024. Se encontra nas suas dependências parte dos escritos de Carolina Maria de Jesus, após doação da sua filha, Vera Eunice de Jesus Lima.

feridas se intensificam e sua mãe agonizava com dor no braço quebrado. As duas seguem nos próximos dias andando pelas estradas pedindo esmolas.

As famílias locais proibiam suas filhas de falarem com Bitita e após este episódio sua mãe suplica sua partida, que aumenta seu interesse pela cidade de São Paulo. Ambas decidem partir para o município de Franca. Segundo a obra, foi a última vez que Bitita esteve em Sacramento.

Em Franca, encontram empregos e hospedagem tanto na cidade quanto no campo conforme a necessidade dos donos, mas nenhum de longo período. Na cidade, a jovem queixava-se dos serviços braçais intensos, dos desacordos de patrões, ou da falta de trabalhos mais bem remunerados; e, assim partia para o campo, em serviços na lavoura ou nos cuidados das casas e filhos dos patrões, em um ir e vir. Assim como muitos jovens, Bitita no auge dos seus vinte anos desejava voltar a residir na cidade, com trabalhos mais agitados e interessantes, e para aproveitar o lazer, como dançar no Carnaval.

Ainda em Franca, exerceu atividades domésticas, como cozinheira de hospital e babá. Com os trabalhos, financiou o retorno de sua mãe para Sacramento em Minas Gerais, e se comunicavam através de cartas, mesmo a mãe sendo analfabeta, assim como todos os parentes naquela terra. Sua mãe faleceu em 1937, entorno dos vinte e três anos da autora. Não é mencionado no “Diário de Bitita” que ambas tenham se visto pela última vez.

Ao conhecer uma professora, que precisava de uma criada para acompanhá-la até São Paulo, Bitita encontra a oportunidade de realizar a maior de suas aspirações: morar na metrópole brasileira que tanto admirava. As restantes memórias se subdividem em seus outros livros, que tratam da sua desilusão na capital paulista ao ocupar cortiços e a favela. Carolina morreu pobre, mas conseguiu comprar uma chácara e exercer as atividades agrárias que aprendeu na juventude, enquanto Bitita.

Até que enfim, eu ia conhecer a ínclita cidade de São Paulo! Eu trabalhava cantando, porque todas as pessoas que vão residir na capital do estado de São Paulo rejubilam como se fossem para o céu. No dia da viagem, não dormi para não perder o horário. O trem saía às sete horas, mas eu cheguei na estação às cinco horas. Que alegria quando embarquei! Quando cheguei à capital, gostei da cidade porque São Paulo é o eixo do Brasil. E a espinha dorsal do

nosso país. Quantos políticos! Que cidade progressista. São Paulo deve ser o figurino para que este país se transforme num bom Brasil para os brasileiros. Rezava agradecendo a Deus e pedindo-lhe proteção. Quem sabe ia conseguir meios para comprar uma casinha e viver o resto de meus dias com tranquilidade (Ibidem, p. 205-206).

Entorno do que foi apresentado neste capítulo 1, dos percursos e experiências da autora, parte-se da autobiografia como processo metodológico e etnobiográfico da análise de narrativas literárias, possibilitando-nos a construção da dimensão cartográfica da obra, discutida no capítulo 2, tratando-se das produção imagéticas.



Bibha I

Cris Castro

## 2. IMAGEM-PALIMPSESTO: ENTRE PAISAGENS E NARRATIVAS

Neste segundo capítulo, a partir das narrativas e das memórias infanto-juvenis da autora, busca-se aprofundar a constituição topo-paisagística da obra, como camadas a serem interpretadas, assim como em um palimpsesto, de modo que desvele outras narrativas e aguçe uma cartografia literária. Para esta empreitada, primeiro, pondera-se que a cartografia literária não é uma perspectiva recente, uma vez que “desde a década de 1940 do século XX havia entre os geógrafos franceses o desejo de resgatar e discutir aspectos geográficos de obras literárias” (Alonso, 2020, p. 145). A Geografia tem muito a ganhar junto a Crítica Literária na produção de “novos instrumentos que permitem realizar aproximações impensadas em outro tempo e constituir novas interpretações” (Suzuki, 2017, p. 141).

A união entre a Literatura e Geografia, no processo de leitura e análise geográfica a partir de textos literários, pressupõe a cartografia literária como “mediação importante e necessária na construção da interpretação” (Ibidem, p. 141), através do texto como mediador da análise do espaço. A temática também possibilita caminhos que esboce uma cartografia a partir do subjetivo, à maneira interdisciplinar, como caminho possibilitador para pesquisas das “dimensões subjetivas do comportamento humano no espaço” (Buttimer, 1986, p. 80). Vale mencionar, que no Brasil, a “primeira pesquisa de pós-graduação stricto sensu defendida com foco na relação entre Geografia e Literatura, preocupada com experiências e vivências da paisagem” (Suzuki, 2017, p. 140), foi defendida por Solange Terezinha de Lima em 1990<sup>25</sup>.

Segundo, destacamos o termo “topo-paisagem” que tem por objetivo nos referenciar de maneira metafórica as diferentes camadas intercaladas e sobrepostas sob a paisagem de narrativas literárias de espaços urbanos. O termo também nos possibilita interpretar estas camadas sobre a paisagem urbana, quando destacamos narrativas autobiográficas e memorialísticas além da sua paisagem, como o caso aqui da obra “Diário de Bitita”, de cunho testemunhal e autorreferencial da autora Carolina Maria de Jesus.

---

<sup>25</sup> Trata-se da dissertação de mestrado intitulada de “A percepção geográfica da paisagem dos gerais no “Grande Sertão: Veredas”, de Solange Terezinha de Lima Ferreira, defendida em 1990 na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP).

Referenciando a etimologia, o termo “topo” é comumente indicado na língua portuguesa como cume de algo, grau mais elevado que se pode alcançar<sup>26</sup>. Contudo, se baseando na retórica grega, o termo “topo” provém de “topos”, que no grego clássico trata-se de “lugar”. A partir destas duas referências etimológicas, compreende-se juntamente e simbolicamente como “topos” das experiências em uma paisagem, indicada em narrativas literárias e operando o cotidiano do passado aos ambientes físicos na paisagem urbana. É importante mencionar que se entende do conceito de Lugar como espaço das “vivências cotidianas como um centro de significados, como um intervalo, onde experimentamos intensamente o que pode ser denominado de geograficidade, como proposta por Dardel” (Holzer, 2014, p. 282).

Neste interim, destacamos a obra em dois períodos a serem analisados neste capítulo, uma vez que, ambos apresentam dinâmicas espaciais diferentes. O primeiro período em destaque, refere-se quanto aos lugares e pessoas mencionadas pela autora quando criança, vividos exclusivamente em Sacramento (MG), presentes desde os capítulos “Infância” até “A escola”, neste período é narrado as impressões e as narrativas da menina Bitita, que tinha de compreender o mundo sem muita instrução, o que lhe restava vivenciá-lo para apreendê-lo. O segundo período, entre os capítulos “A Fazenda” até “Ser cozinheira”, destaca os movimentos migratórios quase que pendulares da autora para diferentes cidades mineiras e paulistas, por vezes pelos mesmos motivos: busca de trabalhos como doméstica nas cidades, serviços no campo em colonatos e tratamentos médicos. Observa-se a partir destes movimentos, o início do trabalho no campo, na transição de criança à adolescente, que força Bitita se desligar da aspiração de continuar seus estudos e ajudar no sustento da sua família, e tempo depois, a cuidar de si mesma.

Estes dois períodos resultaram no desenvolvimento de materiais imagéticos que possibilitam compreender, primeiramente, a infância da escritora e sua vivência exclusivamente em Sacramento, com os mapas de localização, fotografias do trabalho de campo<sup>27</sup> de alguns espaços mencionados na obra e desenhos feitos em

---

<sup>26</sup> Topo, segundo o dicionário de Língua Portuguesa “Priberam”, indica como a parte mais alta, de um cume, da ponta ou extremidade. Sendo o grau mais elevado que se pode alcançar. Disponível em: < <https://dicionario.priberam.org/topo#:~:text=Origem%20etimol%C3%B3gica%3A%20franc%C3%AAs%20antigo%20top.Plural%3A%20topos%20%7Ct%C3%B4%7C.>> >. Acesso em: janeiro de 2025.

<sup>27</sup> Trabalho de campo realizado entre os dias 17 a 20 de janeiro de 2024, a fim de capturar fotografias, informações e materiais quanto a biografia de Carolina Maria de Jesus e da formação e organização territorial de/em Sacramento (MG).

carvão em folhas translúcidas. E no segundo momento, com os deslocamentos de Bitita entre as cidades mineiras e paulistas, destaca-se os mapeamentos dos deslocamentos em conjunto com sua cartografia literária.

Para a produção destes materiais imagéticos foi necessária uma releitura da obra para identificar os trechos sobre os lugares mencionados pela autora, ainda hoje identificáveis na cidade de Sacramento. Ainda que não fosse o foco da autora tratar do cotidiano e dos locais, mas testemunhar sua própria experiência vivida, em alguns trechos a autora descreve fazendas, prédios, igrejas, cidades, escola, asilos e hospitais. Sendo assim, estas localidades são nessa pesquisa narradas pensando a sobreposição de tempos e movimentos.

Para esta empreitada, além da revisitação dos trechos da obra e da busca das referências bibliográficas sobre a biografia da autora, também foi necessária visitas em exposições artísticas e trabalho de campo, como um exercício de aproximação entre distintos documentos produzidos sobre Carolina Maria de Jesus por outros autores e artistas.

Em novembro de 2023 visitamos a exposição itinerante “Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros” (figura 3), no Museu de Arte do Rio de Janeiro, em parceria com o Instituto Moreira Salles. A exposição foi dedicada à trajetória e à produção da autora, apresentando trabalhos como escritora, compositora, cantora e artista. Visitar a exposição, além de auxiliar na constituição da linha do tempo da vida da autora, tratada no capítulo 1, permitiu observar as fotografias da autora e identificar os gestos de Carolina durante as capturas das fotografias em exibição, que posteriormente auxiliou na produção dos desenhos aqui presentes.

A exposição no Rio de Janeiro ao destacar a importância da personalidade e da contribuição da autora à cultura brasileira, permitiu perceber que havia pouca atenção ao período da infância e juventude da autora. A maior parte do material e das informações deste período se encontram na obra “Diário de Bitita”, e em alguns autores que investigam a produção e a biografia da autora.



Figura 3: Entrada da exposição “Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros”, no Museu de Arte do Rio de Janeiro.

Fonte: Do autor, 2023.

A fim de conhecer mais sobre os espaços vividos pela autora descritos em obra, realizou-se em janeiro de 2024 um trabalho de campo à cidade de Sacramento (MG) e uma visita técnica no Arquivo Público Municipal. O trabalho de campo tinha por foco identificar, localizar, observar e analisar as edificações tratadas por Carolina, e mediar a leitura da obra.

A cidade de Sacramento, como já tratado no capítulo 1, apresenta várias edificações (figura 4), praças (figura 5), ruas e estradas construídas e preservadas do início do século XX. Assim, no trabalho de campo passamos a fotografar os locais visitados, como por exemplo a área do Patrimônio (figura 6) onde Carolina residiu na infância, a Basílica do Santíssimo Sacramento onde foi batizada (figura 7), o antigo colégio Allan Kardec (figura 8) e a antiga cadeia, atualmente o Arquivo Público (figura 9).



Figura 4: Fotografia de dois edifícios no centro da cidade de Sacramento (MG). Em primeiro plano há uma edificação preservada datada do início do século XX, em contraste com um dos poucos edifícios modernos ao fundo.  
Fonte: Do autor, 2024.



Figura 5: Fotografia da placa de homenagem a escritora no bairro do Chafariz em Sacramento (MG).  
Fonte: Do autor, 2024.



Figura 6: Fotografia do terreno do “Patrimônio” no bairro do Chafariz, próximo ao centro da cidade Sacramento (MG), área onde Carolina Maria de Jesus nasceu e cresceu no início do século XX.  
Fonte: Do autor, 2024.



Figura 7: Fotografia do interior da Basílica do Santíssimo Sacramento Apresentado pelo Patrocínio de Maria, em Sacramento (MG).  
Fonte: Do autor, 2024.



Figura 8: Fotografia das escadarias do edifício que abrigava o antigo colégio Allan Kardec, em Sacramento (MG).  
Fonte: Do autor, 2024.

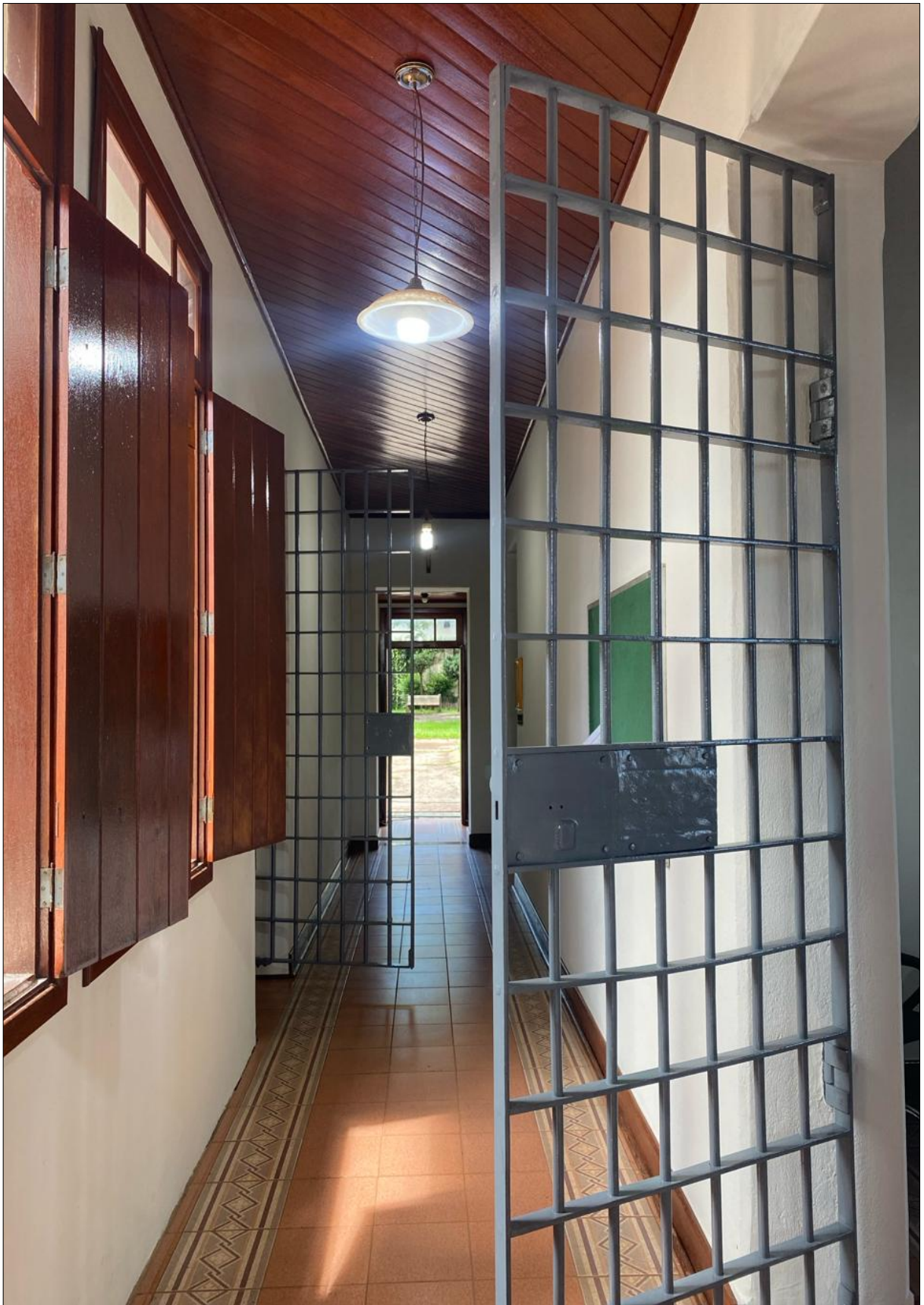


Figura 9: Fotografia do interior do Arquivo Público Municipal de Sacramento, antiga cadeia municipal no início do século XX.  
Fonte: Do autor, 2024.

A visita técnica ao Arquivo Público (figura 10) tinha por objetivo coletar e registrar material/documentos histórico-geográfico da cidade e acessar produções originais da autora doadas ao Arquivo Público.



Figura 10: Fotografia do manuseio e análise do mapa dos domicílios e plano de ruas e avenidas da cidade Sacramento em 1914, no Arquivo Público Municipal de Sacramento.  
Fonte: Do autor, 2024.

Diante das fotografias realizadas e dos documentos lidos no Arquivo Público, percebeu-se a necessidade de incorporar estes espaços visitados em Sacramento na produção de mapas e desenhos autorais. Em contraposição à exposição realizada no Rio de Janeiro, as imagens autorais (apresentadas no item 2.2) estabelecem diálogos com o livro enquanto possíveis outras leituras - traduções intersemióticas (Plaza, 2003), e como sugerido camadas que se sobrepõem - narrativas sobre narrativas.

As narrativas da autora se referem a um tempo histórico carregado de lógicas próprias, impedindo parcialmente traduzir “o outro tempo para os homens do presente” (Pesavento, 2004, p. 28), assim se faz jus na produção destes materiais

que possibilite ir além da leitura da obra, mas contextualizá-la. Logo, ao enunciar sobre estes espaços, tanto em Sacramento quanto outras cidades, Carolina indica formas, cotidianos e lógicas de uma paisagem urbana, que se reflete na sua forma física, por camadas de cotidianos e lógicas ao longo do tempo. É neste movimento, de idas e vindas, carregados de espaços e tempos sobrepostos, que a obra se desenrola.

E, para compreender e nominar as diferentes camadas proporcionadas por estas ferramentas, tomamos ainda o conceito de palimpsesto, que originalmente se refere ao movimento de reutilização de uma superfície pela escrita, apagando o texto original e reescrevendo outros, sem que fosse possível retirar por completo as palavras. O palimpsesto apresenta-se, e por vezes é utilizado, como uma metáfora para compreender a paisagem, que na/pela sobreposição da camada literária, carrega-se de significações e descrições do cotidiano de um tempo e espaço em específico.

Portanto, neste segundo capítulo, busca-se compreender as diferentes camadas sobrepostas a partir das narrativas literárias, no uso dos materiais de cunho imagético, promovendo o encontro de diferentes espaços-tempos, como camadas de palimpsestos, per si, operam a imagem-palimpsesto da obra “Diário de Bitita”. Destacamos e referenciamos este conceito, em Pesavento (2004), Rodrigues (2016), Rodrigues e Vieira (2024), que tratam respectivamente da metáfora do palimpsesto como abordagem do passado da cidade; na aplicação da arquitetura e intervenção aos edifícios e seus antigos usos e, no uso do conceito na articulação entre antropologia urbana e fotografia, por uma refiguração da cidade. Além de outras perspectivas artísticas, cartográficas e analíticas da paisagem.

Sendo assim, o subcapítulo “Da paisagem: narrativas em palimpsesto”, é apresentado como os conceitos de paisagem e palimpsesto se vincula as narrativas literárias, permitindo reflexões entorno do “Diário de Bitita”, num duplo movimento articulador de imagem-palimpsesto. E, no último subcapítulo “Caminhos possíveis da topo-paisagem de Bitita”, se aguça a metáfora palimpsestica a partir da obra, utilizando-se de desenhos e fotografias como parte da interpretação da paisagem urbana retratada nas narrativas da obra, a fim de aguçar a topo-paisagem entorno das narrativas, nos dois períodos que separamos da obra.

## **2.1. Da paisagem: narrativas em palimpsesto**

Assumindo a perspectiva de Gérard Genette (2010), sobre a hipertextualidade, presente na composição entre um texto B (hipertexto) a um anterior, o texto A (hipotexto), que esboça uma obra propriamente literária, “geralmente derivada de uma obra de ficção (narrativa ou dramática)” (Genette, 2010, p. 18). Na configuração das relações textuais, entre hipertexto, hipotexto e gerar uma produção de um texto final, como evoca a hipertextualidade, a imagem do palimpsesto propõe que toda a hipertextualidade é por si só palimpsestica.

Nos cabe aqui primeiramente referenciar neste debate que o “Diário de Bitita” é uma construção de terceiros, visando uma publicação continuada aos efeitos do sucesso de obra anterior. Contudo, ao juntar os textos separados, presente em anotações e cadernos avulsos, e torná-los em obra literária, possibilita daí uma constituição hipertextual como adverte Genette. É importante destacar que o transcorrer da obra é fragmentada em camadas, pois os períodos são organizados e respeitam o crescimento físico da autora enquanto criança, e assim, apresenta-se como camadas textuais a serem compostas e sobrepostas. Porém, como associar a metáfora do palimpsesto com a obra de Carolina Maria de Jesus?

A priori, é necessário reconhecer as especificidades culturais, coletivas e individuais presentes nas narrativas da obra literária, como formas de apreensão do espaço geográfico, localizamos essa pesquisa na geografia humanista pelo interesse de investigar a “imaginação e ação humanas e na análise objetiva e subjetiva de seus produtos” (Cabral, 2000, p. 35). As temáticas crítico-humanistas revisitam os conceitos estruturantes (paisagem, território, espaço, região e lugar), sobretudo a compreender as transformações e os significados do mundo-vivido.

Para Relph (1979, apud Serpa, 2019, p. 15), “o mundo vivido não seria absolutamente óbvio, e os seus significados não se apresentariam por si mesmos, mas deveriam ser descobertos”. Esses significados apresentam-se registrados pelas materialidades humanas presentes na paisagem, tanto urbana quanto rural. Portanto, tratamos o conceito de paisagem, como operacionalizador na análise da obra “Diário de Bitita”, pois o mundo vivido tratado pela escritora revela-se como camadas de paisagem, todavia, uma topo-paisagem.

O conceito de paisagem na Geografia é discutido desde o final do século XIX, focando na descrição das formas físicas da superfície terrestre, que “progressivamente foram sendo incorporadas as ações do homem no transcurso do tempo, com a individualização das paisagens culturais frente as naturais” (Silveira,

2009, p. 3). Comumente definida e tratada na Geografia, paisagem é a partir de um observador o olhar de uma área apreendida pelos sentidos, contudo “não existe um olhar virgem, espontâneo, inocente. O olhar não é somente exercício de um sentido (a visão), ele é também a produção de sentido (significação)” (Ronai, 1976 apud Cabral, 2000, p. 37). A ideia de paisagem hoje recebe atenção não apenas na relação homem-meio, mas na “forma intelectual na qual diferentes grupos culturais percebem e interpretam a paisagem, construindo os seus marcos e significados nela” (Schier, 2003, p. 81).

Serpa (2013, p. 170), adverte que “a paisagem é resultado do processo de acumulação de movimentos, elementos e experiências, de forma contínua no tempo e no espaço”. Esta leitura geográfica só é possível ser realizada a partir dos pressupostos da Geografia Humana, no interesse de compreender as relações socioespaciais. Nestes pressupostos, se aprofundam em compreender as camadas internas do subjetivo de sujeitos e coletivos, que adensem a paisagem e possibilite compreender suas diferentes leituras de maneira intercalada, sobretudo aqui, no uso das autobiografias.

Na composição da paisagem literária conjunto as (auto)biografias, vale mencionar Portugal (2020) e sua reflexão sobre a obra “As pequenas memórias” (2006), do escritor português José Saramago, para trazer à tona o conceito de “geo(BIO)grafias”. A autora afirma que no ato de narrar há produção de um lugar. Ou seja, o narrar de um relato de vida descreve as experiências pessoais na apropriação de certos espaços e a constituição de paisagens, gerando o que pode ser entendido como geo(BIO)grafização, uma “dimensão do espaço enquanto componente da experiência e elemento constitutivo dos processos de biografização. (Delory-Momberguer, 2012, apud Portugal, 2020, p. 34).

A partir de Portugal (2020), podemos conceber Sacramento e as outras cidades onde a autora transitou, como parte integrante da sua experiência no processo da sua própria autobiografia. Daí a importância dos relatos de Carolina, pois quando referenciados permitem (re)descobrir não apenas a autora, mas o cotidiano, as pessoas e as funções sociais naquelas localidades em um outro tempo. Suas narrativas perpetuam como o testemunho de uma cidade que não mais existe, assim aguçando a paisagem que se estrutura em camadas, a partir de narrativas, presentes nas estruturas e materialidades do espaço.

Quanto as alterações da paisagem urbana, destacamos a alteração da composição das materialidades como efeito proporcional ao tempo e das ações humanas. Os processos de transformação da paisagem urbana está presente na conformação das materialidades no espaço, alterando-se ao longo do tempo. Portanto, sobre a paisagem urbana, Italo Calvino (2003), na sua reflexão sobre as cidades invisíveis, destaca:

Evitem dizer que algumas vezes cidades diferentes sucedem-se no mesmo solo, e com o mesmo nome, nascem e morrem sem se conhecer, incomunicáveis entre si. Às vezes, os nomes dos habitantes permanecem iguais, e o sotaque das vozes, e até mesmo os traços dos rostos; mas os deuses que vivem com os nomes e nos solos foram embora sem avisar e em seus lugares acomodaram-se deuses estranhos. É inútil se estes são melhores do que os antigos, dado que não existe nenhuma relação entre eles, da mesma forma que os velhos cartões-postais não representam a Maurília do passado, mas uma outra cidade que por acaso também se chamava de Maurília (Calvino, 2003, p. 15-16).

Portanto, nos interessa os vínculos possíveis de associação entre narrativas literárias e a constituição da paisagem urbana, na medida em que mobiliza “sucessivos processos de transformações, no transcorrer do tempo, que acabam por configurarem a forma das cidades” (Rodrigues e Vieira, 2024, p. 390). A partir do que já foi discutido sobre paisagem literária e (auto)biografias em capítulos anteriores, se assume esta interrelação como categoria de análise, possibilitando compreender as sobreposições de diferentes camadas de narrativas. Logo, articula-se narrativas literárias e autobiográficas ao conceito de palimpsesto, nos possibilitando metaforicamente sobrepor camadas de tempo e movimentos, estruturas e materialidades, funções e formas, narrativas e cartografias da paisagem.

Conquanto, retornando ao questionamento inicial deste capítulo, entende-se por palimpsesto o processo de escrita em papiros ou pergaminhos que, na Idade Média, eram raspados para que um novo texto pudesse ser inscrito sobre os mesmos suportes físicos. Devido ao alto custo da produção de uma nova estrutura planejada na época vigente, o processo permitiu a reutilização de documentos, ainda que interferisse na leitura, pois “a raspagem de um não conseguia apagar todos os caracteres antigos dos outros precedentes, que se mostravam, por vezes,

ainda visíveis, possibilitando uma recuperação” (Pesavento, 2004, p. 26). Bibliotecas de mosteiros e conventos com o uso desta técnica e o arquivamento destes documentos, possibilitaram a preservação e a conservação, quando foram resgatados “parcialmente no século XX, com avançadas técnicas físico-químicas” (Rodrigues, 2016, p. 2).

Assim, o conceito de palimpsesto apresenta-se nessa pesquisa como perspectiva simbólica, metafórica e de visualização que operacionalizam/formalizam os resultados imagéticos, sejam mapas (capítulo 1 e 3) ou montagens visuais (capítulo 2). Associa-se o termo a toda sobreposição de camadas, potencializando distintas combinações de dimensões, sejam espaciais, temporais ou de sentido, que se constituem não pela unidade, mas na/pela montagem. Por tratar-se de uma perspectiva metafórica, diferentes áreas do conhecimento adotam o termo na interpretação dos seus objetos de estudos e interesse, assim como:

No campo da arquitetura, a interpretação mais óbvia desta metáfora é a leitura de intervenção sobre um edifício que, por qualquer vicissitude, deixou de uso: os retrofits. No urbano, a leitura desta metáfora é mais complexa e permite que possa ser usada tanto em relação aos retrofits como às edificações novas, mas também em relação a políticas públicas ou outros fenômenos – como a gentrificação por exemplo. Se a primeira leitura é concreta, física e de certo modo utilitarista, a segunda leitura é abstrata, teórica, mas fundante da ação consciente sobre o território (Ibidem, p. 2-3).

Vale mencionar Santos (2006), ao associar o conceito de palimpsesto e espaço geográfico, afirmando que os objetos não têm por si uma história ou uma geografia, mas são “portadores de diversas histórias individuais, a começar pela história de sua produção intelectual, fruto da imaginação científica do laboratório ou da imaginação intuitiva da experiência” (Santos, 2006, p. 66), uma vez que os objetos e as materialidades sob o espaço dependem da sua inserção numa série de eventos, dados pelas relações sociais ao que o objeto é subordinado. A cada evento sua forma e conteúdo se recria, a fim de possuir uma forma adequada as funções ali desempenhadas. Isso requer tempo, unindo processo e as noções sobre função e forma, superpondo “o tratamento analítico do espaço como um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistema de ações” (Ibidem, p. 66).

Santos (2006), afirma que “a paisagem humana é uma combinação de vários tempos presentes” (Reboratti, 1993, p. 17 apud Santos, 2006, p. 67), logo, paisagem e espaço assumem uma espécie de palimpsesto, onde as acumulações e substituições ao longo das gerações se intercalam e se sobrepõe.

Os movimentos da sociedade, atribuindo novas funções às formas geográficas, transformam a organização do espaço, criam novas situações de equilíbrio e ao mesmo tempo novos pontos de partida para um novo movimento. Por adquirirem uma vida, sempre renovada pelo movimento social, as formas - tornadas assim formas-conteúdo - podem participar de uma dialética com a própria sociedade e assim fazer parte da própria evolução do espaço. O seu carácter de palimpsesto, memória viva de um passado já morto, transforma a paisagem em precioso instrumento de trabalho, pois “essa imagem imobilizada de uma vez por todas” permite rever as etapas do passado numa perspectiva de conjunto (Santos, 2006, p. 69).

Suscitamos palimpsesto e os seus diferentes usos, no espaço e na paisagem urbana, nas várias áreas do conhecimento, a fim de compreender diferentes materialidades. O urbanismo e as artes, apresentam-se como áreas que se embebedam do conceito a fim de explorar diferentes camadas não visíveis em análises sistêmicas do espaço urbano. Podendo revelar uma cidade, ou lógica de cidade, que até então se apresentava oculta.

António Ole, artista visual angolano, na década de 1970 desenvolve uma pesquisa artística em torno das arquiteturas e vivências dos bairros pobres da cidade de Luanda, capital de Angola. Suas obras realizadas através de pinturas, fotografias, vídeos e instalações, tratam da história colonial angolana, da diversidade cultural, e o cotidiano da cidade de Luanda.

Dentre seus percursos artísticos, Ole se pauta nos diferentes “planos de significação que se problematizam as várias modalidades do ver, onde o sentido da paisagem é discutido não só na sua visualidade mas acima de tudo num plano da visibilidade” (Pereira, 2013, p. 182). Ao tratar sobre os meios visuais de perceber a paisagem urbana dos bairros pobres de Luanda, Ole através da fotografia permiti retratar as arquiteturas abandonadas e o tempo que “não deixam de se constituir como metáforas de uma realidade violenta onde seus atores, embora fisicamente

ausentes, são convocados através de uma cenografia fantasmagórica (Ibidem, p. 183)

No tríptico *Urban Choices (I)* (Figura 1) este rasto é pressentido através das sucessivas camadas que sobressaem das paredes em deterioração e que metaforicamente se configuram como palimpsestos reescritos e reconfigurados ao longo do tempo pela ocupação e abandono, onde a epiderme das estruturas urbanas emerge como suporte simbólico de uma realidade social corroída pela guerra. Neste caso poderemos falar numa “estética do fragmento” onde a precariedade e a descontinuidade podem abrir a possibilidade de releituras e de ressemantizações. (Ibidem, p. 183)

Também partindo do uso de fotografias, a fim de articular com a antropologia urbana, destacamos o estudo de Rodrigues e Vieira (2024) sobre processos de refiguração da cidade de Porto Alegre (RS). A partir da metáfora do palimpsesto, trata a cidade de maneira fragmentada, à medida que o tempo se acumula e superpõe em camada de diferentes formas sobre as outras nas materialidades do espaço urbano, assim sendo, “algumas camadas de baixo seguem expostas, perceptíveis, ainda hoje, na forma das cidades” (Rodrigues e Vieira, 2024, p. 391).

O uso das fotografias pelos autores, apresentam-se como ferramentas de compreensão destas camadas, quando ocorre a sobreposição das antigas e novas fotografias do espaço urbano, que por meio de softwares de edição, retira sua opacidade e permite sua translucidez, e assim é “possível enxergar o que está “por de baixo” da atual forma da cidade” (Ibidem, p. 392). Tal procedimento permite perceber o palimpsesto urbano, como uma reescrita do tempo via a imagem técnica.

Partindo para outros meios de reflexão entorno do palimpsesto, Aguiar (2007) apresenta um estudo sobre o processo de transformação urbana, a partir da reapropriação e ressignificação das antigas charqueadas em novas indústrias e sua relação com a malha urbana da cidade. A autora trata dos espaços industriais do município de Pelotas (RS), que com as mudanças econômicas ao longo do século passado e o crescimento urbano da cidade, revigorou uma malha urbana voltada as atividades industriais, principalmente entorno do charque, que marcam até os dias de hoje a paisagem da cidade.

A autora destaca que “nestes espaços, ainda transparecem evidências do traçado original” (Aguilar, 2007, p. 3), evidenciando as transformações socioeconômicas deixadas nas materialidades da cidade e as histórias marcadas, ameaçadas pelas implementações e empreendimentos locais, na substituição das materialidades originais.

Portanto, palimpsesto apresenta-se como mecanismo potente na revelação de camadas das cidades, repletas de temporalidades, que não são mais passíveis de fácil interpretação. Seguimos a diante na constituição dos materiais propostos, no item 2.2, utilizando esta metáfora como meio constitutivo das camadas paisagísticas e espaciais, tomadas pelas narrativas literárias, uma vez que, a obra indica, per si, uma lógica de urbano e opera uma paisagem que não se configuram na atualidade.

## **2.2. Caminhos possíveis da topo-paisagem de Bitita**

Assume-se como caminho, os estudos das (auto)biografias e suas abordagens etnográficas, que nos últimos anos por parte de antropólogos (Kofes, 2015; Gonçalves, 2012) e entusiastas de outras ciências, sobretudo das sociais, nos convidam a pensar e refletir as narrativas como as de Carolina, por meio de produções que visam articular diferentes ferramentas visuais. Assim, se apresenta nesta reflexão, a partir do conceito de paisagem, como já tratado, e as noções apresentadas em camadas como em um palimpsesto, expressadas em forma imagética (desenhos, mapas, fotografias), a compreender as narrativas da obra “Diário de Bitita”.

Vale ressaltar que destacamos dois períodos distintos na obra: o primeiro retrata das experiências da menina Bitita exclusivamente quando vivia em Sacramento, e o outro, quando parte para fazendas e colonatos, ou na busca de médicos e trabalhos como domésticas, em diferentes cidades mineiras e paulistas. Ao primeiro período, destacamos o uso de fotografias e desenhos, que quando transparecidos permitem “reviver o ambiente” descrito por Carolina em sua obra memorialística. No segundo período, destacamos o uso de mapeamentos a fim de interpretar os movimentos entre cidades da autora, a maneira que, permita constituir sua cartografia literária.

Várias ferramentas podem possibilitar uma interpretação paisagística e imagética através das narrativas literárias. Inicialmente, destacamos o uso de

fotografias e desenhos, como já dito, sobre as narrativas em espaços ainda existentes em Sacramento. A constituição de desenhos e fotografias permitem aguçar as interpretações do ambiente relatado pela autora, como reitera a posição de Azevedo (2016) em discutir o desenho como uma metodologia de pesquisa no fazer antropológico, sobretudo em trabalhos de campo, que na maioria das vezes, utilizam quase que exclusivamente os diários textuais de campo e não os gráficos. Assim como a autora, compreendemos que o diário visual pode ser “uma entrada para pensar o desenho na antropologia, que não deve ser confundido com a exclusão de outras localizações do desenho” (Azevedo, 2016, p. 104).

O uso de desenhos como composição analítica do espaço é “uma forma de linguagem mais antiga que a própria escrita” (Marandola e Oliveira, 2007, p. 2), e sua produção evoca a Geografia uma íntima relação nos usos de diversas ferramentas além da Cartografia, para a leitura do espaço geográfico. Os desenhos, assim como os mapas, são formas de linguagem que sempre procuraram representar o espaço.

Destacam-se os períodos da colonização e da exploração das terras além-Europa, não apenas o uso dos mapas, mas como de desenhos e pinturas a fim de elucidar as narrativas escritas e as cartografias presentes em compêndios e cartas, testemunhando o cotidiano social e as características físico-geográficas das terras dominadas, como em obras de Frans Post (1612 – 1680) e Jean-Baptiste Debret (1768 – 1848).

Também se assume além do uso de mapas e desenhos, as fotografias como meio articulador em representar a cidade. Para esta composição, é necessário “entender as fotografias e imagens técnicas não como representações fiéis da realidade, mas como índice de um projeto, de uma futura construção a ser criadas” (Fuão, 2001, p. 14). Ao desenhar e fotografar um determinado lugar, indicado a partir de/em uma narrativa memorialística, implica em uma ação de leitura e de compreensão de um tempo-espaço, buscando tratar dos acontecimentos e sujeitos ali presentes.

Todavia, entendemos que pensar as “geopoéticas” (White, 1992, apud Sperling, 2024, p. 3) como potência do cartografar, implica-se nesta pesquisa a experimentação de exercícios visuais iniciais a seguir (figuras 6, 7, 8 e 9), que compõem em montagens visuais, feitos em desenhos de carvão em folhas transparecidas, sobrepostos sob fotografias, coletadas no trabalho de campo

realizado em janeiro de 2024 em Sacramento (MG), dos locais mencionados pela autora quando jovem no início do século XX. Neste sentido, toma-se o conceito de palimpsesto como metáfora dessa operação visual e autoral, já que Santos (1988, p. 24) ressalta a paisagem como processo transformador de “adições e subtrações sucessivas.”

Retomamos a mencionar as produções em desenhos, feitas a partir das narrativas memorialísticas da autora e em conjunto com os espaços visitados em trabalho de campo em Sacramento (MG), referidas como montagens visuais das figuras 11, 12, 13 e 14.

Quanto a montagem visual da figura 11, trata-se da união de uma fotografia de uma área campestre das terras onde eram a região do Patrimônio, indicados pela equipe do Arquivo Público Municipal de Sacramento, no atual bairro do Chafariz, próximo ao ribeirão do Borá. Conjunto há uma sobreposição de duas folhas transparecidas, desenhadas com carvão, a fim de (re)constituir a paisagem de como seria a antiga área do Patrimônio, citado no capítulo “Infância”. No desenho buscou-se retratar as casas de taipa, recobertas com telhados de capim, próxima uma à outra. Há em primeiro plano duas casas com intuito de fazer o leitor interpretar esta área como populosa e ocupada, que não permitisse fácil visão ao fundo do vale ou da paisagem que, atualmente, é possível de observação e análise.

Da montagem visual da figura 12, trata-se de uma fotografia do espaço interno da Basílica do Santíssimo Sacramento, no centro da cidade, conjunto a sobreposição de duas folhas transparecidas desenhadas com carvão, a fim de (re)constituir o batismo de Carolina Maria de Jesus, citado no capítulo “As madrinhas”. De acordo com a narrativa em obra, o interior da igreja estava lotado por várias famílias aguardando o rito do batismo, o ambiente era repleto de flores e incensos. O desenho retrata está lotação, com os bancos e cadeiras com figuras humanas as ocupando, estas figuras são borradas e intentando o sentido de trânsito das pessoas entre os corredores da templo.

Da montagem visual da figura 13, trata-se de uma fotografia das escadarias do prédio do antigo Colégio Allan Kardec, que davam acesso às antigas salas de aula, que atualmente não é permitido acesso ao público em geral, pela equipe do centro espírita Allan Kardec. Conjunto a sobreposição e duas folhas transparecidas, desenhadas com carvão, a fim de (re)constituir a entrada/saída do acesso à sala de aula, citados no capítulo “A escola”. No desenho está retratado figuras humanas,

mesclados de semicírculos e borrões, representando os corpos e seus movimentos. Em sua maioria, estes corpos são próximos à escadaria, dando alusão á uma altura rebaixada, assim como de jovens e crianças.

E, da montagem visual da figura 14, trata-se da fotografia da parte interna do atual Arquivo Público Municipal de Sacramento, onde era as instalações da antiga cadeia municipal, aos quais Carolina e sua mãe foram torturadas por mais de cinco dias por policiais em uma das selas. Na composição há em conjunto, a sobreposição de duas folhas translúcidas, desenhadas em carvão, a fim de (re)reconstituir a brutalidade policial sofrida por ambas, narrado no capítulo “A cultura”. No desenho está retratado duas figuras humanizadas e borradas, dando a impressão dos movimentos sobre a fotografia. Uma das figuras, a mais centralizada e em destaque ao meio da fotografia, caracteriza-se por um homem alto uniformizado representando a brutalidade policial sobre a figura feminina frágil e caída, com o braço estendido defendendo-se das agressões.



**Figura 11:** Montagem visual 1: casa de sapé na região do Patrimônio onde Carolina morou na cidade de Sacramento.  
Fonte: Do autor, 2024.



**Figura 12:** Montagem visual 2: batismo de Carolina Maria de Jesus na catedral da cidade de Sacramento.  
Fonte: Do autor, 2024.



**Figura 13:** Montagem visual 3: escadarias do Colégio Allan Kardec de Sacramento, onde Carolina Maria de Jesus foi alfabetizada.  
Fonte: Do autor, 2024



**Figura 14:** Montagem visual 4: a prisão de Carolina Maria de Jesus e sua mãe no antigo edifício carcerário da cidade de Sacramento.  
Fonte: Do autor, 2024.

Ainda no uso dos possíveis caminhos para uma topo-paisagem em Bitita, destacamos o uso de geotecnologias como caminhos de interpretações das

narrativas de Carolina Maria de Jesus. Esta dimensão técnica das geotecnologias, tornou-se emergente à medida do desenvolvimento tecnológico desde o final do século XX, caracterizado pela evolução dos computadores pessoais; da popularização dos softwares livres de SIG (Sistemas de Informações Geográficas); do uso de dispositivos GPS (Global Positioning System) e, outros que utilizam sistemas de referenciamento espacial. Muito beneficiou estes recursos tecnológicos as ferramentas cartográficas, que apresentaram ao longo dos últimos cinco séculos, mudanças radicais na forma e operação.

Tradicionalmente, as ferramentas da Cartografia, a produção de mapas, e propriamente, as geotecnologias, se concentram historicamente no controle das elites como “as grandes oficinas de mapas do Ocidente, o Estado e, em menor medida, os acadêmicos” (Crampton e Krygier, 2008, p. 85). Ao longo do tempo, a Cartografia se estabeleceu como ferramenta da Geografia, a fim de mapear os usos econômicos e políticos dos espaços, “assim a recortar o real para descrevê-lo, defini-lo e, simbolicamente, possuí-lo” (Acselrad e Coli, 2008, p. 13).

Segundo Jacques Lévy (2008, p. 156) “serviu de recurso para o empirismo”, assim dizendo, a Geografia acompanhada indissoluvelmente pela Cartografia, vem consolidando a análise do espaço geográfico “em temas como população, economia, aspectos naturais” (Marafon et al., 2016, p. 521). Esta dimensão empírica de interpretação de fenômenos e paisagens tem beneficiado ao longo de décadas as análises paisagísticas: os recursos pedológicos, mineralógicos e biológicos. Somente após a Segunda Guerra Mundial, como já comentado, houve aqueles que identificaram uma crise advinda destas práticas científicas altamente tecnicistas. Na Geografia, assim como em outras Ciências Humanas, ocorreu um levante de pensamento crítico, como atenta Milton Santos (1986):

A Geografia não podia escapar às enormes transformações ocorridas em todos os domínios científicos, após a segunda guerra mundial. No que toca às ciências humanas, tratava-se muito mais de uma revolução que mesmo de uma evolução. Para isso, contribuíram três razões essenciais: em primeiro lugar, os próprios suportes de trabalho científico progrediram muito; em segundo lugar, as necessidades dos utilizadores mudaram; e finalmente, o objeto da atividade científica se modificou (Santos, 1986, p. 39).

Tal movimento renovador promoveu análises de questões sociais, aquém das políticas econômicas, exigindo uma corrente de paradigma com enfoque na “busca de entender o espaço geográfico a partir de seu processo de formação histórica” (Marafon, et al., 2016, p. 522), conjunto, “por busca de novos caminhos, de nova linguagem, de novos pressupostos, enfim, de uma liberdade maior de reflexão e criação” (Moraes, 2003, p. 93).

Estas linhas de pensamento desencadearam questionamentos quanto à relação entre sujeitos e seus espaços, nos quais, o mapa, se apresenta como uma potente ferramenta de enaltecimento sócio-territorial. Ou seja, a partir do mapeamento, e das geotecnologias, diferentes sujeitos e agentes territoriais podem se localizar e espacializar suas realidades, uma vez que, na atual conjuntura as “pessoas nos mais diferentes cantos do planeta estão se conscientizando que são sujeitos territoriais e lutam por seus direitos nos territórios em que estão” (Plácido e Santos, 2019, p. 154).

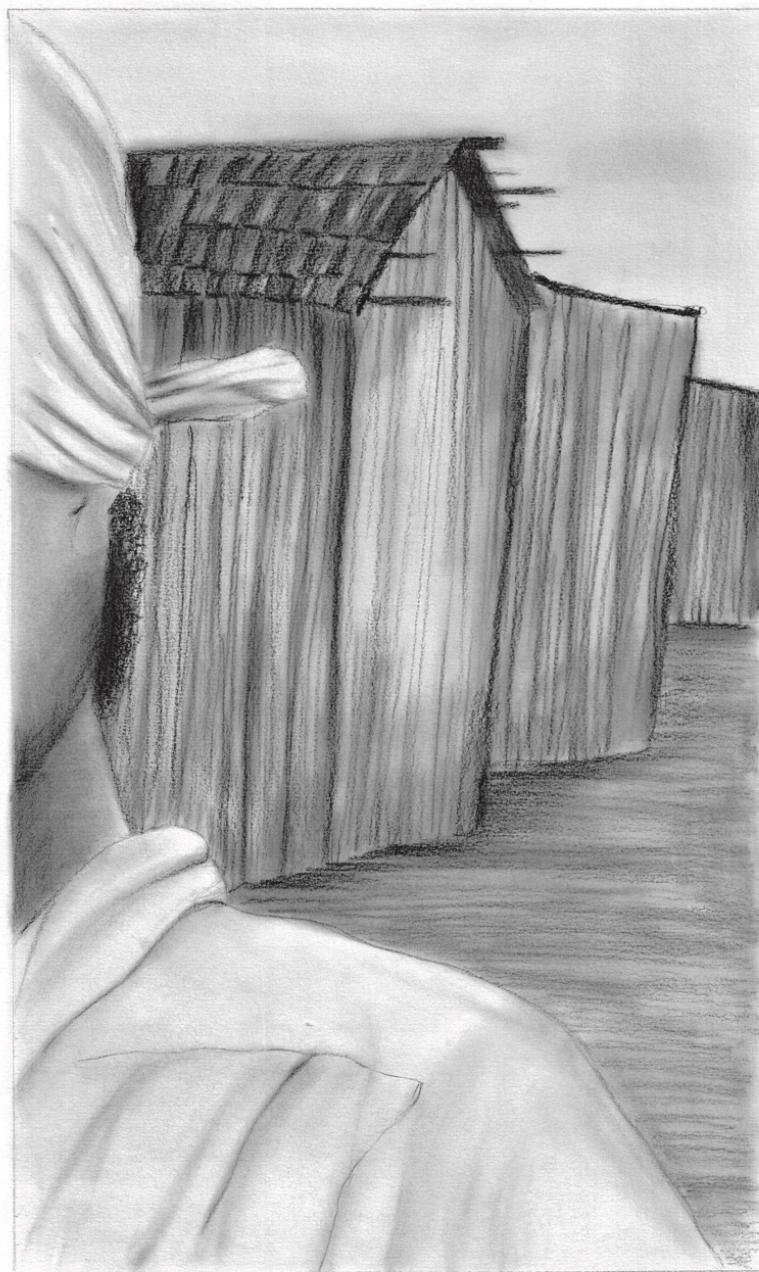
No Brasil, a partir do final do século XX, se inicia um levante de trabalhos voltados a esta temática, assim como a cartografia social e os mapeamentos participativos, exprimindo numa linguagem cartográfica, por vezes através de SIG's, pela busca da melhoria de vida ou do conflito social de uma população pelo seu espaço de vivência.

O uso do SIG tem sido promovido por membros dos setores público e privado que acreditam que o acesso a ferramentas computacionais e formulários de dados digitais são parte essencial de uma democracia habilitada pelas tecnologias da informação. Projetos destes tipos afirmam procurarem guiar-se pelos interesses de grupos populares e organizações de base comunitária que utilizariam os SIGs como 'instrumento de capacitação e mudança social' (Acselrad e Coli, 2008, p. 18).

Se destaca aqui nesta perspectiva o “Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, visando o mapeamento social nas áreas do Programa Grande Carajás, projeto de exploração mineral iniciado em 1980 pela empresa Vale S.A.” (Plácido e, Santos, 2019, p. 155); e, também, o mapeamento participativo das quebradeiras de Coco Babaçu da região do Bico do Papagaio, no encontro dos estados do Tocantins, Maranhão e Piauí, que objetivavam a “identificação dos palmeirais, as diferentes

territorialidades étnicas afetadas (terras indígenas, terras quilombo), as principais formas organizativas, a ocorrência de atos delituosos contra as quebradeiras” (MIQCB, 2005, p. 4). Muitas pesquisas entorno do mapeamento participativo partem e, promove, o acesso às ferramentas de SIG’s e sobretudo à educação cartográfica, incitando outros rearranjos sociais e desdobramentos políticos-locais.

É nesta abordagem, partindo do pressuposto de uma cartografia alternativa, utiliza-se as ferramentas das geotecnologias, para o desenvolvimento de mapas que permitam aguçar as narrativas literárias em “Diário de Bitita”, presentes na figura 2 (capítulo 1), ao localizar os municípios vivenciados por Carolina; da figura 3 (capítulo 2), e a localização dos deslocamentos migratórios feitos por Carolina entre cidades; e, da figura 4 e 5 (capítulo 2), quanto a topografia tridimensional do trajeto entre Sacramento e Uberaba, realizado sobre as andanças da escritora.



Bilder III

Chris Carter

### 3. TOPO-PAISAGEM LITERÁRIA NO DIÁRIO DE BITITA: DA AUTOBIOGRAFIA À PAISAGEM LITERÁRIA

O conceito de paisagem não é recente. Suas primeiras atestações são do século XVI, presentes em “paesaggio em italiano, landshcap em neerlandês, de onde passa para o inglês” (Buescu, 2012, p.193). Até o final do século XVIII, todos os “relatos de viagem escritos em tom literário; compêndios de curiosidade sobre lugares exóticos; áridos relatórios de órgãos de administração; obras sintáticas; agrupando os conhecimentos existentes a respeito dos fenômenos naturais” (Moraes, 2003, p. 40), eram materiais e documentos produzidos a partir da observação, a priori, da paisagem.

A partir do século XIX, com a sistematização da Geografia como conhecimento científico, partindo do pressuposto da descrição da superfície terrestre, “alguns autores vão definir a Geografia como estudo da paisagem” (Ibidem, p. 22), tratando-se da descrição dos aspectos visíveis e dos múltiplos fenômenos, lhe concebendo como ciência descritiva e de síntese.

De Humboldt<sup>28</sup>, em suas expedições na América Latina, a Paul Vidal de La Blache<sup>29</sup>, na sistematização da Geografia como ciência da relação homem-meio por meio da análise da paisagem, o conceito era tratado na sua figuração estética e apreendida pela observação. Na Geografia Humana, desencadeada pelo possibilismo de La Blache e aprofundado pelos geógrafos críticos-humanistas após a Segunda Guerra Mundial, o conceito de paisagem passa-se a ser pautado além da observação do real e do concreto, tratando seus objetos além “do “visível” das paisagens como um fim em si mesmo” (Serpa, 2013, p. 176). Possibilitando compreender a paisagem como sistêmica, com várias camadas de paisagens, passível de revelar o invisível das formas urbanas visíveis, “baseada no que estas aparições revelam enquanto essência de uma série de aparições (o espaço, o todo estrutural)” (Ibidem, p. 176).

Sendo assim, ao tratar a paisagem enunciada em textos literários, essas narrativas experienciadas, possibilitam compreender o cotidiano da paisagem e do autor em sua autobiografia, revelando o invisível sobre as suas formas do passado.

---

<sup>28</sup> Alexandre von Humboldt (1759 -1859), era um geógrafo, naturalista e explorador prussiano (atual Alemanha), considerado um dos precursores das ciências da Terra, sobretudo, da Ecologia.

<sup>29</sup> Paul Vidal de La Blache (1845 – 1918), era um geógrafo francês e fundador da escola francesa possibilista, na Geografia.

Sendo assim, as paisagens literárias, ou metafóricas, vão além de tempos-espacos da história das pessoas e dos lugares, elas testemunham e transcendem camadas de vivências, assim como afirma Buescu sobre paisagem.

O conceito de paisagem (também literária) implica o exercício do olhar sobre um todo heterogêneo, constituído não por objectos avulsos justapostos mas, pelo contrário, pelas relações irregulares de um conjunto de elementos. A noção de irregularidade, complementar da de simetria, é aqui também decisiva: trata-se de ver um conjunto de objectos, preferencialmente captados por uma direcção oblíqua e por um sentido ascendente/descendente desse olhar. A paisagem, literal ou metafórica, chega assim ao século XIX como “pan-orama” (termo aliás oitocentista): tudo aquilo que se vê. Trata-se assim de um espaço humanizado, pelo olhar, pela habitação vivencial e pela habitação estética (Buescu, 2012, p. 194).

Sendo assim, tratamos paisagem literária em “Diário de Bitita” como meio transcendente do cotidiano vivido por Carolina Maria de Jesus, não apenas aos aspectos experienciados revelados pela narrativa literária, mas como testemunho de uma sociedade e seu espaço. Reconhece-se que a obra é uma potencializadora de um tempo e espaço pouco analisado, a obra que revela o cotidiano das cidades do interior no século XX, do recém pós-abolição e o início do republicanismo, onde as atividades agrárias se apresentavam quase que no total controle das atividades econômicas do entorno.

A autora revela na obra diferentes camadas sistêmicas, assim como camadas de paisagem e elementos constitutivos que se faz perceber outras composições sociais, geográficas e históricas, de maneira sobreposta. Ao somar estas diferentes camadas e elementos, é possível compreender a paisagem não apenas como relato autobiográfico, mas como uma “topo-paisagem” de circunscrições de tempos e elementos, relacionados de maneira sistêmica quando analisados numa visão espacial totalizante.

Todavia, neste contexto, é importante enfatizar sobre a autora, que ela escreve estes relatos na idade adulta quando vivencia o contexto das transformações econômicas, sociais e políticas, nos pós anos de 1950, pautados por uma agenda urbano-industrial, mobilizando no caso do Brasil, “um êxodo rural em nível nacional em torno de 3 milhões de pessoas, nos anos 40” (Sales e Baeninger,

2000, p. 34). Carolina pertence ao volume dos novos moradores, vindos destes fluxos migratórios, atraídos pelas expectativas de mudança de vida, de renda e acessos a diferentes serviços e mercadorias, que passam a habitar, sem outras opções, as áreas poucas adequadas, longe dos empregos e sem acesso aos serviços urbanos básicos.

A autora, quando era catadora nas ruas de São Paulo, encontrou na escrita o zelo contra a dor da realidade, uma vez que, “Carolina escrevia justamente para estar no mundo, para saber-se parte dele, para sobreviver” (Miranda, 2013, p. 27), como enuncia o trecho abaixo:

... Fiz o almoço, depois fui escrever. Estou nervosa. O mundo está tão insípido que eu tenho vontade de morrer. Fiquei sentada no sol para aquecer. Com as agruras da vida somos uns infelizes perambulando aqui neste mundo. Sentindo frio interior e exterior (Jesus, 2014, p. 165).

Entre as palavras escritas nas folhas de papel encontradas pelas ruas, estavam os relatos do seu dia a dia, suas impressões, contestações e, por vezes, narrativas sobre sua infância e juventude. Parte deste material autobiográfico resultou na obra “Diário de Bitita” (2014), estudada nessa pesquisa. É importante frisar que na constituição dos seus textos, Carolina Maria de Jesus, durante o seu processo da escrita, se volta ao passado e se torna simultaneamente a personagem, a escritora e a narradora. Ou seja, é na leitura e na escrita que a autora despeja seu âmago quanto à própria condição de vida, e traz à tona, neste movimento de autorreflexão e autorreferência, reflexões sobre a realidade. Não apenas sobre sua condição individual, mas também a dimensão social, e, de maneira indireta, a condição espacial vivida.

Nesta proposta reflexiva da cartografia literária, que condiciona a espacialidade, e as consequentes reflexões paisagísticas entorno das narrativas memorialísticas presentes na obra, este capítulo busca contextualizar principalmente a relação entre a autobiografia (Lejeune, 1975; Josef, 1997; Oliveira, 2009) e a escrevivência (Evaristo, 2007), entorno das narrativas do livro “Diário de Bitita” (2014) e as possibilidades dos desdobramentos cartográficos possíveis através das narrativas.

Inicialmente iremos recorrer ao encontro de Carolina Maria de Jesus com a escrita e a leitura no subcapítulo “As origens da escrita de Bitita” a fim de compreender como o processo constitutivo da escrita pela alfabetização foi impulsionador de mudanças em diferentes fases de vida da própria escritora. No subcapítulo “Autobiografia e escrevivência: De Bitita à Carolina”, observamos os conceitos de autobiografia e escrevivência na obra de Carolina Maria de Jesus. E, por último, no subcapítulo “Reflexões geográficas a partir do “Diário de Bitita”, pretende-se mapear os deslocamentos, a partir das narrativas mencionadas durante a juventude da autora, antes de se mudar para a cidade de São Paulo. Vale pontuar que, a pesquisa teórica se desenvolve em conjunto com a produção imagética, realizada partir de técnicas de geoprocessamento, que formalizam os movimentos migratórios da autora – o relevo percorrido, o espaço físico ocupado, as experiências vividas.

### **3.1. As origens da escrita de Bitita**

O encontro da autora com a escrita pode ser caracterizado como um movimento de resistência e determinação. Seu interesse pela escrita e a leitura partem inicialmente de três importantes contextos: primeiro, sua assídua curiosidade sobre o mundo e aquilo que a cercava, desde muito jovem; segundo, os incentivos do avô, o senhor José Benedicto da Silva, um escravizado liberto, conhecido pela comunidade como “Sócrates Africano”, que almejava ver seus netos em busca de instrução e conhecimento; e, terceiro, a violência física e psicológica dos modelos pedagógicos e educacionais à época do início do século XX, vividos no antigo colégio.

Bitita, de acordo com as narrativas presentes em obra, pode ser caracterizada como uma criança curiosa, que atentamente ouvia os assuntos dos adultos a sua volta e, assim que podia, questionava-os sobre diversas temáticas. Apesar da pouca idade, e da confusão que realizava entre os diferentes termos, significados e seus contextos que tentava compreender, a menina tinha uma surpreendente recordação dos fatos e dos ocorridos que observava. Vale novamente mencionar a discussão com o juiz da cidade presente no capítulo “Ser Pobre” da obra, tratado aqui no capítulo 1.

Os incessantes questionamentos não poupavam a ninguém, inclusive sua própria mãe, que, na maioria das vezes, enfurecida a chicoteava. Também era muito travessa, roubava frutas dos pomares das chácaras do entorno. Em uma destes episódios, como já mencionado anteriormente no capítulo “Os Negros”, ao roubar do pomar e ser descoberta pela Dona Faustina, uma mulher avarenta e racista, ficou conhecida pelas pessoas e as crianças passaram a chamá-la de “ladrona de manga” (Ibidem, p. 58). Outras situações como esta impossibilitaram sua mãe em deixá-la aos cuidados de terceiros. Inclusive, no capítulo “A Família”, para cessar as frequentes perguntas e os choros, a esposa do seu avô, a Siá Maruca, a embriagou com pinga, fazendo a menina adormecer<sup>30</sup>, enquanto a mãe trabalhava.

Para fugir das agressões da mãe, ou das ofensas dos familiares irritados pelos questionamentos, Bitita corria para a casa do avô buscando proteção e atenção. Seu avô, o senhor José Benedicto da Silva, era uma referência não apenas para Bitita e sua família, mas também para a comunidade da área do Patrimônio. Nas noites de inverno, em pleno agosto, sentavam-se todos ao seu redor para ouvir-lhe falar sobre a escravidão, suas experiências na senzala e o seu testemunho sobre a pós-abolição. Bitita ouvia o avô com atenção, e o acompanhava para ouvir a leitura pública do jornal “O Estado de São Paulo”, realizadas pelo oficial de justiça Monoel Nogueira, em frente à sua casa.

Entre todas as lembranças sobre o seu avô, a escritora gravou suas frases de incentivo aos seus netos pela busca dos estudos. Disse que seus filhos não puderam ir para escolas pois eram pretos, nem ele próprio já que foi um escravizado. Dizia aos netos que “estudem com devoção e esforcem-se para aprender” (Ibidem, p. 60)

O meu avô era um vulto que saía da senzala alquebrado e desiludido, reconhecendo que havia trabalhado para enriquecer o seu sinhô português. Porque os que haviam nascido aqui no Brasil tinham nojo de viver explorando o negro. O vovô dizia que os brasileiros eram os bons homens, de mentalidades puras, iguais às nuvens no espaço.

— Deus que ajude os homens do Brasil — e chorava, dizendo: — O

---

<sup>30</sup> Ao ver a situação da filha, Maria Carolina de Jesus a leva imediatamente ao médico Eurípedes Barsanulfo. Na ocasião, receita remédios para vomitar o álcool e profere as seguintes palavras para explicar as constantes dores de cabeça da menina Bitita: “pobre Sacramento, do seu seio sai uma poetisa” (Farias, 2018, p. 42).

homem que nasce escravo, nasce chorando, vive chorando e morre chorando. Quando eles nos expulsaram das fazendas, nós não tínhamos um teto decente, se encostávamos num canto, aquele local tinha dono e os meirinhos nos enxotavam. Quando alguém nos amparava, nós já sabíamos que aquela alma era brasileira. E nós tínhamos fé: os homens que lutaram para nos libertar hão de nos acomodar, o que nos favorece é que vamos morrer um dia e do outro lado não existe a cor como divisa, lá predominarão as boas obras que praticamos aqui (Ibidem, p. 60).

Por volta dos seus setes anos de idade no ano de 1921, sua mãe consegue emprego como passadeira e lavadeira na casa da família de um importante político local, que morava um pouco mais distante do centro da cidade, próximo à Estação de Chapadão. A esposa, comumente apelidada de Mariquinha, era a Dona Maria Leite<sup>31</sup>, que observando os questionamentos incessantes da menina e as idas e vindas com a criança até sua casa, recomendou a mãe matriculá-la no Colégio Allan Kardec na região central de Sacramento (MG). Segundo as narrativas em “Diário de Bitita” (2014), Dona Maria Leite assim dizia:

- Eu sou francesa. Não tenho culpa da odisseia de vocês; mas eu sou muito rica, auxílio vocês porque tenho dó. Vamos alfabetizá-los para ver o que é que vocês nos revelam: se vão ser tipos sociáveis, e tendo conhecimento poderão desviar-se da delinquência e acatar a retidão (Ibidem, p. 126)

Por ordens de sua mãe e diante da insistência e incentivo de uma mulher branca da alta classe local, a menina Bitita viu-se forçada a participar dos eventos escolares. A princípio, participou contra a sua vontade em classes de aulas com estudantes e funcionários majoritariamente da etnia branca. As salas de aulas eram conjuntas em um grande salão no andar superior do prédio, com núcleos de

---

<sup>31</sup> Maria Leite Monteiro de Barros, com origem de família conhecida à época da elite mineira, era esposa de José Saturnino, “um antigo político local, com mandato de vereador no currículo, em mais de uma legislatura” (Farias, 2018, p. 45). Mariquinha, detentora de muitas posses, auxiliou a matrícula escolar de muitas crianças pretas em Sacramento, no início do século XX.

aprendizagem elementar, médio e superior. O antigo Colégio Allan Kardec<sup>32</sup> em Sacramento, relativamente distante dos centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo, “tinha uma metodologia muito diferente das outras escolas existentes, até mesmo no Brasil. A começar por misturar meninos e meninas, pobres e ricos, pretos e brancos, crianças e adolescentes” (Farias, 2018, p. 47).

A adaptação da futura escritora à sala de aula não foi nada fácil. De início, se espantou com as imagens do esqueleto humano nas paredes, tanto que não desejou retornar. Enfureceu-se nos primeiros dias de aula com os comentários dos colegas de turma: “Que negrinha feia, que olhos grandes, parece sapo” (Jesus, 2014, p. 125). Ela tinha dificuldades em aprender a ler e escrever, e defasada em comparação à sua idade, que espantou a professora, dona Lonita Solvina, ao saber que ainda mamava. Foi neste episódio, como já foi apontado, que foi apresentada ao seu nome de batismo. Até então, a criança se referia e era conhecida apenas como Bitita para com toda Sacramento.

As estratégias pedagógicas utilizadas pela professora hoje seriam consideradas absurdas. Havia agressões físicas e uma atitude superior na relação com os estudantes. Seu método era rigoroso ao ensinar o alfabeto e as vogais, para aprimorar a escrita e a leitura. Um dos trechos mais marcantes das atitudes da professora, era rivalizar entre os estudantes os grupos étnico-raciais. Ao convidar os alunos brancos ou os pretos para se retirarem da sala de aula, o incentivo ao estudo era rivalizar o desenvolvimento de aprendizagem com o grupo oposto. Assim, como descrito na obra, a professora teria sucesso no desenvolvimento das atividades em sala de aula e nos deveres de casa.

Passado alguns dias, ela pedia aos alunos brancos para ficarem na sala. Dizia-lhes que os alunos pretos eram os mais esforçados, os mais estudiosos, os mais capacitados nos deveres escolares.

- Eles vão passar de ano e vocês brancos vão repetir. Vai ficar ridículo para vocês, porque todos pensam que o branco é mais inteligente do que o preto. Estou encantada com o progresso dos meus alunos pretos.

Os alunos brancos saíam revoltados.

---

<sup>32</sup> Atualmente o Colégio encontra-se desativado. Nas dependências do antigo prédio, ocorre as atividades do centro espirita “Allan Kardec”, uma livraria de livros kardecistas e um bistrô. Há também um museu sobre o Dr. Eurípedes Barsanulfo, com materiais e equipamentos do antigo colégio em exposição. Contudo, a equipe do museu não permitiu, durante a visita em janeiro de 2024, acessar as antigas salas de aulas no andar superior devido a infraestrutura e manutenção.

- Imagine só, o negro querer ser mais do que eu. Maioral tem que ser eu, que sou branco. Esses negros vão me pagar! (Ibidem, p. 130)

Para reforçar ainda mais o medo em Bitita, a professora desenhava no quadro um homem com um tridente nas mãos, chamando-o de “o inspetor”, ao perceber o desinteresse da menina. Foi no medo que Carolina voltou-se aos estudos e empenhou-se em aprender a ler e escrever. As técnicas da professora contradiziam a metodologia de ensino e a proposta de aprendizagem espírita-cristã, que “visava a 'proposição imperativa', a qual propunha aos alunos exortar, ordenar, invocar, postular e convidar, como parte do aprendizado” (Farias, 2018, p. 47). E, apesar da proposta inclusiva do colégio, a atitude da professora refletia a educação brasileira após a abolição, que priorizava a agressão e a rigidez desmedidas como adequadas no processo de aprendizagem.

Nesta perspectiva, vale mencionar a filósofa e professora Maria Lúcia de Arruda Aranha (1989), que enfatiza em sua obra “História da Educação”, o complexo processo de alfabetização da população brasileira nos séculos XIX e XX, em paralelo ao contexto histórico, social e político. Ao destacar os períodos da transição de colônia europeia, à elevação de Reino Unido e um império independente, até o início do período republicano, no século XIX, a autora pondera que não houve mudanças significativas na educação da população.

Independente do período político, havia uma sociedade majoritariamente escravizada e de origem africana, impedida de ter acesso à educação primária, secundária e/ou superior. Havia poucos centros urbanos com uma pequena comunidade de comerciantes europeus de mínimo ou quase nenhum nível de instrução, e uma nobre elite agroexportadora e mineradora pressionada a realizar seus estudos nos poucos cursos presentes em Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, ou em último caso, na Europa.

De qualquer forma, as inovações reforçam o caráter elitista e aristocrático da educação brasileira, a que tem acesso os nobres, os proprietários de terras e uma camada intermediária, surgida da ampliação dos quadros administrativos e burocráticos resultante da urbanização (...) Segundo Fernando de Azevedo, a educação teria de arrastar-se, através de todo o século XIX, inorganizada, anárquica, incessantemente desagregada (Aranha, 1989, p. 191).

No final do século XIX, com fim o da monarquia e a Proclamação da República, acompanhada pela abolição da escravatura, o advento das inovações da II Revolução Industrial e o fortalecimento da burguesia urbano-industrial no mundo, intensifica-se a educação brasileira pela luta da escola pública, leiga e gratuita, apoiada pelas perspectivas positivistas e as de ideologias liberais. Durante a República Velha<sup>33</sup> (1889 – 1930), período da escolaridade de Bitita, o país passava pela ampliação dos fluxos populacionais entre regiões, pela recepção de mão-de-obra imigrante europeia e aceleração do aumento populacional nas cidades, desencadeada pelo aumento das indústrias na Região Sudeste. Assim, a falta de escolaridade da maioria da população torna-se um impedimento para o desenvolvimento nacional. Todavia, “podemos verificar que, desde o final do século XIX até a década de 1940, aumentam as oportunidades de estudo. Daí decorre, de fato, uma mobilidade e ascensão social, sobretudo para a classe média” (Ibidem, p. 203).

É importante enfatizar que Bitita estava entre as poucas crianças pretas que puderam acessar a educação ainda no início do século XX. De acordo com os censos de 1872 e 1890, as taxas de analfabetismo da população mantiveram-se quase os mesmos, e apenas no censo de 1920 foi averiguado quedas significativas nas taxas de analfabetismo, principalmente no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. No caso de Minas Gerais, onde a autora nasceu, apresentava altas taxas de analfabetismo na população, perdendo apenas para os estados da Região Nordeste. Vale ressaltar, que os estados de Minas Gerais e São Paulo, melhoraram seus índices de alfabetização “a partir e em consequência dos grandes investimentos industriais no Governo JK, nos anos 50” (Ferraro e Kreidlow, 2004, p. 188).

Apesar dos hostis reforços apreendidos em sala de aula, Bitita acaba ganhando gosto permanente pela leitura. Logo conseguia ler as fachadas das lojas e compreender seus significados, alegando que a leitura enriquecia o espírito. Uma das primeiras obras que teve contato foi “Escrava Isaura” (1875), romance do autor

---

<sup>33</sup> A época da pequena Bitita, pairava o período da República Oligárquica (1894 – 1930), período dominado pelas oligarquias paulistas, mineiras e gaúchas, após o governo de Floriano Peixoto, pondo fim na República da Espada (1889 – 1894). A junção de ambos os períodos é nomeado de República Velha.

Bernardo Guimarães<sup>34</sup>, para saciar sua curiosidade sobre a escravidão no Brasil tão mencionada pelo avô, e que acometia, direta ou indiretamente, todos os pretos brasileiros.

Compreendi tão bem o romance que chorei com dó da escrava. Analisei o livro. Compreendi que naquela época os escravizadores eram ignorantes, porque quem é culto não escraviza, e os que são cultos não ceitam o jugo da escravidão. Era uma época de tête-à-tête porque uma pessoa culta prevê as consequências dos seus atos. Os brancos retirando os negros da África não previam que iam criar o racismo no mundo, que é problema e dilema. Eu lia o livro, retirava a síntese. E assim foi duplicando o meu interesse pelos livros. Não mais deixei de ler. (Jesus, 2014, p. 129).

### **3.2. Autobiografia e escrevivência: De Bitita à Carolina**

Na sua fase adulta, ao narrar sobre si, Carolina apresentava uma “escrita caótica, cheia de incorreções ortográficas, sintáticas e de pontuação” (Machado, 2006, p. 106), porém é o que aguça seu processo de escrita e a sua origem, uma vez que a autora traduz sua realidade na transcrição do factível em sincronia com o sentimental, em meio a favela dos anos de 1950. E como já analisado no capítulo 1, a autora descreve a partir da memória as relações sociais e a condição de diferentes personalidades racialmente destacadas, possibilitando compreender um passado, um lugar (interior do país, triângulo mineiro, Sacramento, cidades do interior de Minas Gerais e São Paulo), e uma sociedade (agrária-exportadora na transição do sistema político imperial-escravocrata para republicano).

De fato, é o que nos chama atenção quanto a esta obra carolineana. Trata-se do testemunho de uma voz feminina preta e retinta, que apresenta não apenas a si mesma, mas outros corpos pretos, pobres, operários, domésticos, mendigos e andarilhos do interior do país, no início do século XX. Considerando a perspectiva do lugar e da época destas memórias, e sobretudo a posição social, racial e de gênero da autora, esta obra pode ser definida como uma autobiografia. Uma contra-narrativa, pois é uma história sobre si que “contrária a um discurso hegemônico em

---

<sup>34</sup> Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (1825 – 1884), foi um poeta e romancista brasileiro, conhecido pelo romance “A Escrava Isaura”. Ocupa a cadeira de nº 5 da Academia Brasileira de Letras.

que rejeita a normalização das facetas racistas fabricadas no passado colonialista” (Lira, 2023, p. 19).

Vale ressaltar novamente que Carolina não desenvolve as narrativas da obra “Diário de Bitita” na infância. É uma obra de autorreflexão e autorreferência de perfil memorialístico na idade adulta, vivendo em São Paulo a partir da década de 1940. A autora divagou essas memórias muitas vezes enquanto catava papéis ou materiais de maior valor em meio as lixeiras, e se recordava dos tempos na fazenda quando mais nova, da casa do avô, da sala de aula e, dos poucos momentos quando teve acesso à boa alimentação. Ao narrar sobre o passado, sobre si e (auto)biografar, Carolina mergulhou em lembranças.

O conceito de autobiografia é um termo de relativa modernidade, surgido por volta do século XIX, quando as confissões eram produções que tratavam de experiências narradas em rituais religiosos, diários pessoais, correspondências, documentos oficiais. Essa escrita permitiu compartilhar modos de autorreflexão, num período histórico vigente marcado pelas incrementações técnicas desenvolvidas e impulsionadas pela II Revolução Industrial, característico do individualismo econômico e social: “A relação do 'eu' submetido à cisão dualista (público/privado, sentimento/razão, corpo/espírito, homem/mulher), que precisava definir os novos tons da afetividade” (Arfuch, 2010, p. 36).

As narrativas autobiográficas, biográficas e de história de vida estão relacionadas ao testemunho pessoal, uma prática exercida por sociedades confessionais desde a Idade Média. Esta prática tem o potencial de “dar sentido ao presente e nos torna capazes de perceber um passado e atentar para um futuro” (Kofes, 2001, p. 21-22). Sendo assim, a produção autobiográfica, abre possibilidades de reflexões não somente sobre o sujeito tratado, mas também sobre a sociedade e os vínculos culturais com seu entorno.

Para Jozef (1997, p. 219), as autobiografias indicam “uma série de escritos ligados à emergência do eu no espaço da modernidade, pois é o lugar onde se problematiza a construção do eu”, assim quando propõe o autor, sobre o duplo enfoque da autobiografia:

A autobiografia é a experiência textual de alguém que quer contar sua vida para dizer quem é. Toda obra é uma forma de escrever-se, de permanecer nos espaços da memória, na arqueologia da recordação. 'Toda escrita literária, em seu primeiro movimento, é

uma escrita do eu'. Esta definição remete para o eterno romantismo do ato literário e coloca o escritor na sua temporalidade de homem destinado à morte e que se reencontra o 'tempo perdido' a cada instante da escrita (...). A autobiografia supõe um duplo enfoque: como o eu reage no mundo e como o mundo experimenta o eu. Não pode, entretanto, ser tomada como documento histórico, pois é apenas o testemunho do modo como alguém viu-se a si próprio, um outro que atendia pelo nome do eu vivendo sob a ilusão da unidade (Ibidem, p. 219-221).

Para Lejeune (1975, p. 14, nossa tradução<sup>35</sup>), na sua obra *Le pacte autobiographique* (O pacto autobiográfico), a autobiografia se pauta como “qualquer obra que cumpra ambas as condições indicadas em cada uma das categorias”, modelizada/caracterizada pela forma de linguagem, que pode tanto ser histórica ou em prosa; pelo tema abordado podendo ser a vida individual ou a história de uma personalidade; pela identidade e situação do autor; e, pela posição do narrador conforme sua identidade e perspectiva retrospectiva da história.

A obra de Carolina Maria de Jesus sobre sua infância e juventude, se enquadra nestas categorias definidas por Lejeune (1975) quando primeiro, a história centra-se exclusivamente nas lembranças enquanto era a jovem Bitita, seguindo a linearidade do crescimento físico e intelectual da autora, compondo-se através de um passado vivido pela mesma, num determinado contexto histórico de específicos lugares: Sacramento, cidades interioranas mineiras e paulistas.

Segundo, trata-se de uma obra memorialística da autora durante sua infância e juventude. Memórias narradas que favoreceram/permitiram as editoras francesas, e posteriormente as brasileiras, focar na aceitabilidade do mercado literário, substituindo os títulos sugeridos pela autora: “Um Brasil para os brasileiros” e/ou “Meu Brasil” para “Journal de Bitita” e “Diário de Bitita”.

---

<sup>35</sup> “simplement que la manière que nous avons aujourd’hui de penser l’autobiographie devient anachronique ou peu pertinente en dehors de ce champ. Textuellement, je pars de la position de lecteur : il ne s’agit ni de partir de l’intériorité d’un auteur qui justement fait problème, ni de dresser les canons d’un genre littéraire. En partant de la situation de lecteur (qui est la mienne le fonctionnement des textes (leurs différences de fonctionnement) puisqu’ils ont été écrits pour nous, lecteurs, et qu’en les lisant, c’est nous qui les faisons fonctionner. C’est donc par des séries d’oppositions entre les différents textes qui sont proposés à la lecture, que j’ai essayé de définir l’autobiographie. Légèrement modifiée, la définition de l’autobiographie serait : DÉFINITION: Récit rétrospectif en prose qu’une personne réelle fait de sa propre existence lorsqu’elle met l’accent sur sa vie individuelle, en particulier sur l’histoire de sa personnalité (Lejeune, 1975, p. 14).

Terceiro, na obra, desde os parágrafos iniciais, a autora trata em expor sua pobreza, vulnerabilidade e condição socioeconômica, além da racial e da origem familiar escravizada, que condicionava uma inferioridade social perante a população branca abastada local, beneficiada pelos grandes fazendeiros voltados ao cultivo agrícola; que por sua vez, mantinha os desfavorecidos no sistema do colonato com o trabalho análogo à escravidão.

E por fim, trata-se de uma narrativa autobiográfica que permeia fatos históricos do cotidiano da época, sendo dois capítulos específicos destacados neste texto: “Um pouco de história” e “A revolução”. Ambos abordam os momentos das conversas nas praças e estabelecimentos entre os adultos, negros ou brancos, como ouvinte e espectadora, quando ouvia com atenção sobre a situação da Europa após a Guerra de 1914<sup>36</sup>, e principalmente o avanço da “Revolução”<sup>37</sup>, que tratava o processo político definidor do fim da República Velha e da Política do Café com Leite<sup>38</sup>, e o início da Era Vargas, apoiado pela aliança dos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, como a autora cita:

Um dia amanheceu confuso, com as ruas cheias de soldados. Era a revolução. Eu conhecia só a revolução das formigas quando se locomovem. Mas a revolução dos homens é trágica. E uns matando os outros. E o povo só falava no Getúlio Vargas e João Pessoa. Era a união do estado da Paraíba com o Rio Grande do Sul. Os tenentes conclamavam os homens a fardar-se. Os homens não deveriam ficar omissos na hora em que a pátria estava em litígio.

— Estas sedições ocorrem por causa dos incientes e prepotentes que querem governar a Nação. Com o Getúlio vamos ter mais trabalho. Ele é o fundador do Partido Trabalhista.

Os soldados circulavam pelas ruas, ostentando umas bandeiras verdes, amarelas e brancas, com o retrato do Getúlio no centro. Os que olhavam o retrato simpatizavam com ele e diziam:

— Agora o Brasil vai ficar aos cuidados de um Homem! Este vai dar um impulso ao país. Somos um povo sem líder. Temos que

---

<sup>36</sup> No capítulo “Um pouco de história”, Carolina menciona a Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918)

<sup>37</sup> Revolução Constitucionalista de 1932 ou, como também referida, a “Guerra Paulista”.

<sup>38</sup> Predominância e alternância para o poder executivo durante o início do século XX, controlado pelas oligarquias paulistas e mineiras, destaques na produção de café, leite e a criação de gado, respectivamente. Período conhecido como a República Velha (1889 – 1930).

despertar. O país não pode continuar deitado eternamente em berço esplêndido. O nosso país é muito atrasado.

As mocinhas que eram empregadas domésticas não saíam das casas dos patrões. Eu estava trabalhando na casa da dona Mimi, esposa do Gaúcho. Ele estava contente porque era o seu estado que estava pondo o Brasil em ordem. Eu andava pelas ruas. Na época eu estava usando uma pomada que tinha um cheiro horrível, e os soldados não mexiam comigo. As minhas feridas eram meu salvo-conduto. Ouvia os soldados cantar!

Viva a nossa revolução! O Brasil vai subir igual balão. Com o Getúlio o Brasil vai, com o Getúlio o Brasil não cai. Vamos ter mais pães na mesa, o Getúlio é amigo da pobreza (Jesus, 2014, p. 155, 156)

Ainda no capítulo um “Um pouco de história”, contextualizando a última definição posta por Lejeune (1975), Carolina descreve a convivência com os imigrantes italianos, incentivados pelo governo brasileiro na Europa, no início do XX. A presença nas fazendas, nos colonatos e na cidade, seguindo as narrativas da autora, apresentava certa proximidade – quando era conivente - entre pretos e brancos europeus imigrantes. Contudo, destaca a facilidade do homem branco europeu em abrir seus próprios negócios nas cidades e, em pouco tempo, abandonar as fazendas no interior, mobilizando os fazendeiros a procurar operários, brancos ou pretos, a ocupar os colonatos e trabalhar no cultivo.

Que alívio para os negros! Trabalhando para os italianos, eles ganhavam um mil-réis por dia. No fim da semana, que dinheirão! Seis mil-réis, e os negros compravam-sapatos e até o famoso terno de casimira. Para os italianos não faltavam os camaradas, porque eles eram educados e carinhosos com os negros. Quando os italianos faziam bailes aos sábados, deixavam suas filhas dançar com os negros, que ficavam envaidecidos. E no domingo eles reuniam-se nas esquinas para comentar:

— Eu dancei com a Concheta. Eu dancei com a Pina.

Na segunda-feira, o negro que dançou com a Concheta, e o negro que

dançou com a Pina trabalhavam como se fossem quatro homens. Empolgados porque os italianos não eram orgulhosos. Eles plantavam todos os cereais, criavam porcos, galinhas e vacas. Não

encontravam oposições dos fazendeiros. E o Brasil agrícola era o Brasil rico. Era o Brasil famoso. As colheitas eram fartas.

Segundo Oliveira (2009, p. 111), a autobiografia integra os “processos de autoconhecimento e, sendo assim, de saber”, que promove a busca pela própria história e verdade, num movimento de constante (re)interpretação da própria trajetória. Outros autores brasileiros se destacam na temática autobiográfica em algumas obras dos séculos XIX e XX, com foco na sua infância e adolescência.

Estes autores desenvolveram obras nas quais o personagem principal da narrativa, eram o próprio autor, revelando não apenas suas impressões à época descrita, mas também a convivência no ambiente familiar, podendo evocar reflexões sobre o desenvolvimento da pessoa-personagem na Literatura Brasileira. Destacam-se Graça Aranha, Érico Veríssimo, Alceu Amoroso Lima, Antônio Carlos Villaça, Cyro dos Anjos, Humberto de Campos, Paulo Duarte, Luís Jardim e Graciliano Ramos.

Sobre as obras destes autores, há uma gama de narrativas contextualizando episódios negativos no período da infância, nas relações entre figuras adultas e familiares. Assim, como com Carolina, diante da influência autoritária da mãe e das tias. No estudo conduzido por Oliveira (2009), o interesse no período da infância e adolescência destes autores e outros, se concluiu, sabendo que em sua maioria eram chamados de fracos e vulneráveis e, foram oprimidos pela própria família, quando comparados como “criança-adolescente a animais, à irracionalidade” (Oliveira, 2009, p. 119).

A discussão promovida por Oliveira (2009) revoga para a criança, enquanto ser em evolução física e intelectual, no seu lar e na sociedade, o espaço submisso aqueles com maior poder físico, intelectual e psicológico. A autora possibilitou identificar nas obras autobiográficas e reiterar historicamente o espaço da criança e seu desenvolvimento junto à violência na convivência familiar, que posiciona as crianças como “classes e categorias sociais expropriadas de poder e assim depreciadas socialmente” (Syders, 1984 apud Oliveira, 2009, p. 118). Neste contexto, não é obstatante fazer referência da influência social no processo de

aprendizagem, como se pauta as teorias de orientação vigotskyana<sup>39</sup>, e refletir as vivências de Bitita.

Portanto, entendemos que Bitita ao experienciar a cidade e o rural, os temas das conversas enquanto ouvinte e espectadora, nas travessuras de criança e das discussões com autoridades locais, toma a experiência social como resistência de vida. Carolina quando relata seu testemunho, o cotidiano da sua experiência em uma sociedade que renega sua existência, sua presença e seu corpo. A futura escritora migra e perambula nas cidades e no campo para de fato sobreviver.

Carolina, assim como outras pessoas pretas no Brasil até os dias atuais, carregam as decisões políticas e econômicas da história, que impuseram o apagamento e a invisibilidade dos corpos e mentes das pessoas africanas escravizadas desde o período colonial e imperial (1500 – 1888). Reitera-se que esta imposição é parte integrante do “discurso colonial”, que tem por objetivo justificar a ocupação, manutenção e ocupação do colonizador – eurocêntrico e androcêntrico - uma vez que o colonizado é “uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (Bhabha, 1998, p. 111).

De fato, na formação da cultura brasileira, muito há dos povos africanos aqui trazidos forçosamente, destaca-se à produção cultural transmitida (ditados, termos, palavras, folclore, religiões, lutas marciais e culinária), em contrapartida, pouco se divulga ao longo dos séculos sobre a contribuição de pessoas pretas em áreas como medicina, artes, política, ciência e literatura, enfatizando a exclusão nos territórios, colonizados e explorados. Sendo assim, ao “ratificar a existência de autoras/es negra/os assume uma função compositiva na produção de subjetividade ao recuperar o protagonismo de narrativas próprias” (Soares e Machado, 2017, p. 205).

Vale mencionar, e complementando nossa discussão quanto às autobiografias, o conceito de “escrevivência” talhado pela escritora Conceição

---

<sup>39</sup> Corrente pedagógica também referida como socioconstrutivista ou sociointeracionista. Esta corrente se estrutura na perspectiva de que o processo de aprendizagem se dá diretamente entre a relação e a interação do sujeito com a sociedade ao seu redor, de acordo com Lev Vygotsky (1896 – 1934).

Evaristo<sup>40</sup>, em seus estudos e romances publicados a partir na primeira década do século XXI.

Se inconscientemente desde pequena nas redações escolares eu inventava um outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando alguma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de auto-afirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra (...) o que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semi-alfabetizadas, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção de vida. (...) E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura dominante, escrever adquire um sentido de insubordinação (...) (Evaristo, 2007, p. 20-21).

Escrevivência está relacionado com toda a escrita a partir de um corpo, sobretudo das mulheres pretas, para suportar a existência em condições desfavoráveis, fazendo da escrita e a leitura um duplo movimento: fuga da realidade e imersão em si própria. Segundo Oliveira (2009, p 87), para Evaristo “a leitura antecede e nutre a escrita”, e assim possibilita selecionar momentos e estratégias de elaboração do passado, em uma autorreflexão e autorreferência. E a partir daí, a ficção se torna um meio de suportar o mundo e a existência, possibilitando na escrita de si, se projetar em meio ao caos.

A partir de Oliveira (2009), define-se três elementos formadores da escrevivência: "corpo, condição e experiência". Estes elementos fundamentam a análise proposta por Oliveira ao analisar a obra de Conceição Evaristo. Em sua visão, o elemento corpo, destina-se a toda dimensão subjetiva do sujeito, em suma,

---

<sup>40</sup> Maria da Conceição Evaristo de Brito, nascida em uma favela da cidade de Belo Horizonte em 1946, possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. É uma reconhecida escritora, professora, ativista e pesquisadora afro-brasileira, conhecida pelos seus romances: Ponciá Vicêncio (2003), Becos da Memória (2006) e Olhos D'Água (2014).

ao corpo preto e feminino, que a todo momento luta consciente e inconsciente por afirmação ou reversão de estereótipos, pela superação das condições de vida e alteração da sua própria realidade. O segundo, a condição, seria o processo fraterno e compreensivo com as pessoas/personagens que rodeiam e interagem com este corpo. E, o terceiro, “funciona tanto como recurso estético quanto de construção retórica, a fim de atribuir credibilidade e persuasão à narrativa” (Ibidem, p. 88).

Tratando-se das produções literárias brasileiras, vale mencionar que, “80% dos personagens da literatura brasileira representados como brancos” (Bispo e Lopes, 2018 apud Soares e Machado, 2017, p. 205). E como destaca Evaristo, “pode ser observado que a literatura brasileira, desde a sua formação até a contemporaneidade, apresenta um discurso que insiste em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra” (2005, p. 52). Portanto, o conceito de escrevivência e os trabalhos desenvolvidos por Conceição Evaristo permitem e incitam “outras mulheres a contarem suas histórias e se fazerem ouvidas, deixando de lado o privilégio dado, ao longo dos tempos, a textos, construções e narrativas predominantemente masculinas e brancas” (Salgueiro, 2020, p. 100).

Também, para Evaristo, a obra deixada por Carolina Maria de Jesus foi essencial na sua formação como escritora, e a reconhece como a criadora de uma “tradição literária”, que alcançou, prestigiou e inspirou outras mulheres pretas e faveladas. Quando jovem, Evaristo apreciava com sua mãe e família a obra de Carolina, e ali, em meio as narrativas, lia “não como leitores comuns, mas como personagens das páginas de Carolina. A história de Carolina era nossa história” (Evaristo, 2010 apud Machado, 2014, p. 249).

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever a ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite (ibidem, p. 249)

### 3.3. Reflexões geográficas a partir do “Diário de Bitita”

As narrativas de Carolina na obra “Diário de Bitita” constituem-se, como já mencionado por Oliveira (2009), na/pela observação do espaço urbano e rural por uma criança que percorria ruas, chácaras e cidades a fim de saciar sua curiosidade sobre o mundo. Bitita é a figura central de uma trama que aprende em meio ao racismo a conviver e sobreviver na sociedade. E é neste contexto de privilégios e perdas, que perguntamos: As autobiografias podem suscitar uma paisagem e um lugar? Uma topo-paisagem? E como esta paisagem descrita, em autobiografias, manteve-se ao longo do tempo e nos possibilita aguçar as narrativas? E afinal, como aguça-las?

No contexto de obras literárias autobiográficas, suscitamos Suely Kofes (2001), quando destaca as narrativas de vida para a composição de documentos etnográficos em duas narrativas biográficas escritas por antropólogos<sup>41</sup>. Ambas, em termos gerais, formalizam a metodologia etnobiográfica, que considera as narrativas de entrevistados como dados para uma investigação sociocultural, na medida em que essas narrativas, carregadas de significações, possibilitam compreender a experiência vivida. A intenção da autora foi distinguir maneiras de incluir narrativas biográficas e autobiográficas no campo da Antropologia, na medida em que terminam por contextualizar uma “intenção biográfica para fazer dela uma narrativa etnográfica” (Kofes, 2001, p. 24).

As primeiras evocações do termo etnobiografia datam da década de 1960, com destaque ao cineasta argentino Jorge Prelorán, quando inseriu em seus filmes os sujeitos culturais marginalizados da cultura folk argentina. Seu trabalho encarnava o paradoxo da antropologia clássica no que concerne ao modo que se constitui a produção do conhecimento: “ambicionava investigar a partir do lugar do indivíduo inserido naquela sociedade, porém contextualizado, efetivamente, por uma perspectiva de alguém situado fora, a do cineasta” (Prelorán, 1978 apud Gonçalves, 2012, p. 28).

Dadalto e Pavesi (2018), na sua reflexão quanto ao constructo metodológico multidisciplinar entre histórias de vida e etnobiografias, tratam a mobilidade humana

---

<sup>41</sup> Primeiro, os estudos de Kluckhohn (1945), produzidos na década de 1940, sobre a história de vida do Mr. Moustache, um indígena Navaho estadunidense. O segundo é sobre os trabalhos realizados por Crapanzano (1980), durante sua passagem no Marrocos na década de 1960, que possibilitou na década de 1980, que desenvolver o relato da história de vida de Tuhami, um oleiro marroquino.

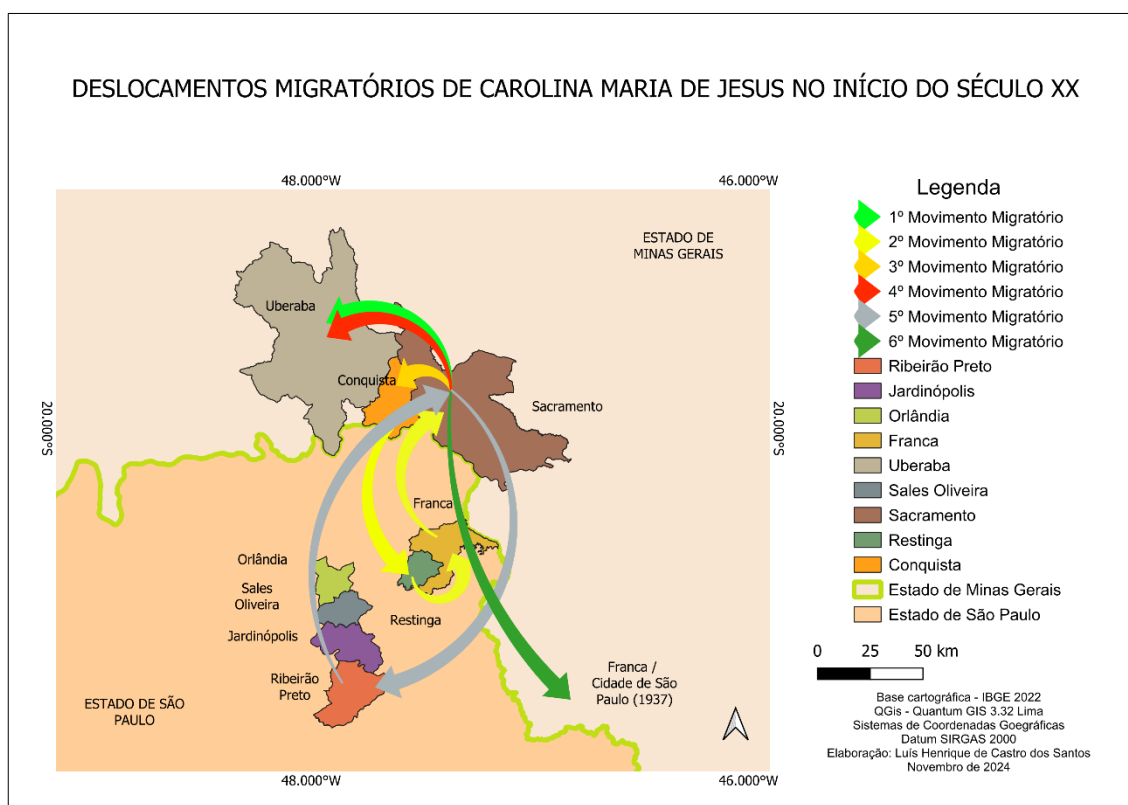
a partir da trajetória de migrantes e apontam que a autobiografia como parte para a legitimação das identidades individuais e coletivas; enaltece a importância da memória e das experiências, pois “as narrativas estão impressas as marcas do narrador e suas experiências, que conjugam na memória, conteúdo do passado individual com outros do passado coletivo” (Benjamin, 1989, apud Dadalto e Pavesi, 2018, p. 4).

Neste contexto, discutido por Dadalto e Pavesi, destacamos um estudo de Souza (2015), sobre relatos de sujeitos migrantes e suas trajetórias nas saídas do interior da Bahia para a cidade de Salvador nas décadas de 1940 até 1970. Souza se debruça nas memórias das experiências vividas e os espaços percorridos de migrantes do interior para a capital, através de fotografia, desenhos e mapas. A autora destaca a trajetória como mobilizadora de memória, aguçando o vivido e os dinamismos entre os espaços.

Para sua discussão, recorreu sobre a importância dos relatos de vida, que potencializam a análise social provinda de uma perspectiva pessoal. Assim, a experiência vivida implica ao pesquisador de “não incorrer em interpretações meramente objetivistas, de um lado, que compreendem os relatos apenas como informações” (Souza apud Kofes, 2015, p. 349).

Nesse sentido, a noção de lugares de memória parece-me útil para identificar as marcas que esses sujeitos produziram, individual e coletivamente, em suas trajetórias na configuração do território e na memória da cidade. Dessa forma, compreende-os como algo que se produz na prática e a partir do olhar, da leitura e dos sentidos atribuídos pelos agentes que com eles e neles se produzem – como memórias de experiências vividas (Ibid, p. 348).

Em consonância com Souza (2015), e partindo do uso das passagens narradas aqui mencionadas no capítulo 1, nos debruçamos sobre as suas narrativas memorialísticas, observando os percursos e as andanças de Bitita. Segundo Pereira (2015, p. 21), contabilizam-se “vinte e três movimentos de mudança de cidades vivenciados pela escritora entre 1914 e o final da década de 1930”, como se observa o mapa da figura 3, logo abaixo.



**Figura 15:** Mapa dos deslocamentos migratórios de Carolina Maria de Jesus no início do século XX.  
 Fonte: Do autor, 2024.

O mapa da figura 3 foi desenvolvido a partir do referencial narrativo entre os capítulos “A Fazenda” até “Ser Cozinheira”. No capítulo “A Fazenda”, Bitita se despede da escola e não finaliza os estudos, porém já sabia ler e escrever. Sua mãe se muda com um novo padrasto para a fazenda Lajeado, nas “imediações de Uberaba” (Jesus, 2014, p. 131), representado pela cor verde claro no primeiro movimento. O local exato não é expresso geograficamente pela autora na obra<sup>42</sup>, contudo esclarece que as terras pertenciam a uma personalidade marcante do Estado de Minas Gerais, o senhor Olímpio Rodrigues de Araújo. Este movimento migratório ocorreu por volta de 1923 (Farias, 2018, p. 55), quando Bitita tinha seus 9 anos de idade. Sendo assim, Carolina até se fixar na cidade de São Paulo a partir de 1947, ou seja, durante vinte e três anos, esteve nestes movimentos migratórios expressos na figura 3.

O segundo movimento migratório, representado pela cor amarela, estão expressos no capítulo “Retorno à cidade”. Após a expulsão do fazendeiro Olímpio Rodrigues de Araújo com a família de Bitita, todos tiveram de retornar para

<sup>42</sup> Farias (2018, p. 560) indica que a fazenda Lejado ainda existe com mesmo nome a partir de uma fonte do jornal O Estado do Triângulo, edição 1256, de 6 de maio de 2011.

Sacramento, momento de muito desgosto à Bitita e sua mãe. Pouco tempo depois, um recém-chegado à Sacramento buscava empregados para o cultivo de café no atualmente município de Restinga<sup>43</sup>, na fazenda Santa Cruz, “o proprietário era o senhor Oliveira Dias, o Loló” (Jesus, 2014, p. 140).

O trabalho era exaustivo e o pouco retorno financeiro e material motivou a fuga de Bitita, seu padrasto e sua mãe para Franca. Uma prima chamada Dolores, arrumou um serviço de empregada doméstica para Bitita, ainda adolescente. Após certo tempo não indicado na obra literária, retornam Bitita e sua mãe para Sacramento, devido à dificuldade em conciliar trabalhos mal remunerados, pagamento de aluguéis e a alimentação.

O terceiro movimento, destacado pela cor Laranja no mapa da figura 3, foi a ida até o município de Conquista, em Minas Gerais, para trabalhar na fazenda São Gabriel, que pertencia ao doutor Wanderley Andrade (Ibidem, p.146). Não é destacado o período de permanência na Fazenda, mas retornam à Sacramento após serem despedidas pela patroa.

O quarto movimento, representado pela cor vermelha, é a ida de Bitita até Uberaba, sem nenhum meio de transporte, caminhando e dormindo nas estradas de terras, em busca de médicos para tratar as feridas nas pernas. Bitita pouco conhecia a cidade de Uberaba, ainda que em anos anteriores tenha vendido no centro da cidade produtos agrícolas com sua mãe e padrasto, quando residiam na fazenda Lajeado. Neste momento, foi acolhida nas dependências do Asilo São Vicente de Paulo de Uberaba<sup>44</sup>, e posteriormente retornou à Sacramento. Destacamos em particular esta andança em busca de cura para suas enfermidades, ao atravessar o relevo acidentado por morros e arvoredos. No capítulo “A Doença”, a autora aborda/narra esta caminhada, mas não descreve os mais de 50 quilômetros de distância entre Sacramento e Uberaba.

Ouvi dizer que em Uberaba tinha bons médicos. Decidi ir até lá a pé. Peguei a minha trouxa e saí. Não me despedi de ninguém. Dormia nas estradas. Andava pelas estradas de rodagem. Que luta! Quando

---

<sup>43</sup> O município de Restinga obteve elevação à categoria de município pela lei estadual nº 8.092, de 28 de fevereiro de 1964, desmembrado do município de Franca.

<sup>44</sup> O Asilo São Vicente de Paula de Uberaba, mantido pela Arquidiocese de Uberaba, foi inaugurado em 1920 e está ainda em funcionamento no mesmo prédio atualmente.

cheguei em Uberaba, não conhecia ninguém.z Mas recordei que conhecia uma preta que residia lá (Ibidem, p. 151).

O quinto movimento é a ida de Bitita até Ribeirão Preto, financiado pela mãe em busca de tratamentos médicos. Fez consulta na Santa Casa de Ribeirão Preto e pernitoou algumas horas na casa de parentes, ainda que tenham se mostrados hostis e antipáticos. Após ofensas sobre sua condição, a jovem decide retornar para Sacramento em uma longa caminhada, enquanto refletia na sorte do encontro de um rio ou lago para banho.

Cheguei a Ribeirão às seis da tarde. Peguei seis mil-réis para dormir e pedi ao porteiro para despertar-me às seis. Não dormi pensando: 'Será que vou ser feliz aqui nesta cidade?' Que medo que eu sentia das cidades grandes! E eu tinha dinheiro. Levantei, peguei a minha trouxa e saí. Segui a avenida da Saudade. Cheguei a Santa Casa e pedi uma consulta. Fizeram um curativo e disseram que eu deveria voltar depois de três dias (Ibidem, p. 163).

Sem tratamentos e teto para pernitoar, voltou às estradas de terra entre fazendas no campo e partiu até Jardinópolis. Porém, com a falta de tratamentos médicos na nova cidade, partiu para Sales Oliveira, trabalhou como empregada doméstica por algumas semanas, até ser enviada por uma outra patroa para Orlândia, na mesma condição. O pouco dinheiro que junto financiou sua volta até Sacramento, ao encontro de sua mãe.

Ao chegar à Sacramento, iniciam rumores que estava portando livros de feitiçaria. É presa com sua mãe, passa por interrogatórios policiais e surras com chicotes, causando mais feridas a Bitita e um braço quebrado para sua mãe. A libertação só ocorrerá após pagamento de fiança, sem crime justificado. As feridas impossibilitavam o trabalho das duas, obrigando-as a pedir esmolas em fazendas e, novamente, acontece sua partida definitiva de Sacramento.

Deixamos a cidade de Sacramento. Fomos para Franca. Que luta para eu viver em Franca. Não podia trabalhar. Minha mãe arranhou emprego na casa do senhor Ignácio Calheiros. Eu ficava vagando. Que fome eu passava! Às vezes, eu ia no emprego da minha mãe. Limpava o quintal, visando comer qualquer coisa! (Ibid, p. 183).

O sexto e último movimento do mapa da figura 3, representado pela cor verde escuro, identifica a partida de Bitita e sua mãe de Sacramento, primeiro para Franca e depois São Paulo. Quando Bitita encontrava empregos como doméstica em Franca, e descobriam que sabia ler e escrever, temendo que roubasse algo, era demitida. Sua saúde frágil não permitiu permanecer nos empregos, forçando-a buscar trabalhos nas fazendas do entorno, com pouco êxito.

Trabalhou temporariamente na Santa Casa de Franca<sup>45</sup>, como cozinheira e financiou o retorno de sua mãe para Sacramento. Posteriormente, ainda em Franca, após ser despedida de mais uma residência, conheceu uma professora que buscava uma criada para ir morar na cidade de São Paulo. Assim Carolina, se despede do interior, ao qual nunca mais retornou, e parte rumo à capital paulista.

Indicaram-me uma professora que estava procurando uma criada para vir para São Paulo. Fui procurá-la, ela aceitou-me. Que alegria! Voltei correndo, fui preparar as minhas roupas. Não avisei à patroa que ia sair, ela já havia me despedido.

Até que enfim, eu ia conhecer a ínclita cidade de São Paulo! Eu trabalhava cantando, porque todas as pessoas que vão residir na capital do estado de São Paulo rejubilam como se fossem para o céu.

No dia da viagem, não dormi para não perder o horário. O trem saía às sete horas, mas eu cheguei na estação às cinco horas. Que alegria quando embarquei!

Quando cheguei à capital, gostei da cidade porque São Paulo é o eixo do Brasil. E a espinha dorsal do nosso país. Quantos políticos! Que cidade progressista. São Paulo deve ser o figurino para que este país se transforme num bom Brasil para os brasileiros (Jesus, 2014, p. 205)

É importante enfatizar que o mapa (figura 3) marca as idas e vindas da autora durante sua infância, adolescência e início da idade adulta. Os trechos são descritos por Bitita com poucos detalhes sobre suas permanências nas fazendas, residências e cidades (mineiras e paulistas). Quanto às andanças, são percursos em uma área de 490 km<sup>2</sup> aproximadamente e mais de 1000 quilômetros percorridos desde sua

---

<sup>45</sup> Atual Grupo Santa Casa de Franca

primeira mudança na fazenda Lajeado, em Uberaba, aos nove anos de idade, até quando mais adulta, ao mudar-se para São Paulo em 1937, com vinte e três anos de idade.

Ainda que prováveis alterações territoriais e fronteiriças tenha ocorrido entre os municípios, e as narrativas de Carolina não focarem nas descrições espaciais, buscamos através de técnicas de geoprocessamento desencobrir o relevo atravessado e significar o movimento andarilho de Bitita, em específico o quarto movimento migratório para Uberaba, sendo o primeiro realizado sem a presença da mãe, parentes ou conhecidos.

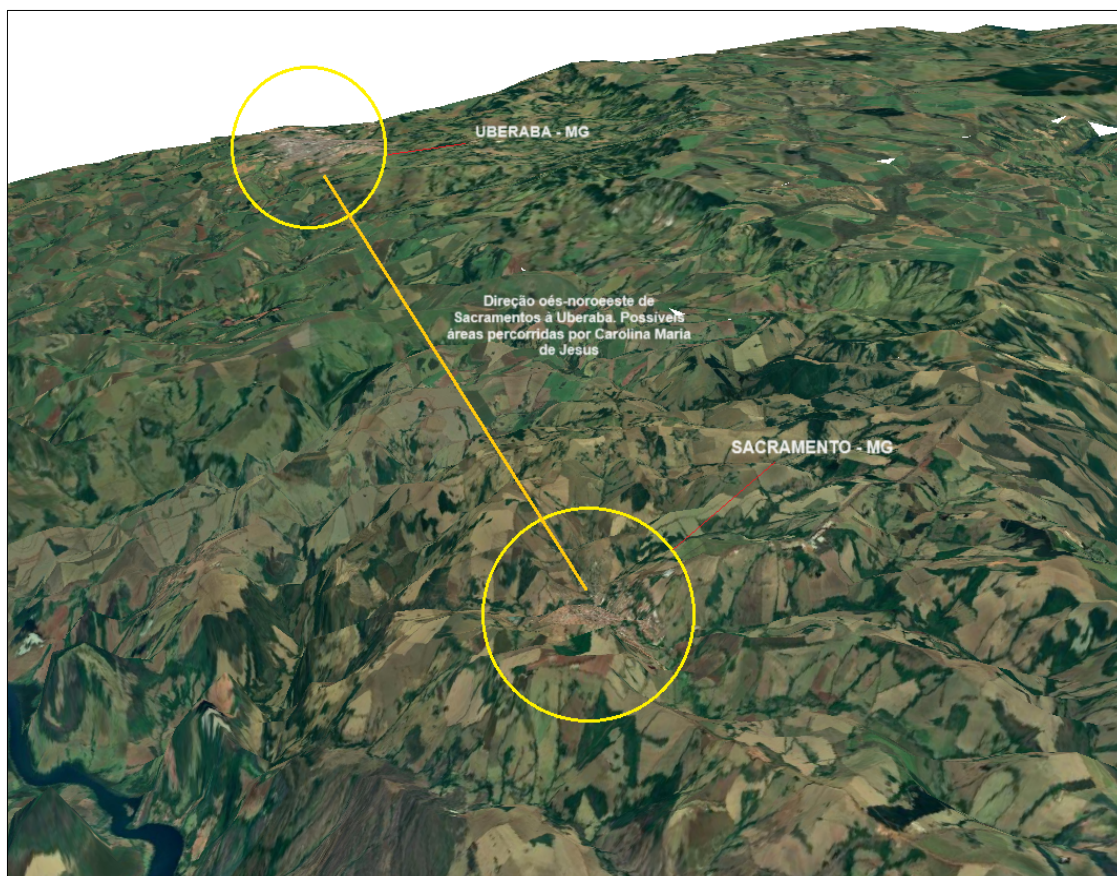
Ao referenciar momentos pessoais nas passagens literárias da obra “Diário de Bitita” (2014), merece nossa atenção as alterações urbanísticas ao longo do tempo e as diferenciações paisagísticas, uma vez que, “o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado, sendo a expressão espacial de processos sociais e reflexo das ações realizadas no presente, como as realizadas no passado, que são identificadas nas formas espaciais presentes” (Marques, 2005, p. 32).

Considerando o risco de representar por geotecnologias as narrativas que tratam das experiências vividas na escrita de Carolina, é possível observar as características físico-geográficas das paisagens percorridas, ainda que a preocupação da escritora não fosse o formato dos morros, as árvores, o clima, mas a corrida contra o tempo e as feridas. A autora destaca a busca por médicos, mas não descreve os 50 quilômetros de distância percorridos, entre os municípios.

Assim, com o software-livre Quantum Geographic Information System (QGIS)<sup>46</sup>, versão 3.32.2 (Lima), que tem por funcionalidade a visualização, edição e análise de dados georreferenciados, foi desenvolvido a visualização tridimensional da topografia da área narrada da direção do trajeto entre Sacramento e Uberaba (figura 4). Isto foi possível através da técnica de mensuração de dados de Modelo Digital de Elevação (MDE) de altitude, da carta “19S48O”, presentes no Banco de Dados Geomorfométricos do Brasil, do projeto TOPODATA do INPE - Instituto Nacional de Pesquisa Espacial.

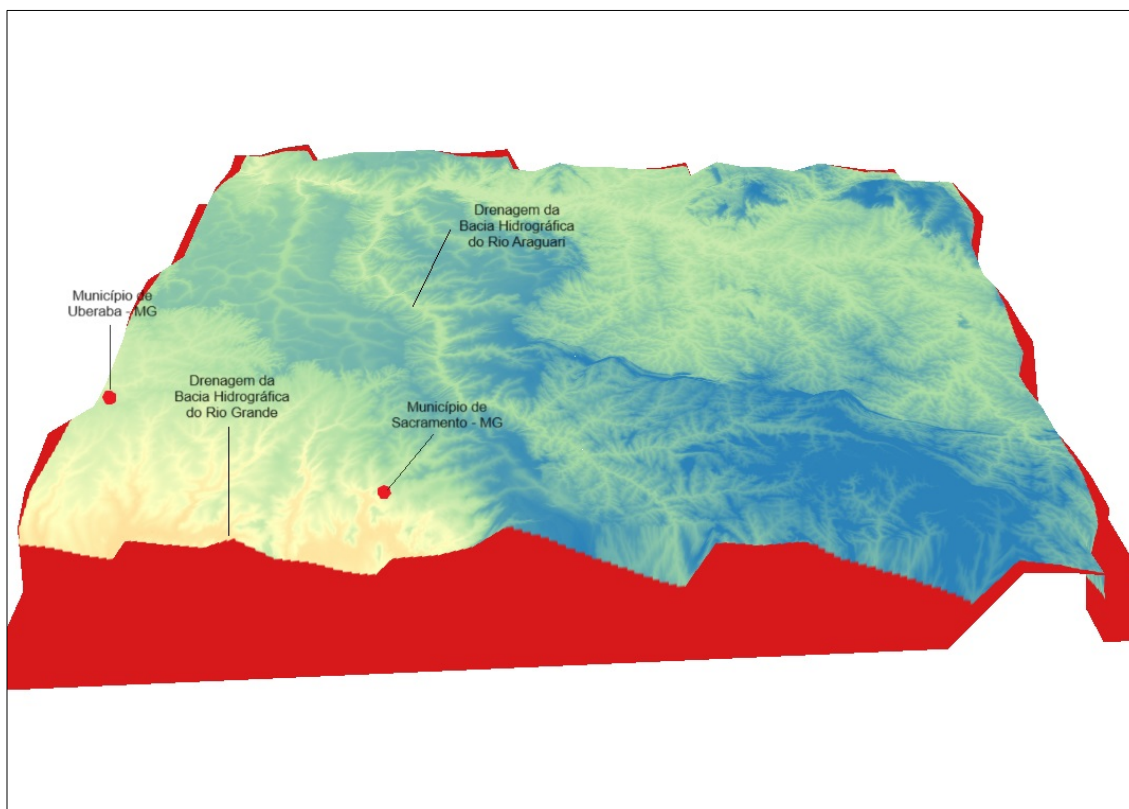
---

<sup>46</sup> É um software livre com código-fonte aberto, multiplataforma de sistemas de informação geográfica que permite a visualização, edição e análise de dados georreferenciados.



**Figura 16:** Topografia tridimensional do percurso Sacramento-Uberaba. Fonte: INPE – Instituto Nacional de Pesquisa Espacial, 2023.

A presença de morros e das bacias hidrográficas associadas à drenagem dos rios Grande (ao sul) e Araguari (ao norte), possibilitam transpor uma paisagem com elementos específicos e naturais. A presença das matas e dos campos abertos das fazendas, ainda se fazem presentes na maior parte desta região, marcada por morros arredondados com riachos, drenando suas encostas em direção à ribeirões e rios distantes, como aponta a figura 17, também desenvolvida com o mesmo software de edição e visualização de dados georreferenciados.



**Figura 17:** Topografia da carta das regiões de Uberaba e Sacramento e seu relevo. Fonte: INPE – Instituto Nacional Pesquisa Espacial, 2023.

A digitalização dos dados de altitude revelou que a área em questão é de difícil trânsito para andarilhos, ainda mais ao considerar as condições socioeconômicas da autora no início do século XX. Ao observarmos o modelo digital de elevação da Figura 17, pode-se perceber a área acidentada, com estruturas complexas de relevo, que questionam o percurso da jovem Bitita até Uberaba para tratamento médico. O desafio de cruzar tais dimensões não era maior que a necessidade de cura da jovem “Bitita”, porém este trajeto identifica a força e persistência para sobreviver, e nos faz questionar o movimento andarilho no interior do Brasil, por uma população desfavorecida de recursos, desde o passado até o momento atual.

Assim, podemos considerar que as representações tridimensionais das narrativas literárias podem evocar outras camadas de significações ao leitor, pois potencializam características não-descritas, que transpõem a objetividade do espaço geofísico para o domínio do imaginado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem querer encerrar a discussão de articulações propostas entre Geografia e Literatura, indicamos o conceito de “topo-paisagem” como uma categoria da cartografia literária, que permite explorar a dimensionalidade do personagem relacionando seu espaço social e o ambiente físico, sobretudo das descrições memorialísticas em obra (auto)biográfica. Per si promove compreender diferentes camadas de espaços-tempos, como na metáfora palimpséstica, aqui expressadas por meio do uso de desenhos, mapas e fotografias. Dessas relações, é importante destacar as inquietações que possibilitem novo rumos:

Primeiro, o diálogo aqui proposto emerge do volume de pesquisas que provocam a busca por novas interpretações do espaço geográfico, de maneira interdisciplinar com outras áreas do conhecimento, para além de pesquisas de cunho sobre a reprodutibilidade do espaço à mercê do modus operandi econômico ou da exploração de recursos naturais. Possibilita-se enxergar diferentes facetas da realidade, e tornar visível aqueles que não podem cartografar, registrar ou memorizar sua existência e experiência de vida.

Contudo, acerca desta discussão, dos usos narrativos autobiográficos na construção do espaço e da paisagem, apresenta certa ausência quando se trata do uso de diferentes dispositivos imagéticos e cartográficos. No caso da Geografia é evidente desde o final do século XX, o avanço de pesquisas interseccionadas à Literatura e no uso de narrativas literárias para compreender as facetas do espaço geográfico. Porém, estes estudos em grande maioria se pautam numa análise descritiva dos laços afetivos, o que neste texto conciliou em paralelo compreender com diferentes ferramentas imagéticas a espacialidade somada à experiência da autora, tratada em obra.

Apesar da presença de estudiosos que utilizam estas ferramentas ao analisar as questões do espaço-tempo, nota-se a quase ausência de pesquisas, que tratam de diferentes recursos e materiais que aguçam a paisagem literária, sobretudo no uso de desenhos e fotografias a compreender autobiografias. Em destaque os autores da Geografia, em relação aos avanços da Antropologia, na temática entorno do debate espacial.

Nesse sentido, enfatiza-se nesta pesquisa o uso de diferentes recursos imagéticos das narrativas literárias e autobiográficas, sendo elas tratativas de um

período de cem anos atrás, além desafiador é simbólico. Muito do que foi desenvolvido sobre Carolina Maria de Jesus, em menor volume enfatiza a riqueza material entorno da obra “Diário de Bitita”, quando comparada a sua obra mais celebre “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada”.

A obra retrata aspectos além da pobreza e da marginalidade da autora e do povo negro, tão visados em “Quarto de Despejo”. O “Diário de Bitita” retrata: A pobreza e a marginalidade do povo negro poucas décadas depois da abolição da escravidão e no início do período republicano; Dos circuitos produtivos agrícolas do interior e do uso da mão de obra imigrante europeia em paralelo da negra e não-branca brasileira; Das disposições das cidades conectadas pelas linhas férreas, que hoje estão obsoletas; Do sistema educacional do início do século XX; E, do racismo social e da repressão policial ainda presentes nos dias de hoje. Aspectos estes que a autora discorre em suas narrativas, de uma riqueza referencial que não pode ser desconsiderada ou esquecida.

Segundo, ao articular a paisagem urbana presente nas narrativas e as atuais condições da materialidade da cidade de Sacramento, emerge vários questionamentos deste processo tempo-espacial. Ao partir das narrativas em “Diário de Bitita”, problematiza-se e questiona-se sobre o espaço sacramentano e as suas atividades produtivas com suas relações com o desenvolvimento socioeconômico da atualidade, levando a inquietações pontuais: Sacramento, ainda (re)produz as desigualdades à maneira de cem anos atrás? Se não, como se alterou? E por último, quanto ao espaço urbano sacramentano, como estes lugares podem memorizar este cotidiano exposto em prosa literária de sua contrêrranea?

Terceiro, sobre a escritora Carolina Maria de Jesus, sabemos que ao resgatá-la neste texto, permitimos outros caminhos e encontros sobre sua biografia e suas impressões pessoais. Porém, aqui nos debruçamos em um período em particular da autora, que não destaca sua idade adulta, enquanto andarilha e catadora como maioria das pesquisas sobre sua persona. Investigamos sua infância e juventude repletas de camadas históricas, sociais e políticas no entorno de uma menina preta do início do século XX. Poucas são as pesquisas que se aventuram na biografia de Carolina Maria de Jesus sobre sua infância, assim como também as pesquisas que se debruçam em personalidades pretas nesta mesma temporalidade e faixa etária.

Ao interseccionar mapas, desenhos e fotografias sobre as narrativas de Carolina, nos é possibilitado assumir a escrita como guia desta “topo-paisagem”. A

partir das narrativas é possível raspar as formas de cidade como em um palimpsesto, e compreender as dinâmicas ocorridas ao longo do tempo. É o encontro do leitor com as narrativas, e de ambos à espacialidade em prosa com as materialidades do atual. As fotografias coletadas em trabalho de campo, além de evidenciarem o ambiente físico e os espaços de ocorrências das narrativas mencionadas, indica-se as posições dos personagens mencionados, podendo o leitor interpretar/imaginar de maneira mais fidedigna a obra literária.

No caso dos mapeamentos, possibilita-nos compreender as andanças da autora em busca de trabalhos e hospitais. Apesar do pouco destaque da autora das distancias entre cidades e da configuração da paisagem vista por ela, os percursos não eram de fácil trânsito devido ao relevo e as matas ainda presentes, como analisado através dos modelos tridimensionais do capítulo 3. Fazendo-nos questionar o movimento andarilho e como se caracteriza atualmente. Quanto aos desenhos, estes permitem fantasmagoricamente elucidar as nuances entre espaços e tempos do passado sobreposto em fotografias. Enquanto o mapa localiza e permite compreender a escala dos espaços percorridos, os desenhos e as fotografias por sua vez, aguçam a paisagem literária e a as narrativas. Todavia, questiona-se sobre pesquisas e pesquisadores que utilizem ferramentas e softwares de Sistemas de Informação Geográfica para se debruçar à narrativas literárias e autobiográficas, permitindo retratar as diferentes paisagens narradas com ferramentas espaciais que, a cada ano, se apresentam mais avançadas.

Ainda no caso das fotografias e dos desenhos, é possível reconfigurar na paisagem aqui tratada, outras formas de cidade e cotidiano, à medida que nos faz questionar os modos como destacar os diferentes movimentos artisticamente. Por fim, neste processo de reconstituir as camadas em palimpsesto das narrativas, suscitar e aguçar as impressões daqueles que leem e apreciem a obra, reconstitui-se as paisagens urbanas sobre outras paisagens urbanas ao longo do tempo. Portanto, o mesclar do mapear, desenhar e fotografar se fazem como parte do processo da leitura, onde permitem enxergar a cidade operando sob outras cidades, assim como cartografar permite outras leituras geográficas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, M.S. O palimpsesto na arquitetura e no urbanismo pelotense. In **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História**, São Leopoldo: UNISINOS, 2007. p.1-9 Disponível em: <<http://encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.24/ANPUH.S24.1259.pdf>>. Acesso em jan. 2025.
- ALONSO, M. A cartografia literária de Marques Rebelo. **Revista Coralina**, Cidade de Goiás, vol.3, n.1, p. 141-156, 2020. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/coralina/article/view/10198>>. Acesso em jan. 2025.
- ALVEZ, U.F. Introdução. Prefácio. In: JESUS, C.M. **Diário de Bitita**. São Paulo: Sesi-SP, 2014.
- ARANHA, M.L.A. **História da Educação**. São Paulo: Editora Moderna, 1989.
- ARFUCH, L. **O Espaço Biográfico**: Dilemas da Subjetividade Contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- AURELI, W. Carolina Maria, poetiza preta. **Folha da Manhã**, São Paulo, 1940, p. 03
- AZEVEDO, A. Diário de campo e diário gráfico: contribuições do desenho à antropologia. **Áltera – Revista de Antropologia**, João Pessoa, vol.2, n.2, p. 100-119, 2016. Disponível em <[https://www.academia.edu/download/54059455/2016\\_Azevedo\\_Diario\\_de\\_campo\\_e\\_diario\\_grafico.pdf](https://www.academia.edu/download/54059455/2016_Azevedo_Diario_de_campo_e_diario_grafico.pdf)> Acesso em jan. 2025.
- BHABHA, H.K. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BRITO, M.C.; FERREIRA, C.C.M. Paisagem e as diferentes abordagens geográficas. **Revista de Geografia**, vol.2, n.1, 2011. p.1-10 Disponível em: < <http://periodicos.ufjf.br/index.php/geografia/article/view/17890>>. Acesso em jan. 2025.
- BUESCU, H.C. Paisagem literária: Imanência e transcendência. In: REIS, C.; BERNARDES, J.A.C.; SANTANA, M.H. (Org.). **Uma coisa na ordem das coisas**: Estudos para Ofélia Paiva Monteiro. Imprensa da Universidade de Coimbra: Coimbra, 2012.
- BUTTIMER, A. O espaço social numa perspectiva interdisciplinar. In: SANTOS, M.; de SOUZA, M.A. **O espaço interdisciplinar**. São Paulo: Livraria Nobel, 1986. p.65-81.
- CABRAL, L. O. A paisagem enquanto fenômeno vivido. **GEOSUL**, vol.15, n.30, p. 34-45, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14252>> . Acesso em jan. 2025.
- CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003.
- COLI, L.R.; ACSELRAD, H. Disputas cartográficas e disputas territoriais. In: ACSELRAD, H. (Org). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/ UFRJ, 2008.
- CRAMPTON, J.W.; KRYGIER, J. Uma introdução à cartografia crítica. In: ACSELRAD, H. (Org). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/

UFRJ, 2008. Disponível em: < [https://www.academia.edu/download/39404961/Cartografias\\_Sociais\\_e\\_Territorio.pdf](https://www.academia.edu/download/39404961/Cartografias_Sociais_e_Territorio.pdf) > . Acesso em jan. 2025.

DANTAS, A. O retrato da favela no diário de Carolina. **O Cruzeiro**, São Paulo, 1959, p. 92.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M.A. (Org.) **Representações Performáticas Brasileiras**: Teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, C. Da representação a auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**: Cultura afro-brasileira, Brasília, ano1, n.1, 2005.

FARIAS, T. **Carolina**: Uma biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

FERRARO, A.R.; KREIDLOW, D. Analfabetismo no Brasil: Configuração e gênese das desigualdades regionais. **Revista Educação & Realidade**, vol.29, no.2, p.179-200, jul/dez. 2004.

FUÃO, F.D.F. Cidades Fantasmas. **Arqtexto**. Porto Alegre, no.1, p.12-23, 2001. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/propar/wp-content/uploads/2023/06/1\\_Fuao.pdf](https://www.ufrgs.br/propar/wp-content/uploads/2023/06/1_Fuao.pdf)>. Acesso em jan.2025.

GENETTE, G. **Palimpsestos**: A literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010

GONÇALVES, E.R.G. A luta de classes na obra de Carolina Maria de Jesus. In: FARIAS, M.; MACHADO, M.C. (Org) **Carolina Maria de Jesus**: Cartografia Crítica. Brasília: Grupo de estudos em literatura brasileira contemporânea, 2023.

GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

HOLZER, W. Mundo e Lugar: Ensaio de Geografia Fenomenológica. In: OLIVEIRA, L.; MARANDOLA JR, E. **Qual o espaço do lugar?**: Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p.281-304.

JESUS, C.M. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP, 2014.

JESUS, C.M. Quarto de despejo: Diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020.

JOZEF, B. (Auto)Biografia: Os territórios da memória e da história. In: AGUIAR, F. (org.). **Gêneros de Fronteira**. São Paulo: Xamã, 1997. p. 219-225.

KOFES, S. Narrativas biográfica: Que tipo de antropologia isso pode ser? In: KOFES, S.; MANICA, D. (org.). **Vida & Grafias**: Narrativas antropológicas entre biografia e etnografia. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ, 2015. p.20-40.

LEJEUNE, P. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

- LÉVY, J. Uma virada Cartográfica? In: ACSELRAD, Henri (org). **Cartografia Sociais e Território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008. p.153-168.
- LIRA, L.S. **Diário de Bitita**: Uma narrativa interseccional sobre a história do Brasil. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em História) – Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2023.
- MACHADO, B.A. “Escrevivência”: A trajetória de Conceição Evaristo. **História Oral**, vol.17, no.1, p. 243-265, 2014.
- MACHADO, M.N.M. Os escritos de Carolina Maria de Jesus: Determinações e imaginário. **Psicologia & Sociedade**, vol.18, no.2, p. 105-110, 2006.
- MARAFON, G.J., FEVRIER, P.V.R., CORRÊA, R.S. O uso das geotecnologias na análise socioespacial. In: MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L, RIBEIRO, M.A., PESSOA, V.L.S. (org). **Pesquisa qualitativa em geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas, 2016, p. 513-532.
- MIQCB. **Nova cartografia social da Amazonia**: quebradeiras de coco babaçu do Piauí, São Luís, 2005.
- MARANDOLA, J.A.M.S.; OLIVEIRA, L. Desenhos e mapas: Representações e imagens do urbano. In **Anais do XI Encontro de geógrafos da América Latina**, vol.11, 2007. p.1-20. Disponível em: < <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal11/Nuevastecnologias/Cartografiatematica/03.pdf> >. Acesso em jan. 2025.
- MARQUES, M.L. **Metodologias para estimativa da dimensão fractal do crescimento de aglomerações metropolitanas**: Uma contribuição ao estudo da expansão urbana da Região Metropolitana de São Paulo entre 1905 e 2001. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2005.
- MARTINS, H.E.P. Formação e desenvolvimento sócio-econômico do Triângulo Mineiro. **Revista Varia História**, no.15, p.164-182, 1998.
- MASSAGLI, S.R. **A Escrita como Lugar da Cidade**: Ensaio sobre a apreensão e a representação do espaço urbano na literatura. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.
- MIRANDA, F.R. “Diário de Bitita” ou “ Um Brasil para os brasileiros”: Pós-abolição e narrativa em Carolina Maria de Jesus. **Revista Athena**, vol.17, no.2, p. 26-42, 2019.
- MIRANDA, F.R. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus**: Experiência marginal e construção estética. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.
- MORAES, A.C.R. **Geografia**: Pequena história crítica. São Paulo: Annablume, 2003.
- OLIVEIRA, L.H.S. “Escrevivências”: Rastros biográficos em Becos da memória, de Conceição Evaristo. Terra roxa e outras terras. **Revista de Estudos Literários**, Londrina, vol.17-B, p. 85-94, 2009.

- OLIVEIRA, M.H.P. A representação de si-mesmo em narrativas autobiográficas de escritores brasileiros. **Memorandum**, Belo Horizonte, vol.17, p.107-121, 2009
- PEREIRA, G.L. **Corpo, discurso e território**: a cidade em disputa nas obras da narrativa de Carolina Maria de Jesus. Tese (Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 20-21. 2015.
- PEREIRA, T.M. A cidade visível e a cidade tangível. A paisagem urbana como palimpsesto na obra de António Ole. **Revista: Estúdio**. Lisboa, vol.4, no.8, p. 181-187, 2013. Disponível em: <[https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/20013/3/estudio8\\_teresapereira.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/20013/3/estudio8_teresapereira.pdf)>. Acesso em jan. 2025.
- PESAVENTO, S.J. Com os olhos no passado: A cidade como palimpsesto. **Esboços**. vol.11, no.11, 2004, p.25-30. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/163491>>. Acesso em 10 jan. 2025.
- PLÁCIDO, V.L.S.; SANTOS, L.H.C. A importância da Cartografia Social para a compreensão do Território da Arte: Exemplo do Grupo Savuru, Campinas/SP. **Geographia Opportune Tempore**. Londrina, vol. 5, no.1, p.153-166, 2019.
- PORTUGAL, J.F. As pequenas memórias dos lugares e seu cotidiano: Geografia, Literatura e Autobiografia. In: PORTUGAL, J.F. **Geografias literárias**: Escritos, diálogos e narrativas. Salvador: EDUFBA, 2020.
- RODRIGUES, F.S.; VIEIRA, C.B.M. Escrituras com imagens: Palimpsestos, tempo e cidade. **Iluminuras**, Porto Alegre, vol.25, no.69, p.388-409, 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/137515>. Acesso em: 26 dez. 2024.
- PLAZA, J. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo, Editora Perspectiva, 2003.
- PRADO JUNIOR, C. **Formação do Brasil contemporâneo**: colônia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- RODRIGUES, L.F.M. **Palimpsesto urbano**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- SALES, T.; BAENINGER, R. Migrações internas e internacionais no Brasil: Panorama deste século. **Travessia**, vol.13, no.36, p. 33-44, 2000.
- SALGUEIRO, M.A.A. **Escrevivência**: Conceito literário de identidade afro-brasileira. In: DUARTE, C.L.; NUNES, I.R. **Escrevivência: A escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- SANTOS, M. **A natureza do Espaço**: Técnica e tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2006.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teórico e metodológico da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**: da crítica à Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

SCHIER, R.A. **Trajetórias do conceito de paisagem na geografia**. RAEGA - O Espaço Geográfico em Análise [S. l.], vol.7, 2003, p. 79-85. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3353>. Acesso em: 26 jan. 2025.

SERPA, A. Paisagem, Lugar e Região: Perspectiva teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos. **GEOUSP**, espaço e tempo, São Paulo, no.33, p.168-185, 2013.

SERPA, A. Paisagem, Lugar e Região: Perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos. **GEOUSP**, Espaço e tempo, São Paulo, n. 33, p. 168-185, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74309>>. Acesso em jan. 2025.

SERPA, A. **Por uma geografia dos espaços vividos**: Geografia e fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, E.C. **A violência social brasileira na obra de Carolina Maria de Jesus**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2016.

SILVA, E.C. Carolina Maria de Jesus e a Literatura Marginal: Uma questão de gênero. Século XXI – **Revista De Ciências Sociais**, vol.9, no.01, p. 21-52, jan/jun. 2019.

SILVA, P.; SANTOS, R. **Turismo, cultura e desenvolvimento local**: Um olhar sobre sua prática no município de Sacramento-MG, Brasil. Encontro de Geógrafos da América Latina, Montevideo, 2009.

SILVEIRA, E.L.D. Paisagem: Um conceito chave na geografia. In: **Anais do 12º Encontro EGAL**, 2009. p.1-16

SOARES, L.V.; MACHADO, P.S. “Escrivivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Psicologia Política**, vol.17, no.39, 2017.

SOUZA, G.H.P. **Carolina Maria de Jesus** .O estranho diário da escritora vira-lata. Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literatura) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

SPERLING, D. Cartografias e geopoéticas: grafias e poéticas de mundos-mais-que-humanos. **Questões transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação, vol. 12, no. 23, 2024. Disponível em: < <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/26387> >. Acesso em jan. 2025.

SUZUKI, J.C. Geografia e Literatura: Abordagens e enfoques contemporâneos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, no. 5, p. 129-147, 2017.